

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO ORGANIZACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO ORGANIZACIONAL**

ARIANY PENA DE SOUZA

**A CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA E O IMPACTO DA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DO CAFÉ NA
CRIAÇÃO DE VANTAGEM COMPETITIVA DA REGIÃO DO CERRADO MINEIRO**

**UBERLÂNDIA
2018**

ARIANY PENA DE SOUZA

**A CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA E O IMPACTO DA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DO CAFÉ NA
CRIAÇÃO DE VANTAGEM COMPETITIVA DA REGIÃO DO CERRADO MINEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Organizacional - Mestrado Profissional da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de Título de Mestre em Gestão Organizacional.

Linha de Pesquisa: Gestão Empresarial

Orientação: Prof.^a Dr.^a Janaína Maria Bueno

**UBERLÂNDIA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729c Souza, Ariany Pena de, 1990-
2018 A cadeia produtiva do café [recurso eletrônico] : uma análise da produção acadêmica brasileira e o impacto da denominação de origem do café na criação de vantagem competitiva da Região do Cerrado Mineiro / Ariany Pena de Souza. - 2018.

Orientadora: Janaína Maria Bueno.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Gestão Organizacional.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1354>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Administração. 2. Café - Cultivo. 3. Bibliometria. 4. Cerrados. I. Bueno, Janaína Maria, 1974-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Gestão Organizacional. III. Título.

CDU: 658

ARIANY PENA DE SOUZA

**A CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA E O IMPACTO DA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DO CAFÉ NA
CRIAÇÃO DE VANTAGEM COMPETITIVA DA REGIÃO DO CERRADO MINEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Gestão Organizacional - Mestrado Profissional da Faculdade
de Gestão e Negócios da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso.

Linha de Pesquisa: Gestão Empresarial

Orientação: Prof.^a Dr.^a Janaína Maria Bueno

Uberlândia, 29 de agosto de 2018.

Prof.^a Dr.^a Janaína Maria Bueno / UFU

Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues / UFU

Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Lopes / UFU

Prof. Dr. Sandro Valdecir Deretti Lemes / UNESPAR

Dedico a conclusão deste trabalho aos meus pais, a minha irmã e ao meu esposo, pelo apoio, compreensão e aconchegante torcida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela sua proteção diária, por me capacitar a conquistar objetivos e a adquirir o conhecimento apresentado neste curso e no desenvolvimento deste trabalho.

Muito obrigada também a minha família, especialmente aos meus pais, a minha irmã e ao meu esposo, que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada, desafio este que por vezes teve gosto de conquista, mas também, já outras vezes com dificuldades. Ao meu pai, por me ensinar a ter disciplina e a lutar pelos meus objetivos. A minha mãe pelo encorajamento, por deixar as dificuldades mais fáceis com seu apoio e alegria, e ainda, não medir esforços em me ajudar, para que eu obtivesse a conclusão do curso. A minha irmã por me incentivar a ir mais longe com os meus estudos, pela amizade e compartilhamento de sempre. Ao meu esposo, que partilhou comigo esta etapa, em um momento muito especial, tendo paciência com as minhas horas e horas de estudo, com companheirismo e amor.

Aos meus colegas de trabalho, também agradeço, por se desdobrarem a cumprir todas as atividades do servidor, no período em que também estive estudando. Obrigada pelo companheirismo demonstrado.

Aos docentes e colaboradores do curso, em especial a minha professora orientadora e ao coordenador do curso, meus agradecimentos, por contribuírem com meu crescimento pessoal e profissional e me incentivarem na busca pelo saber.

Agradeço aos docentes da banca de avaliação, pelas importantes contribuições para aprimoramento e melhoria do meu trabalho, conhecimentos acadêmicos compartilhados trazem incentivo e capacitação.

Aos meus colegas de sala, muito obrigada, por compartilharem seus conhecimentos e pelo companheirismo na realização dos trabalhos e atividades do curso.

Obrigada a todos que fizeram parte desta etapa.

RESUMO

A cadeia produtiva do café é tema desta dissertação e a sua importância está relacionada com a representatividade desta cadeia nas atividades do agronegócio mineiro e brasileiro, e a relevância do aprimoramento de técnicas de gestão, que possibilitam o desenvolvimento econômico, financeiro, social e sustentável das atividades econômicas, especialmente na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A dissertação é composta por dois artigos, sendo que no primeiro o objetivo foi analisar a produção científica brasileira sobre a cadeia produtiva do café, na área de Administração, entre os anos de 2007 a 2017, por meio de revisão sistemática e bibliometria. Por meio da análise de publicações foi possível evidenciar suas características e de autoria, bem como, um panorama sobre seus subtemas e suas esferas de análise, no decorrer do tempo. Destaca-se que os subtemas mais frequentes nas publicações foram: boa prática, consumo, gestão, internacionalização e estratégia e que as esferas de análise mais estudadas foram: mercado, região, consumidor e indústria. Sobre as três leis da bibliometria, indica-se que no presente estudo, a Lei de Lotka não foi comprovada, a Lei de Zipf foi confirmada e a Lei Bradford foi parcialmente constatada. Aponta-se que tem havido um considerável interesse pelo tema, com o aumento de estudos ao longo dos anos, com certa constância de subtemas e esferas de análise de pesquisa, que vão consolidando no decorrer do tempo, o conhecimento sobre a cadeia produtiva do café no Brasil. Sobre o segundo artigo, o intuito da pesquisa foi analisar a criação da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, seu papel estratégico para os produtores e as capacidades necessárias para a sua criação e implementação. O procedimento técnico de pesquisa foi o estudo de caso, sendo a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro o caso em si, com as organizações e os produtores rurais que compõem a Denominação. Foram utilizados análise documental, entrevista com uma representante da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, detentora da marca Região do Cerrado Mineiro e, também, questionário com uma representante de produtor rural e um produtor rural. Os resultados mostraram que a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, composta pela Federação dos Cafeicultores do Cerrado, cooperativas, associações, pelos armazéns credenciados e exportadores, busca junto a seus produtores rurais, produzir café com ética, rastreabilidade e de alta qualidade, cujo objetivo é integrar e desenvolver a região, conectando-a aos produtores e torrefadores. Observa-se como um fator importante a criação do Selo de Origem, que ajuda no processo de diferenciação dos cafés produzidos na região, diante do mercado. Evidencia-se que os produtores estão respondendo ao mercado, à medida que ocorrem exigências dos consumidores, os produtores têm buscado atender às demandas e, que ainda, as capacidades adaptativa e absorptiva têm sido desenvolvidas neste esforço de resposta, já a capacidade inovativa ficou pouco evidenciada. A Produção Tecnológica resultante da presente pesquisa foi a elaboração de um mapa-esquema para acompanhar a absorção e a adaptação de práticas dos cafeicultores participantes da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro.

PALAVRAS-CHAVE: cadeia produtiva do café; revisão sistemática e bibliometria; Região do Cerrado Mineiro; capacidades dinâmicas.

ABSTRACT

The coffee production chain is the theme of this dissertation and its importance is related to the representativeness of this chain in the agribusiness activities of Minas Gerais and Brazil, and the relevance of the improvement of management techniques that allow the economic, financial, social and sustainable development of economic activities, especially in the Triângulo Mineiro and Alto Paranaíba region. The dissertation is composed of two articles, the first of which was to analyze the Brazilian scientific production on the coffee production chain, in the Administration area, from 2007 to 2017, through a systematic review and bibliometrics. Through the analysis of publications it was possible to highlight its characteristics and authorship, as well as a panorama about its sub-themes and their spheres of analysis, over time. The most frequent sub-themes in the publications were: good practice, consumption, management, internationalization and strategy, and the most studied areas of analysis were: market, region, consumer and industry. On the three laws of bibliometrics, it is indicated that in the present study Lotka's Law was not proved, Zipf's Law was confirmed and the Bradford Law was partially verified. It is pointed out that there has been considerable interest in the subject, with the increase of studies over the years, with a certain constancy of sub-themes and research analysis spheres, which consolidate over time, knowledge about the coffee production chain in Brazil. On the second article, the aim of the research was to analyze the creation of the Denomination of Origin Cerrado Mineiro Region, its strategic role for the producers and the necessary capacities for its creation and implementation. The technical research procedure was the case study, the Denomination of Origin Cerrado Mineiro Region being the case itself, with the organizations and the rural producers that make up the Denomination. We used documentary analysis, interview with a representative of the Cerrado Coffee Growers Federation, holder of the Cerrado Mineiro Region brand, and also a questionnaire with a representative of a rural producer and a rural producer. The results showed that the Denomination of Origin Cerrado Mineiro Region, made up of the Federation of Coffee Growers of the Cerrado, cooperatives, associations, accredited warehouses and exporters, seeks together with its rural producers to produce coffee with ethics, traceability and high quality. objective is to integrate and develop the region, connecting it to producers and roasters. It is observed as an important factor the creation of the Seal of Origin, which helps in the process of differentiation of the coffees produced in the region, before the market. It is evident that the producers are responding to the market, as the demands of the consumers occur, the producers have tried to meet the demands and that, still, the adaptive and absorptive capacities have been developed in this effort of response, since the innovative capacity was little evidenced. The Technological Production resulting from the present research was the elaboration of a map-scheme to follow the absorption and the adaptation of practices of the coffee farmers participating in the Denomination of Origin Cerrado Mineiro Region.

KEY WORDS: coffee production chain; systematic review and bibliometry; Cerrado Mineiro Region; dynamic capabilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistematização do agronegócio	18
Figura 2 - Diagrama do sistema agroindustrial do café no Brasil	21
Figura 3 - Tipos de publicação	28
Figura 4 - Tipos de publicação por ano de publicação	29
Figura 5 - Naturezas de pesquisa	30
Figura 6 - Tipos de pesquisa	31
Figura 7 - Instrumentos de coleta de dados	32
Figura 8 - Frequência de palavras-chave	33
Figura 9 - Característica da autoria	34
Figura 10 - Número de publicações pela quantidade de autores e ano de publicação	35
Figura 11 - Instituições de Ensino mais frequentes	38
Figura 12 - Instituições de Ensino mais frequentes por ano de publicação	39
Figura 13 - Programas de Pós-graduação mais frequentes por ano de publicação	40
Figura 14 - Veículos de publicação mais frequentes por ano de publicação	41
Figura 15 - Subtemas por ano de publicação	43
Figura 16 - Subtemas por tipo de publicação	44
Figura 17 - Subtemas mais frequentes por ano de publicação	45
Figura 18 - Esferas de análise por ano de publicação	46
Figura 19 - Esferas de análise por tipo de publicação	47
Figura 20 - Subtemas e Esferas de análise mais frequentes por ano de publicação	49
Figura 21 - Esferas de análise e Subtemas mais frequentes por ano de publicação	50
Figura 22 - Subtemas e esferas de análise mais abordados nas publicações em análise	51
Figura 23 - Fontes da vantagem competitiva da localização	75
Figura 24 - Modelo integrado de capacidades dinâmicas	77
Figura 25 - Modelo de pesquisa de capacidades dinâmicas	78
Figura 26 - Mapa da Região do Cerrado Mineiro e da Denominação de Origem	84
Figura 27 - Marcos históricos sobre a Denominação de Origem	86
Figura 28 - Apresentação do Produto Tecnológico da Dissertação	103 e 104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Autores e Obras Mais Citados com Maior Frequência entre Publicações	36
Quadro 2- Perfil dos Entrevistados	83
Quadro 3 - Categorias de Análise	87
Quadro 4 - Criação da Marca	88
Quadro 5 - Denominação de Origem	89
Quadro 6 - Capacidade Adaptativa	90
Quadro 7 - Capacidade Absortiva	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CD - Capacidades Dinâmicas

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

DO - Denominação de Origem

INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

RCM - Região do Cerrado Mineiro

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SPELL - Scientific Periodicals Electronic Library

VBC - Visão Baseada em Conhecimento

VBR - Visão Baseada em Recursos

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	x
1 INTRODUÇÃO GERAL	13
2 PRIMEIRO ARTIGO - A GESTÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ - REVISÃO SISTEMÁTICA E BIBLIOMETRIA.....	15
2.1 Introdução.....	15
2.2 Referencial Teórico-Empírico	17
2.2.1 Agronegócio	18
2.2.2 Cadeia produtiva do café	19
2.3 Procedimentos Metodológicos	22
2.3.1 Classificação da pesquisa	22
2.3.2 Coleta de dados.....	25
2.3.2.1 Aplicação de filtros de pesquisa.....	25
2.3.2.2 Variáveis.....	26
2.3.2.3 Procedimentos realizados	27
2.4 Apresentação e Análise dos Resultados	28
2.5 Conclusão	52
REFERÊNCIAS	54
3 SEGUNDO ARTIGO - A DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DO CAFÉ DA REGIÃO DO CERRADO MINEIRO E AS CAPACIDADES NECESSÁRIAS PARA A SUA CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	68
3.1 Introdução.....	68
3.2 Referencial Teórico	70
3.2.1 Denominação de Origem.....	70
3.2.2 Abordagem das capacidades dinâmicas	71
3.2.1.1 Hierarquia das capacidades	75
3.2.1.1.1 Capacidade absorptiva.....	78
3.2.1.1.2 Capacidade adaptativa	79
3.2.1.1.3 Capacidade inovativa.....	80
3.3 Procedimentos Metodológicos	81
3.4 Apresentação e Análise dos Resultados	83

3.4.1 Cadeia produtiva do café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	83
3.5 Conclusão	92
REFERÊNCIAS	94
CONCLUSÃO GERAL	99
Produção Tecnológica	101
REFERÊNCIAS (GERAL)	105
APÊNDICES	106

1 INTRODUÇÃO GERAL

A cafeicultura está inserida em um importante setor brasileiro, da agricultura, e nele exerce um papel fundamental para o desenvolvimento do país, segundo Kageyama (2008, p. 56): “o desenvolvimento rural (...) é visto como um processo que envolve múltiplas dimensões: econômica, sociocultural, político-institucional e ambiental”. Entre os séculos XVIII e o início do XX, ocorreu o chamado ciclo do café, influenciado por políticas econômicas nacionais, com vistas a incentivar a cafeicultura em suas fases de adaptação e expansão, e as relações com as atividades da indústria (BACHA, 2012). Conforme Feijó (2011, p. 74), “do setor cafeeiro emana a maior parte da formação de capital no Brasil na passagem do século XIX para o século XX”. De acordo com Bacha (2012), já nos anos de 1930 a 1945, houve um período de crise na cafeicultura e a diversificação de atividades econômicas, com destaque para a industrialização. Acrescentou ainda que, a partir do ano de 1946, ocorreu o crescimento da atividade cafeeira, com um período de aceleração do processo de modernização, nos anos de 1965 a 1986.

Atualmente, conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA (2017), o parque cafeeiro brasileiro produz cafés de diferentes tipos e qualidades por estar situado em diferentes regiões, tem aproximadamente 2,22 milhões de hectares, com número de produtores em torno de 287 mil, em quase 1.900 municípios, presentes em quinze estados, com predominância de pequenas propriedades rurais, além disso, possuem associações e cooperativas em torno da produção de café. Acrescenta-se também que a atividade cafeeira é fundamental para o desenvolvimento econômico de muitos municípios, que houve aumento da produção de café sustentável e o crescimento de investimentos com certificação, que levam em consideração questões sociais e a preservação ambiental, destaca-se ainda a existência de vários programas de incentivo financeiro que visam o desenvolvimento de pesquisas, o crescimento da produtividade, a melhoria dos setores relacionados à produção, a qualificação da mão de obra, entre outros.

A Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, em seu 4º Levantamento da Safra de Café de 2016, informou que a safra cafeeira foi de 51,37 milhões de sacas de 60 kg de café beneficiado, em que os estados que mais produziram, totalizando por volta de 98,6% da produção nacional, foram: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso. Sendo que a cadeia produtiva de café promove a geração de um número maior que oito milhões de empregos no país, podendo contribuir com a qualidade de vida e enriquecimento profissional dos trabalhadores e seus familiares (MAPA, 2017).

De acordo com Silva (2013, p. 196), a cadeia produtiva retrata o enfoque de um sistema, em que o sistema representa a própria produção de bens, com o auxílio de materiais, capital e informação, cujo intuito é atender ao consumidor final. Portanto, como afirmam Ortega e Jesus (2012, p. 27):

Compreender a produção dessa cultura, consumida por milhões de pessoas mundo a fora, requer analisar um amplo e complexo processo produtivo, desde o plantio, passando pelos tratos culturais, a colheita, o beneficiamento, a comercialização do grão nos mercados interno e externo, sua industrialização e comercialização, até chegar ao consumidor final. Esta cadeia produtiva estabelece um universo de relações sociais e a constituição de instituições coordenadoras e reguladoras do processo produtivo. Mobiliza homens, máquinas, economias, sociedades, pesquisa, assistência técnica e políticas públicas (ORTEGA; JESUS, 2012, p. 27).

A partir das explanações acima, observa-se a necessidade de entender como está o panorama de pesquisas sobre esta cadeia produtiva na área de Administração, de uma forma mais macro e abrangente, para compreender qual a evolução das pesquisas e geração de conhecimento. Ao mesmo tempo, considera-se necessário pesquisar a realidade regional – do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - por ser, além de grande produtora e exportadora, também uma precursora do movimento de Denominação de Origem (DO) que pode impulsionar a agregação de valor ao produto oriundo da região.

Desta forma, esta dissertação está dividida em duas pesquisas distintas: a primeira é uma revisão sistemática com o uso de bibliometria acerca da produção científica brasileira em Administração sobre a cadeia produtiva do café e a outra é uma pesquisa de natureza empírica sobre os primeiros resultados e capacidades necessárias para a criação e implementação do processo de Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, utilizando-se como base de análise a abordagem das capacidades dinâmicas.

A revisão sistemática com uso da bibliometria pode trazer contribuições ao meio acadêmico, proporcionando compreensão de como têm-se configurado as pesquisas a respeito do tema em análise, de maneira a propiciar um agrupamento de conhecimento sobre o desenvolvimento de diversos subtemas, além disso pode auxiliar na elaboração e condução de novos estudos e agenda de pesquisa. Já com a pesquisa empírica, almeja-se contribuir para análise competitiva das organizações, especialmente a Federação dos Cafeicultores do Cerrado, as cooperativas, as associações e outras empresas pertencentes à cadeia produtiva do café, sobre os possíveis resultados de um processo de Denominação de Origem de seus produtos e quais capacidades dinâmicas precisam ser desenvolvidas para o processo.

2 PRIMEIRO ARTIGO - A GESTÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ - REVISÃO SISTEMÁTICA E BIBLIOMETRIA

2.1 Introdução

O Agronegócio é um importante setor para o Brasil, uma vez que por meio dele é realizada a administração da produção de alimentos para subsistência dos seres humanos e outros animais, assim como proporciona a geração de empregos e a movimentação de atividades econômico-financeiras. A dinâmica do mercado é composta pela oferta e pela demanda de produtos e serviços e, segundo Batalha (2009), a demanda diz respeito à capacidade de compra de bens e serviços pelos consumidores e a oferta refere-se à capacidade de venda de bens e serviços pelos produtores, ambos em momentos específicos.

No ramo do agronegócio, levando-se em conta a literatura, é considerado que a agropecuária participa do desenvolvimento econômico especialmente em cinco funções: com o fornecimento de alimentos para a população geral; com o provimento de capital para a ampliação do setor não agrícola; com o oferecimento de mão de obra com vistas a proporcionar expansão e variedade de atividades econômicas; ao delimitar a aquisição de insumos e bens de capitais para as atividades econômicas; e ao compor o mercado consumidor do setor não agrícola (BACHA, 2012). Sobre a economia brasileira, o autor ainda destaca a importância da agropecuária em viabilizar matéria-prima para o setor industrial.

Especificamente, o café pode ser considerado um produto relevante tanto da perspectiva da produção, da exportação, como do ponto de vista do consumo. O Brasil tem sido classificado como o maior produtor e exportador de café do mundo e o segundo país com maior consumo de café, além disso, a cadeia produtiva de café possibilita mais de oito milhões de empregos (RANK BRASIL, 2014).

O café é um dos produtos mais consumidos no mundo e há no mercado cafés com diferentes características, variedade de tipos, aromas e sabor, podendo ser utilizado em grãos, torrado e moído, cápsulas, sachês e outros, podendo ser usado na bebida, na gastronomia, na agricultura e até em cosméticos. Conforme o MAPA (2017), as diversas regiões brasileiras em que o café é produzido possibilitam que haja cafés com variedades em qualidade e aroma, pois são produzidos sob diferentes fatores climáticos, altitudes e tipos de solo, tanto café arábica quanto robusta.

Faz-se importante o estudo da sua cadeia produtiva, uma vez que permite verificar a atuação e desenvolvimento dos agentes participantes dos processos de produção: “A análise da cadeia produtiva permite visualizar as ações e inter-relações entre todos os envolvidos que participam do segmento” (SOARES; JACOMETTI, 2015, p. 98). Tendo em vista auxiliar no avanço da cadeia produtiva do café, busca-se em diversas pesquisas o desenvolvimento de novas técnicas ou o aperfeiçoamento de técnicas já existentes, sejam na forma de tecnologias, no trato e manejo ou ainda na apresentação e consumo do café.

Em busca de competitividade, investimentos em pesquisas têm sido realizados por instituições públicas e privadas, no sentido de estudar além dos setores individualmente, o sistema que abrange a elaboração dos produtos para o consumo (VIEIRA et al. 2001). Nesse sentido, a academia busca promover pesquisas que visam compreender e agregar conhecimento ao processo de produção de café, nos processos agroindustriais que envolvem plantio, colheita, processamento, beneficiamento, classificação do café e outros. Assim, almeja-se contribuir com técnicas de gestão que proporcionem o oferecimento de um produto de qualidade.

Sobre a produção de café, destacam-se processos como processamento, classificação, industrialização e consumo do café. O processamento ou preparo do café ocorre depois da colheita, podendo ser processados por “via seca” ou “via úmida”, sendo os cafés de terreiros ou os cafés despulpados, respectivamente; a etapa de classificação do café refere-se à avaliação de qualidade, importante para definição de preço e aprovação no mercado, cujas fases da classificação, são: classificação por tipos (defeitos) e classificação por qualidade; a industrialização do café ocorre, de maneira geral, por meio da indústria de torrefação e moagem, e também da solubilização, que são os cafés solúveis; o consumo de café pode ser feito da bebida ou utilizados na culinária, por exemplo (MATIELLO, 1991).

Segundo o MAPA (2017), no Brasil tem-se o Consórcio Pesquisa Café, o qual proporciona o mais amplo programa mundial de pesquisas em café, já tendo viabilizado cerca de 4500 pesquisas em 18 anos, sendo estudos sobre biotecnologia, desenvolvimento de equipamentos, clima, manejo de pragas e doenças, melhoria de processos e outras diversas áreas da cadeia produtiva do café, a fim de oferecer melhorias aos consumidores, destaca-se a relevância do desenvolvimento de pesquisas pela contribuição com o progresso da cafeicultura brasileira.

O tema deste artigo é a cadeia produtiva do café na perspectiva dos estudos acadêmicos da área de Administração. A sua importância está na representatividade desta cadeia produtiva nas atividades do agronegócio brasileiro e a relevância do aprimoramento de técnicas de gestão, que possibilitaram o desenvolvimento econômico, financeiro, social e sustentável das atividades inseridas nesta cadeia produtiva. Do ponto de vista de contribuição acadêmica, observa-se que não foi realizada nenhuma revisão sistemática, pesquisa bibliográfica ou bibliométrica sobre este tema que pudesse auxiliar na compreensão de como foi o seu desenvolvimento, autores, instituições e publicações de referência, além da evolução do tema e seus subtemas ao longo dos anos.

Dessa forma, o problema de pesquisa é: *qual a produção científica brasileira da área de Administração sobre a cadeia produtiva do café, durante os anos de 2007 a 2017?* E tem como objetivo geral analisar qual é a produção científica brasileira e suas contribuições sobre a cadeia produtiva do café, nos anos de 2007 a 2017, por meio de revisão sistemática e bibliometria sobre o tema. A pesquisa tem como justificativa a relevância do café na economia brasileira e a importância do conhecimento acadêmico para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de práticas na sua cadeia produtiva, uma vez que a academia pode trazer contribuições indispensáveis à área gerencial.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: a presente introdução; o referencial teórico-empírico, que oferece sustentação ao estudo realizado, apontando importantes conceitos e discussões sobre o agronegócio e a cadeia produtiva do café; os procedimentos metodológicos que foram utilizados para consecução da pesquisa, especificamente a revisão sistemática e a bibliometria; a apresentação e análise dos resultados encontrados; e a conclusão.

2.2 Referencial Teórico-Empírico

No referencial teórico-empírico foram abordados os temas agronegócio e cadeia produtiva do café, em que foram evidenciados os principais conceitos sobre esta cadeia produtiva e os autores clássicos. E também sobre a revisão sistemática e bibliometria ou revisão bibliométrica, técnica que será utilizada na pesquisa, mencionando como ela deve ser feita, quais seus objetivos e resultados esperados. Posteriormente, nos resultados da pesquisa foram verificados os subtemas mais recentes e o desenvolvimento dos estudos analisados, de modo geral.

2.2.1 Agronegócio

Os termos agricultura e agropecuária por vezes são utilizados com a mesma definição, podendo-se adotar o termo agropecuária para se referir de forma ampla as atividades que utilizam a terra como fator de produção, sendo a agricultura e a pecuária consideradas subsetores da agropecuária (BACHA, 2012). Já o termo *agronegócio* “é a tradução do termo *agribusiness* e se refere ao conjunto de atividades vinculadas com a agropecuária” (BACHA, 2012, p. 2). Segundo Zanella e Lago (2016, p. 358), “o agronegócio é a atividade econômica que envolve a agricultura e pecuária, englobando desde a produção dos insumos até o consumo dos produtos agropecuários”. Sendo o agronegócio considerado uma das principais atividades que sustentam a economia do Brasil (SILVA; PINHEIRO; MUYLDER, 2014).

O setor agropecuário tem aspectos específicos, com demanda relativamente constante e oferta influenciada por fatores como clima e sazonalidade, ocasionando inconstâncias no mercado. Diante das características do setor e da relevância da produção alimentar e do fornecimento de matéria-prima para o setor industrial, têm sido elaboradas políticas agrícolas específicas (BATALHA, 2009). Na Figura 1, apresenta-se a sistematização do agronegócio.

Figura 1 - Sistematização do agronegócio

Insumos	Produção	Comercialização de produtos “in natura”	Processamento/ serviços/ embalagem e distribuição	Consumo
Crédito	Alimentos (origem)	A vista (cash)	Novos Produtos	Doméstico
Defensivos	Agrícola	Futuros	Nutrição	Exportação
Máquinas	Pecuária	Armazenagem	Nova Tecnologia	
Fertilizantes	Não Alimentos (Agroflorestais)		Perdas	
Rações			Transporte	
Irrigações			Regulamentação	
Outros			Marketing	
			Outros	

Fonte: Adaptado Frahan, apud Soares e Jacometti (2015, p. 96).

De acordo com Soares e Jacometti (2015), o agronegócio é considerado como a integração de atividades classificadas em pelo menos quatro categorias, a saber: fornecimento de insumos; práticas relacionadas à agropecuária; processos da agroindústria; operações referentes à armazenagem, transporte e distribuição. O café é um produto que possui expressiva relevância socioeconômica no desenvolvimento nacional (FEHR et al., 2012) e, para Vieira et al. (2001, p. 141): “estratégias de investimento em pesquisa e desenvolvimento, qualidade, produção de cafés especiais e marketing aliam-se à necessidade constante de oferta regular do produto, contribuindo para reduzir a volatilidade de preços, típica desse mercado”.

O café é um produto que ao longo da história brasileira teve uma participação efetiva no crescimento do país, seja no decorrer da Primeira, Segunda ou Terceira Onda do Consumo do Café. A Primeira Onda ocorreu no período pós-guerras, onde o consumo do café acontecia mais pela utilização do que pela apreciação das suas características, a comercialização era feita com café de qualidade inferior; na Segunda Onda, observou-se o aumento na qualidade do café commodity, com o início de redes de cafeterias de café gourmet, com agregação de sofisticação e valor ao produto; na Terceira Onda, a qualidade do café tem muita importância, busca-se compreender os atributos da bebida, de forma a evidenciar o sabor, sendo relevante o acompanhamento de cada um dos processos, como produção, torrefação e preparo, assim adquirindo complexidade (SILVA; GUIMARÃES, 2012).

2.2.2 Cadeia produtiva do café

Algumas características da cultura do café no Brasil podem ser definidas, tais como: o parque cafeeiro (área e população da lavoura); a produção e as safras colhidas; as regiões que produzem a cultura e o cultivo; os problemas relacionados à técnica e à economia; as condições de competitividade (MATIELLO et al., 2010). A perspectiva da cadeia produtiva é ampla, por se tratar de um conjunto de agentes e processos para a produção de um produto ou serviço, assim estudar a cadeia produtiva cafeeira pode auxiliar a compreender não só a produção do café, mas também a sua comercialização, industrialização e consumo.

A cultura do café é cultivada em várias regiões do Brasil, sendo produzidos diversificados tipos de produtos, podendo ser citado o café natural, despulpado, descascado, com bebida suave, ácido, encorpado, café aromático, café especial e outros, o que propicia o atendimento de diferentes demandas. O Brasil é considerado o maior produtor e o segundo país que mais

consome café no mundo, é também o maior exportador, sendo o café o quinto produto mais exportado do agronegócio brasileiro, apresentando no ano de 2016, 9,8% das exportações brasileiras, de acordo com o Balanço Comercial do Agronegócio do MAPA (2017).

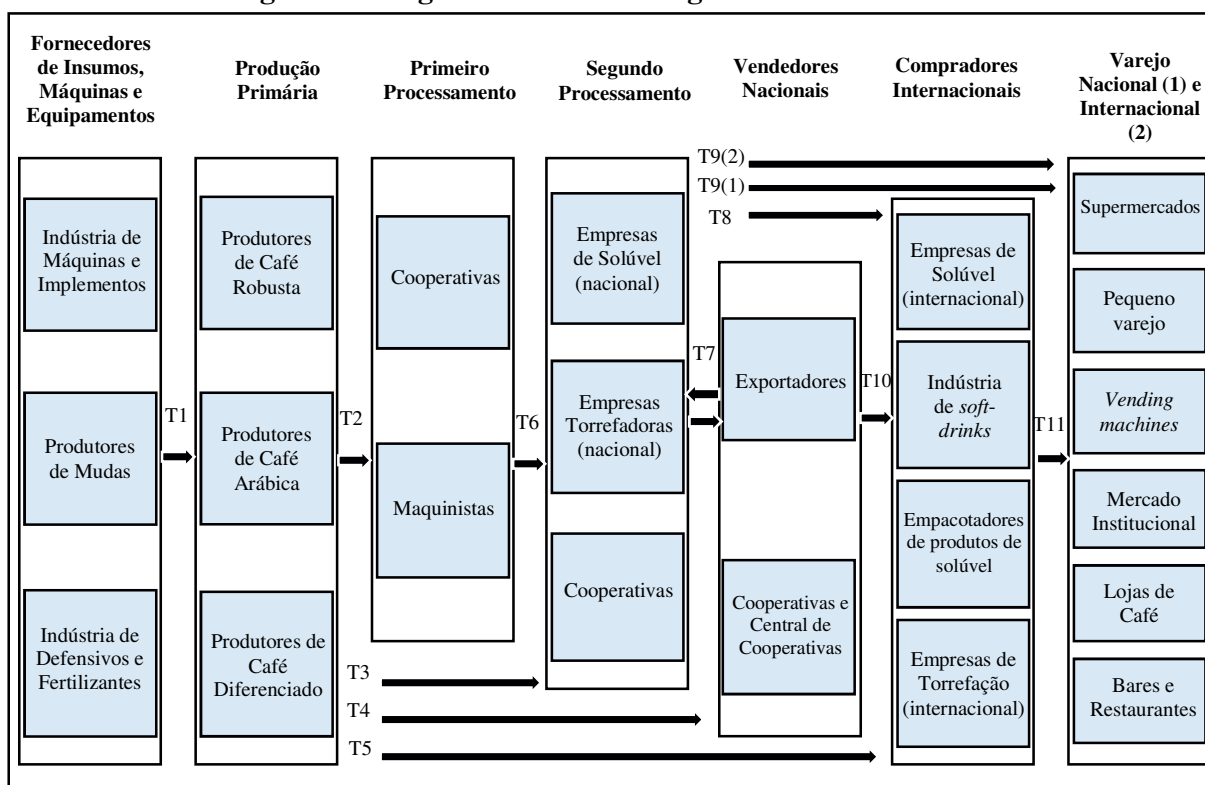
Segundo Vieira et al (2001) já argumentavam, se por um lado, o crescimento da demanda por café commodity é lento, o consumo de cafés especiais se expande com rapidez, assinalando alterações no mercado competitivo. Nesse sentido, sinaliza-se a busca pelo aumento de produtividade e qualidade da produção de café, bem como a especialização de nichos de mercado e a estabilidade da oferta, com redução da alta volatilidade de preços. De acordo com Fleury e Fleury (2003, p. 130) “o processo de globalização dos negócios está acelerando o ritmo de mudanças em termos de como a produção de bens e serviços está sendo projetada e implementada”, por isso, diante de desafios para o setor, destaca-se a necessidade de discussão sobre novos procedimentos para sua estruturação e uso de tecnologias.

De acordo com Bronzeri e Bulgacov (2014) o termo cadeia produtiva pode ser usado para demonstrar etapas feitas por diferentes empresas, referentes a materiais e processos utilizados na produção de produtos e na prestação de serviços. O conceito de cadeia de suprimentos, o conceito de cadeia produtiva e o conceito de cadeia de produção, às vezes, são utilizados como sinônimos, contudo, em geral, o termo cadeia produtiva é relacionado a atividades que representam um setor industrial e pode ser compreendido de maneira similar ao conceito francês de *analyse de filière*, o qual é muitas vezes associado ao setor agroindustrial (PIRES, 2010).

Em relação à cadeia produtiva, “a economia cafeeira no Brasil abrange 5 setores: a produção, a indústria de torrado e moído, a indústria de solúvel, o comércio (interno e externo) e o consumidor” (MATIELLO et al., 2010, p. 20). A cadeia agroindustrial do café inicia-se com os insumos de produção, compreende também a produção na propriedade rural, os processos de beneficiamento e comercialização, as indústrias torrefadoras e as indústrias solubilizadoras, assim como os exportadores, importadores, atacadistas e varejistas, são agentes da cadeia produtiva os operadores de máquinas, as cooperativas e os corretores (VIEIRA et al., 2001).

A Figura 2 demonstra as etapas e fluxos do sistema agroindustrial do café no Brasil, apresentando os elos da cadeia produtiva, tais como: insumos e equipamentos, produção, processamentos, vendas, compras e varejo, assim como seus agentes e processos. Tendo em vista indicar a movimentação dos fluxos no sistema, foram elencados os marcadores no diagrama (T1 a T11), podendo assim facilitar o entendimento da cadeia produtiva do café.

Figura 2 - Diagrama do Sistema Agroindustrial do café no Brasil



Fonte: Adaptado de Saes e Farina (1999, p. 49).

Saes e Farina (1999) mencionam as seguintes evidenciações: a transação T1 ocorre entre os fornecedores de insumos, máquinas e equipamentos e a produção primária de café, os insumos são adquiridos junto a cooperativas e outros, e alguns equipamentos utilizados são as colheitadeiras, os secadores, os separadores de café, entre outros; a transação T2 envolve a produção primária e o primeiro processamento, em que cooperativas e maquinistas auxiliam os produtores, ou até mesmo são utilizados pelos produtores equipamentos próprios, alcançando assim, o café beneficiado, a etapa do segundo processamento; as etapas T6 e T3 são realizadas por empresas de solúvel (nacional), empresas torrefadoras (nacional) e cooperativas, podendo ocorrer à mediação de cooperativas, maquinistas, exportadores e/ou corretores, e ainda, a venda diretamente às indústrias de processamento ou por meio de cooperativas; em T4 e T5 podem ocorrer a venda direta de café beneficiado para vendedores nacionais, sendo exportadores e cooperativas e/ou compradores internacionais, sendo indústria de solúvel e de torrefação e moagem; a transação T9 (1) representa a parcela da produção da indústria de torrefação e moagem destinada ao mercado nacional (parcela praticamente total da produção) e as T7 e T9 (2)

representam o escoamento para o mercado internacional (parcela muito pequena); já em relação à indústria solúvel, as transações T7, T8 e T9 (2) evidenciam a parcela que é escoada para o mercado internacional (parcela significativa), enquanto a transação T9 (1) representa a parcela destinada ao mercado nacional (parcela pequena); em T10 mostra a venda realizada pelos exportadores, as cooperativas e centrais de cooperativas aos compradores internacionais, em T7 (flecha inversa) evidencia a venda de matéria-prima pelos exportadores a indústria nacional e na etapa T11 representa a venda realizada pelos compradores internacionais ao mercado internacional; menciona-se que o corretor auxilia, com informações, no processo de compra e venda de matéria-prima, mas que essa atuação tende a diminuir devido ao crescimento da disponibilidade de informações.

Devido à complexidade envolvida na gestão de uma cadeia produtiva e com isso, o intuito de produzir pesquisas específicas e focadas, muitos estudos se atêm a pesquisar apenas uma etapa ou algum agente da cadeia produtiva, como por exemplo, a produção ou a comercialização. Neste contexto, foi proposto pela presente pesquisa, realizar uma revisão sistemática e bibliométrica de produção científica acerca da cadeia produtiva como um todo.

2.3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é a busca formalizada com objetivo de compreender a realidade, por meio de análise normalizada, sistemática e científica, verificação de variáveis, fatos e informações (MEDEIROS, 2010). Nesse item foram mencionados os procedimentos metodológicos utilizados para a consecução da presente pesquisa, especificamente a classificação do estudo e as etapas realizadas para a coleta de dados.

2.3.1 Classificação da pesquisa

Este trabalho pode ser classificado, quanto aos objetivos, em pesquisa descritiva e, segundo Gil (2010, p. 27) as pesquisas descritivas “têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis”.

Quanto aos métodos, a pesquisa pode ser classificada como uma revisão sistemática com uso de bibliometria. A revisão sistemática proporciona uma perspectiva geral de estudos realizados, os quais tem maneira expressa, os objetivos definidos, bem como materiais e métodos

utilizados, com metodologia reproduzível, é importante apontar que quando se realiza uma revisão sistemática, busca-se que a pesquisa de artigos relevantes seja completa, no entanto, incorreções podem ocorrer (GREENHALGH, 1997). Acrescenta o autor algumas vantagens da utilização da revisão sistemática, tais como: uma grande quantidade de informações pode ser compreendida com agilidade, novas hipóteses de estudos futuros podem ser geradas, resultados de diferentes estudos podem ser observados, assim como uma revisão sistemática quantitativa (meta-análise) pode contribuir com a precisão dos resultados.

A revisão sistemática é uma investigação científica, realizada a partir de métodos e critérios que objetivam limitar vieses e erros, em busca de identificar os artigos relevantes e seus assuntos, avaliar suas características, sintetizar seus dados e interpretar seus resultados (COOK; MULROW; HAYNES, 1997). Acrescentam os autores que há a revisão sistemática qualitativa, quando se analisam os resultados de estudos, sem o uso de estatísticas, e a revisão sistemática quantitativa ou meta-análise, quando métodos estatísticos são utilizados para combinar os resultados de estudos.

Ferenhof e Fernandes (2016) propõem um modelo de revisão sistemática que consiste das seguintes fases: definição do protocolo de pesquisa; análise dos artigos selecionados; síntese dos resultados, com relatórios e matriz de síntese; e escrever, de forma científica, os resultados usando a matriz do conhecimento. No presente estudo, por meio da revisão sistemática, foi elaborado um protocolo para desenvolvimento dos procedimentos da pesquisa; em seguida buscaram-se as publicações nas bases de dados definidas, por meio de termos de busca e da aplicação de filtros; obtendo-se assim informações para análise bibliométrica e apontamento de considerações, conforme descrito no item 2.3.2 e demais subitens.

Segundo Vanti (2002, p. 152),

a avaliação, dentro de um determinado ramo do conhecimento, permite dignificar o saber quando métodos confiáveis e sistemáticos são utilizados para mostrar à sociedade como tal saber vem-se desenvolvendo e de que forma tem contribuído para resolver os problemas que se apresentam dentro de sua área de abrangência (VANTI, 2002, p. 152).

Pode-se classificar as técnicas quantitativas de avaliação da produtividade científica como bibliometria, cienciometria, informetria e webometria, as quais têm além de afinidades, maneiras diferentes para quantificação das informações (VANTI, 2002; MACHADO JUNIOR et al., 2016). A revisão por meio da bibliometria, método escolhido para utilização no presente artigo, pode auxiliar no intuito de medir as características das publicações acadêmicas.

Para Ruiz (2013, p. 48) “pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência. É o método de abordagem de um problema em estudo que caracteriza o aspecto científico de uma pesquisa”. De acordo com Santos (2015) umas das formas mais importantes de análise da produção científica, por considerarem a maneira que o conhecimento foi gerado, são as pesquisas com utilização da bibliometria, uma vez que realizam levantamentos sobre publicações anteriores.

Segundo Tague-Sutcliffe (1992), a bibliometria é uma análise de características quantitativas de estudos, assim como da difusão da produção e também a respeito da utilização de informações, as quais são realizadas a partir de medidas e modelos matemáticos, que possibilitam antecipar e tomar decisões acerca de um assunto. Braga (1974) afirma que a bibliometria além de procedimentos comuns que podem auxiliar na apuração do número de especialistas demandados para atender leitores, é também fundamentada com formalidade, aprimoramento e estrutura. Acrescenta ainda que a bibliometria verifica a relação entre variáveis distintas entre elas, observando a disposição das mesmas, as variáveis analisadas podem ser: artigos, documentos, periódicos, instituições, produção, consumo, citações, número de autores entre outras.

De acordo com Spinak (1998), a bibliometria é a técnica que utiliza análise quantitativa, por meio de métodos estatísticos ou matemáticos para estudar a produção de documentos e as características de utilização e elaboração de documentos, sejam livros, mídias, itens físicos publicados ou itens bibliográficos e outros. Assim, a bibliometria auxilia no levantamento e na sistematização de estudos, podendo colaborar com análises acerca do tema estudado, por meio da verificação das principais temáticas, tendências, lacunas, principais autores e publicações relevantes.

Destacam-se três leis importantes para a bibliometria, propostas pelos pesquisadores Lotka, Zipf e Bradford, sendo a Lei de Lotka ou Lei do Quadrado Inverso, a Lei de Zipf ou Lei do Mínimo Esforço e a Lei Bradford ou Lei de Dispersão (VANTI, 2002; MACHADO JUNIOR, et al., 2016). As três leis da bibliometria norteiam a presente pesquisa onde, segundo Vanti (2002) a Lei de Lotka tem como intuito, medir a produtividade científica dos autores, a Lei de Zipf objetiva medir a frequência em que as palavras aparecem no texto e a Lei Bradford busca medir a produtividade dos periódicos, identificar o núcleo e a área de dispersão do assunto.

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, análogo ao modelo proposto por Ferenhof e Fernandes (2016), por meio das seguintes fases: definição do protocolo de pesquisa; análise dos artigos selecionados; sintetização dos resultados, com relatórios e matriz de síntese; e escrita dos resultados com base na matriz de conhecimento. Para tanto, os dados foram analisados e apresentados por meio de uma bibliometria (revisão bibliométrica). Esses procedimentos foram realizados similarmente ao trabalho de Struecker e Hoffmann (2017).

Para a análise dos dados, foi utilizada uma abordagem quantitativa, por meio da realização de estatística descritiva e da quantificação das características das publicações estudadas. De acordo com Silva e Menezes (2005) a pesquisa quantitativa permite representar em números, por meio de estatísticas, informações e ideias, possibilitando sua identificação e análise. Para Batalha (2009), a estatística descritiva é uma técnica que pode auxiliar na compreensão de contextos, visa estruturar dados amostrais e descrevê-los, com o uso de tabelas, gráficos e porcentagens.

2.3.2 Coleta de dados

De acordo com Severino (2007) há bancos de dados da Internet que possuem fontes bibliográficas, sendo acessados por sistemas de busca, o que possibilita aprimorar os levantamentos a respeito dessas publicações, cita alguns sites importantes para esse tipo de pesquisa, entre eles o Portal da Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) e o Portal SciELO (Scientific Electronic Library Online). A primeira fase compreendeu a pesquisa sistemática de publicações nas bibliotecas eletrônicas Spell (Scientific Periodicals Electronic Library) e SciELO, nos anos de 2007 a 2017 e no Catálogo de Teses e Dissertações Capes, nos anos de 2013 a 2017, com a aplicação de filtros de pesquisa, definidos como parte do protocolo de pesquisa.

2.3.2.1 Aplicação de filtros de pesquisa

A pesquisa foi realizada na área da Administração da Cafeicultura, com o descritor de busca “café”, na biblioteca eletrônica Spell e no Catálogo de Teses e Dissertações Capes, enquanto na SciELO o descritor de busca utilizado foi “cafe”. Mediante a aplicação de alguns filtros como ano de publicação, tipo de documento, área de conhecimento, área temática e coleção, a quantidade inicial foi constituída por 69 artigos da Spell, 12 artigos da SciELO e 58 dissertações ou teses do Catálogo de Teses e Dissertações Capes.

Sobre a definição dos anos de publicação definidos, de 2007 a 2017, optou-se por selecionar os estudos dos onze anos mais recentes em relação a presente pesquisa, afim de que fosse analisado o recorte temporal mais atual existente e que este não ficasse muito extenso, para que os resultados pudessem ser evidenciados com foco de temporalidade. Referente ao ano de 2012 e anteriormente, as dissertações e as teses não estavam disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, na Plataforma Sucupira, por isso não compuseram os dados. As bases de dados escolhidas são brasileiras, Spell, SciELO e Catálogo de Teses e Dissertações Capes, devido ao assunto pesquisado neste trabalho ser a cadeia produtiva do café no Brasil e seus diversos subtemas abordados nos estudos, sendo assim listadas publicações sem restrição quanto ao idioma, retornando textos no idioma português ou inglês. Trabalhos de eventos não participaram da coleta de dados, devido à dificuldade de aplicação de filtros de pesquisa.

A pesquisa inicial retornou o total de 139 publicações, da qual foram excluídas 40 publicações devido aos seguintes motivos: o assunto abordado não era o objetivo do estudo, não tendo relação direta com a pesquisa; artigos que foram apresentados simultaneamente nas duas bibliotecas eletrônicas; dissertações com artigos originários delas e semelhantes às mesmas participantes da amostra; e disponibilidade apenas do resumo de algumas publicações, o que não permitiu a coleta de todos os dados necessários para a realização da pesquisa. Assim, foram selecionadas 99 publicações, sendo 64 artigos, componentes das bibliotecas eletrônicas Spell e SciELO, bem como 27 dissertações e 8 teses, componentes do Catálogo de Teses e Dissertações Capes. Em seguida, foram coletados os dados a serem analisados na bibliometria.

2.3.2.2 Variáveis

Para a realização da revisão utilizando a bibliometria foram selecionadas algumas variáveis a serem observadas e utilizadas na análise, sendo: tipo de publicação, ano de publicação; natureza de pesquisa; tipo de pesquisa; instrumento de coleta de dados de pesquisa; Instituição de Ensino; programa da Instituição de Ensino; veículo de publicação; subtema de pesquisa; esfera de análise de pesquisa; palavras-chave, número de autores e co-citações mais frequentes. Os subtemas e as esferas de análise foram evidenciados a partir da verificação do título da publicação, resumo, palavras-chave e/ou ainda referencial teórico, tendo uma relativa avaliação subjetiva por parte da pesquisadora, na definição desses elementos.

Após a realização do levantamento dos dados, iniciou-se a segunda fase, procedendo à análise dos mesmos. Realizou-se contagem do número de publicações para variáveis, comparativo entre algumas variáveis, levantamento dos subtemas e das esferas de análise por ano de publicação, alguns recortes de variáveis e, ainda, contagem de palavras-chave, de número de autores e de co-citações mais frequentes. Foi procedida também estatística descritiva das variáveis e frequência das variáveis.

Em princípio, os dados foram tratados de forma separada, visto que uma análise foi realizada para os artigos e outra análise foi feita para as dissertações e teses, com o intuito de facilitar o entendimento prévio dos resultados. Em um segundo momento, os dados foram unificados e com o suporte do software SPSS, foi realizada à análise dos mesmos.

Com o estudo bibliométrico, observou-se o número de publicações no decorrer dos anos; o tipo de publicações; o tipo, a natureza e o instrumento de coleta de dados da pesquisa; as instituições, os programas e os periódicos responsáveis pela maioria das publicações nos subtemas; buscou-se identificar e categorizar as publicações por subtemas e esferas de análise, com vistas a compreender as temáticas em torno do desenvolvimento da cadeia produtiva do café; palavras-chave mais frequentes; o número de autores; autores que foram mais citados nas publicações. Posteriormente, procedeu-se a análises de estatísticas descritivas e frequência e, em seguida, uma análise geral sobre as publicações.

2.3.2.3 Procedimentos realizados

Para finalização deste estudo, foi procedida à análise, de forma sistemática, de quais os subtemas foram focados nas pesquisas e as esferas de análise mais abordadas, sendo elaborada uma linha do tempo destacando-se os principais recortes temporais e assim apontando contribuições quanto à evolução do tema cadeia produtiva do café. Depois foram observadas as autorias mais frequentes nas citações das publicações em estudo, verificando assim a continuidade ou não dos autores no prosseguimento das pesquisas sobre os subtemas estudados, as parcerias entre autores e entre instituições ao longo do tempo. Para tanto, foram feitos os seguintes procedimentos:

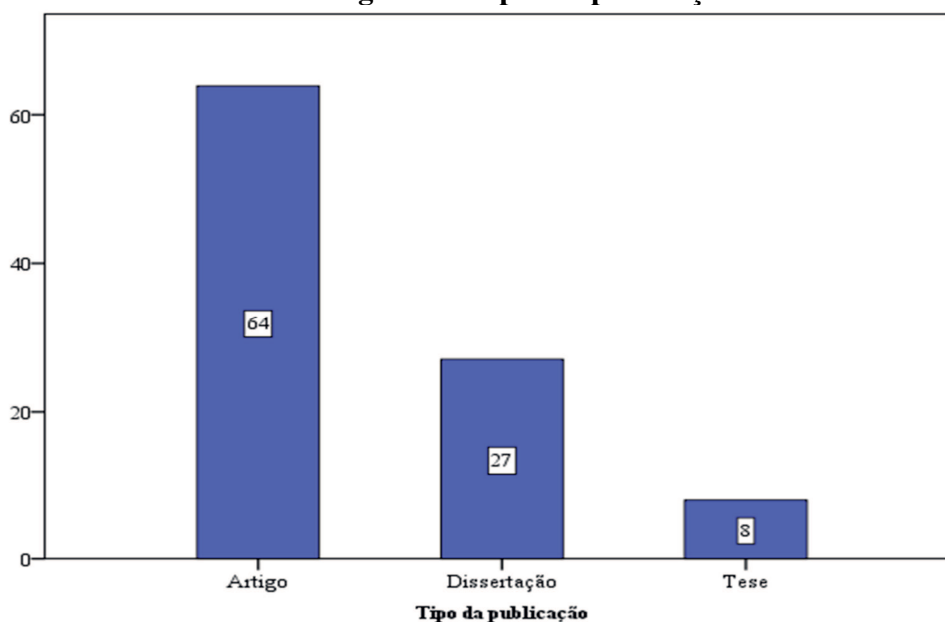
- a) Coleta e análise de dados referente aos anos 2007-2017;
- b) Levantamento de variáveis, contagem, frequência e estatística descritiva;
- c) Indicação dos subtemas e esferas de análise na linha do tempo;

- d) Levantamento dos autores mais frequentes nas citações das publicações e as suas áreas de atuação de pesquisa, identificando as co-citações e as obras mais citadas;
- e) Levantamento das palavras-chave mais citadas;
- f) Elaboração da conclusão sobre o artigo.

2.4 Apresentação e Análise dos Resultados

Pode-se perceber, conforme Figura 3, que do número total de publicações, sessenta e quatro delas são artigos (64,65%), vinte e sete são dissertações (27,27%) e oito (8,08%) são teses.

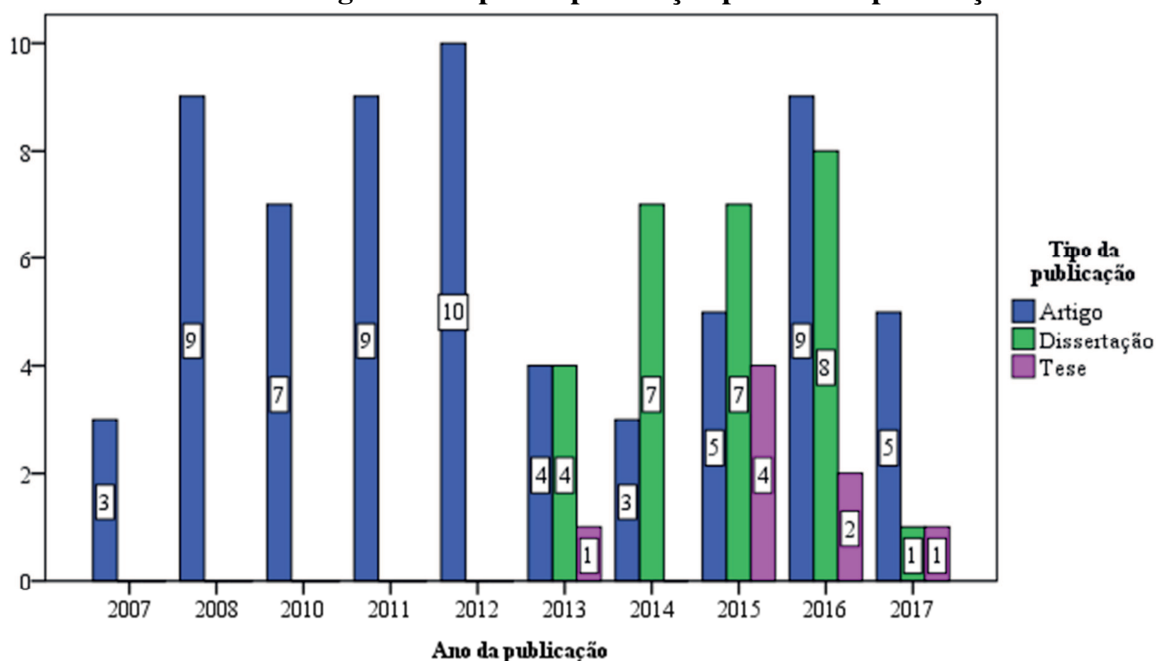
Figura 3 - Tipos de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 4 apresenta a distribuição de frequência para cada tipo de publicação: artigos, dissertações e teses, conforme o ano de publicação.

Figura 4 - Tipos de publicação por ano de publicação



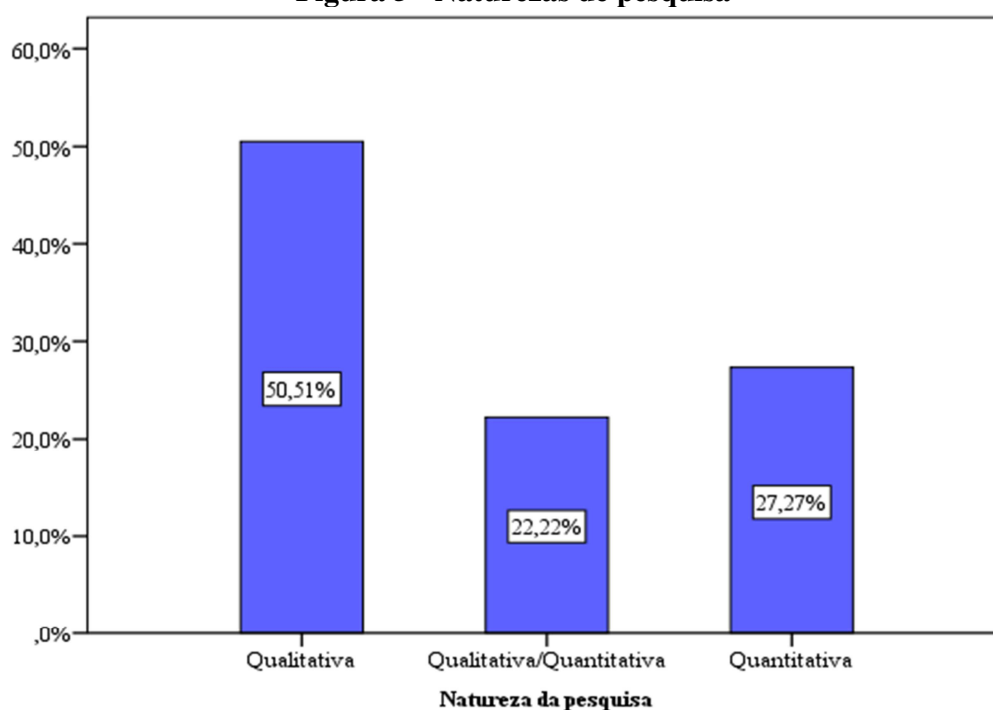
Fonte: dados da pesquisa.

Ressalta-se que do ano de 2007 ao ano de 2012, somente artigos compuseram a pesquisa, uma vez que referente a esse período as teses e dissertações não estavam disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. De acordo com a Figura 4, no ano de 2007 o número de publicações foi pouco expressivo (3), tendo um aumento, com frequência similar entre os anos de 2008 a 2012, entre sete e dez publicações nesse período. Foi observado também que no ano de 2009 não houve publicações de artigos de acordo com os critérios de busca, nas bases de dados pesquisadas. Em seguida, ocorreu uma redução de publicações de artigos no ano de 2013, tendo-se quatro artigos publicados. No ano de 2013, as dissertações e teses iniciaram a composição na pesquisa. Referente ao ano de 2013 e 2014, mantiveram-se entre nove e dez publicações, em 2013 foram quatro artigos, quatro dissertações e uma tese e no ano de 2014 foram três artigos e sete dissertações. No ano de 2015 e 2016 houve uma alteração no quadro de publicações dos últimos anos, destacando-se um crescimento geral de publicações referente aos anos anteriores. O ano de 2015, em relação ao ano de 2014, teve aumento do número de publicações em 60%, tendo o total de dezesseis publicações. No ano de 2016, em relação ao ano anterior, houve mais um aumento no número de publicações, sendo o ano em que teve mais publicações participantes da amostra, o total de dezenove publicações, com nove artigos, oito dissertações e duas teses. Já no

ano de 2017, ocorreu uma redução do número de publicações referente aos anos anteriores, tendo-se o total de sete publicações.

As Figuras 5, 6 e 7 contêm as informações sobre a natureza de pesquisa, tipo de pesquisa, e instrumento de coleta de dados e a porcentagem de publicações para cada um deles. Observa-se que a natureza da pesquisa com maior frequência foi a qualitativa, utilizada em 50,51% das publicações, enquanto que a natureza qualitativa/quantitativa ou mista teve 22,22% de representação e a quantitativa 27,27%.

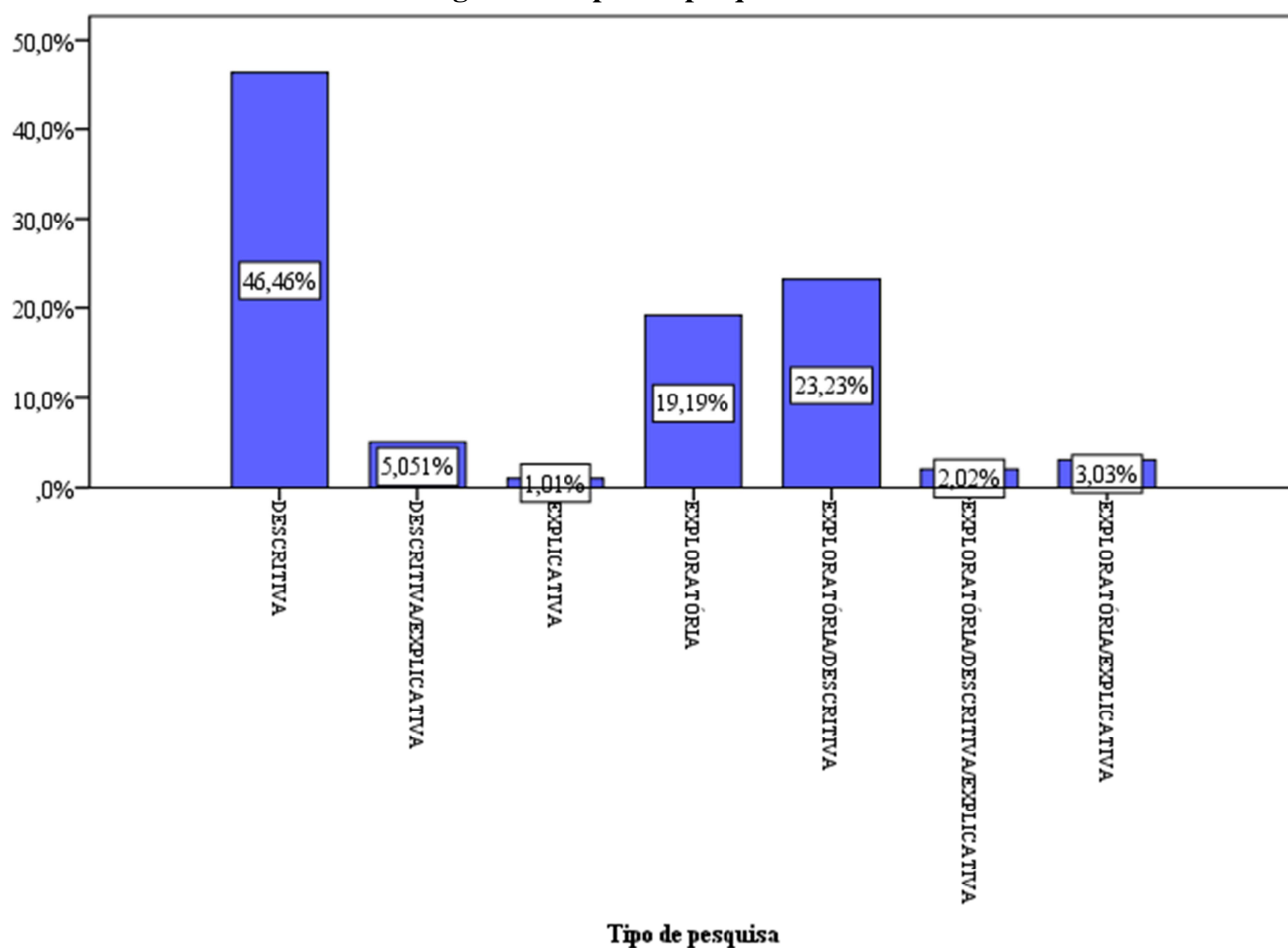
Figura 5 - Naturezas de pesquisa



Fonte: dados da pesquisa.

Com relação ao tipo de pesquisa, segundo apresentado na Figura 6, foi percebida a predominância da pesquisa descritiva nas publicações em estudo, acerca dos subtemas em análise (46,46%), seguida da pesquisa exploratória/descritiva (23,23%) e da pesquisa exploratória (19,19%). Pode ser observado que as pesquisas sobre os subtemas apresentados com a característica descritiva/explicativa; explicativa; exploratória/descritiva/explicativa; e exploratória/explicativa; foram pouco evidenciadas nos estudos analisados.

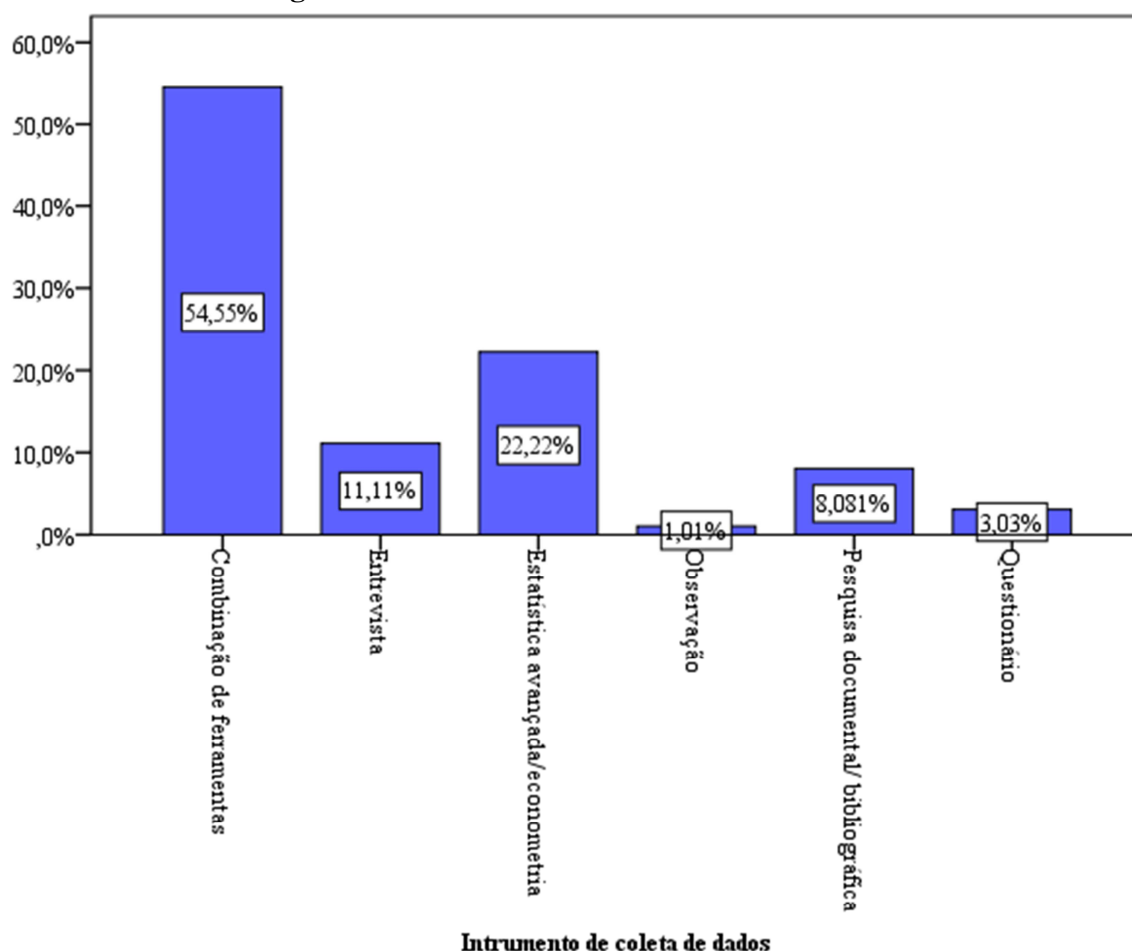
Figura 6 - Tipos de pesquisa



Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se, conforme a Figura 7, que a maioria dos artigos, das teses e das dissertações foi realizada utilizando como instrumento de coleta de dados uma combinação de ferramentas, sejam na forma de etapas ou triangulação de métodos, entre eles, entrevistas, questionários, observação, estatística e outros. Assim foi possível evidenciar que os autores adotaram, em geral, mais de um método de pesquisa para alcançar os objetivos propostos em suas pesquisas, uma vez que 54,55% das publicações utilizaram essa técnica. Questionário e observação, separadamente, foram métodos pouco utilizados nos estudos em análise. As publicações em que foi utilizada estatística avançada/econometria representaram 22,22% do total da amostra, as que foram realizadas por meio de entrevista 11,11% e de pesquisa documental/bibliográfica 8,081%.

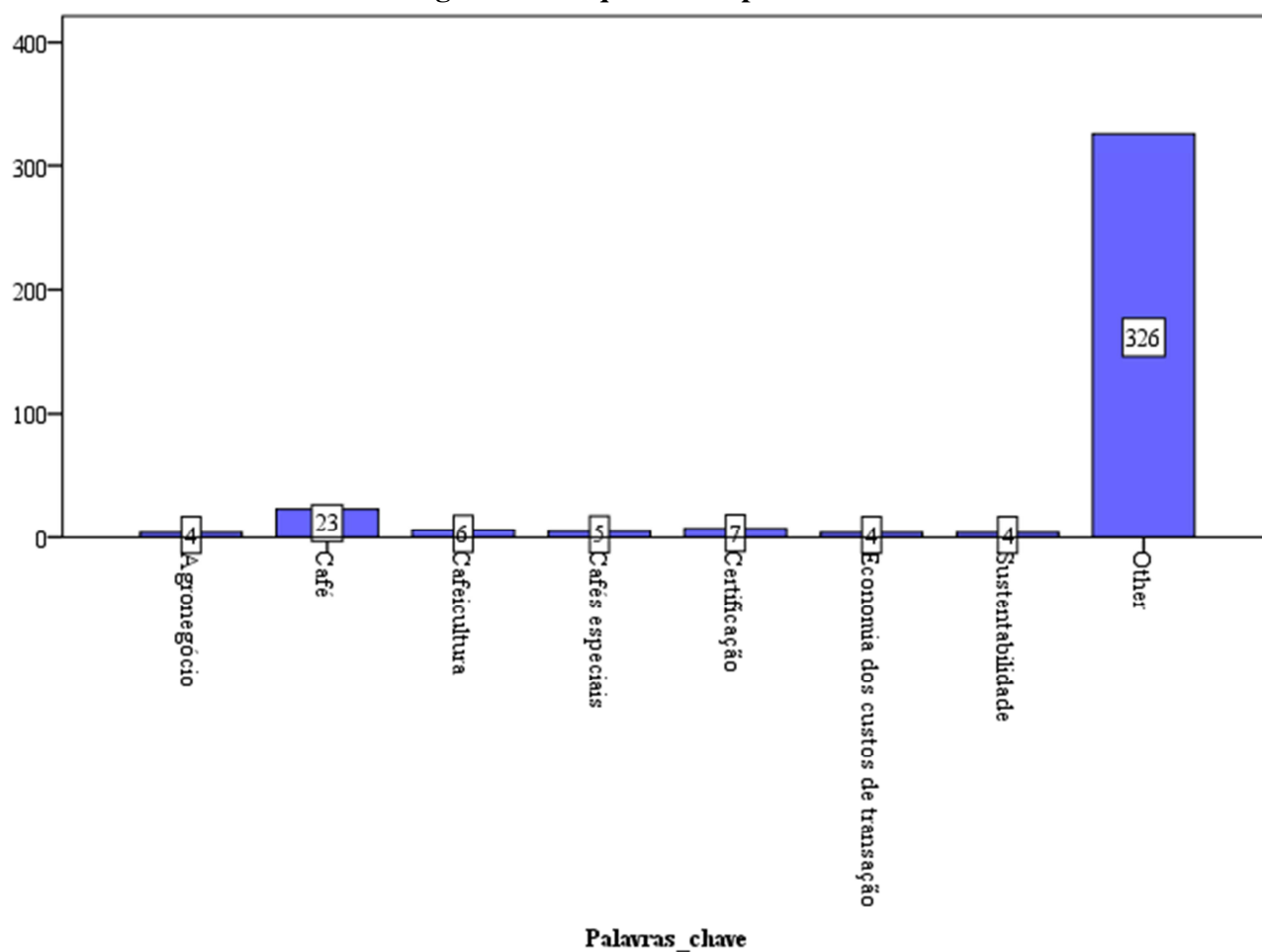
Figura 7 - Instrumentos de coleta de dados



Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 8 apresenta a distribuição de frequência das palavras-chave nas publicações em análise. A variável “Other” do software SPSS foi utilizada a fim de que viabilizasse a interpretação dos dados. Assim foi realizada a contagem das palavras-chave que tiveram maior frequência, sendo o procedimento feito a partir da participação de todas as palavras-chave, em que a variável “Other” foi a junção das palavras-chave com participação menor que 1%, uma vez que as palavras-chave não se repetiam em sua maioria. O resultado encontrado foi que as palavras-chave com a maior frequência foram as palavras “Café” (23 vezes), “Certificação” (7 vezes), “Cafeicultura” (6 vezes), “Cafés especiais” (5 vezes), “Agronegócio” (4 vezes), “Economia dos custos de transação” (4 vezes) e “Sustentabilidade” (4 vezes).

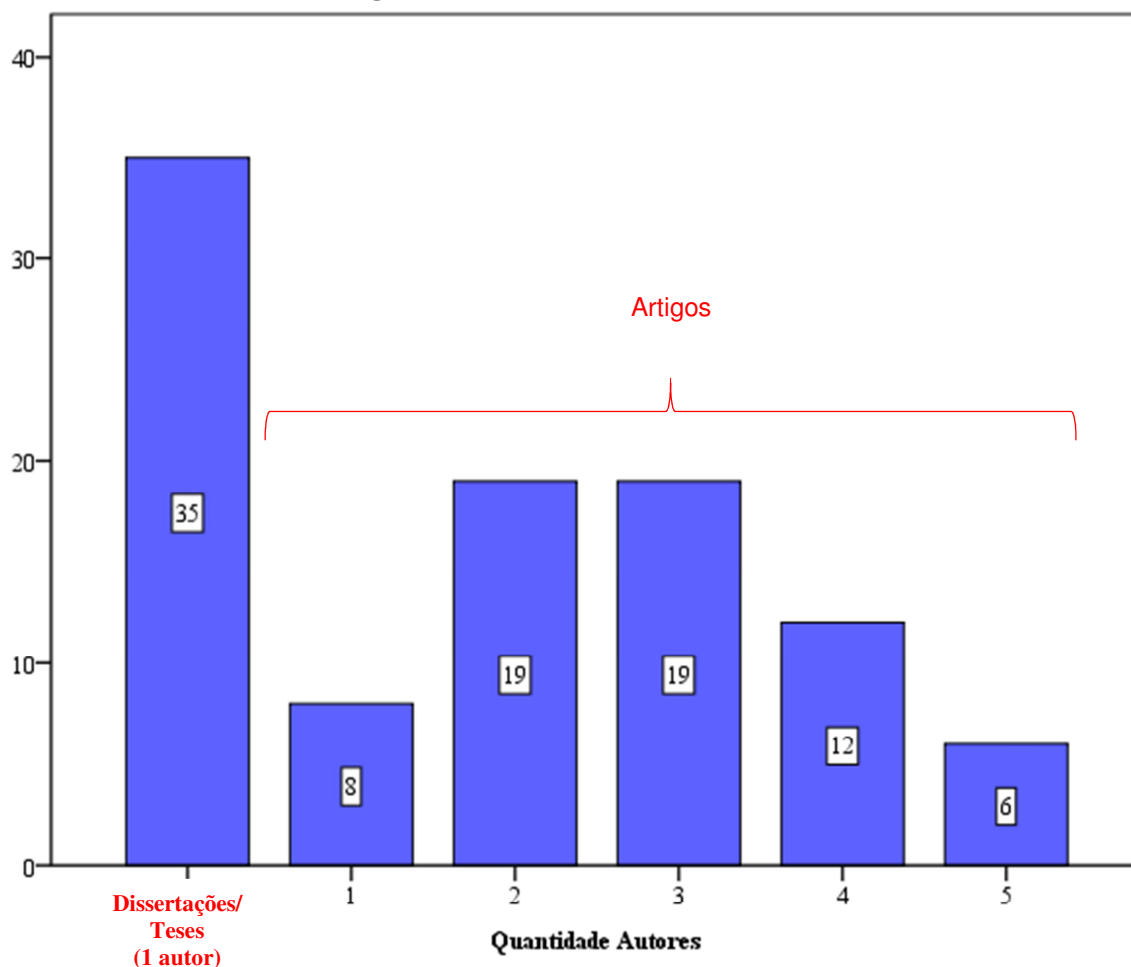
Figura 8 - Frequência de palavras-chave



Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 9 apresenta a autoria das publicações, observa-se que, obviamente, as trinta e cinco dissertações e teses foram escritas por um autor e dos sessenta e quatro artigos em análise, 29,69% foram escritos por dois autores, 29,69% por três autores, 18,75% por quatro autores, 12,50% por um autor e 9,38% por cinco autores.

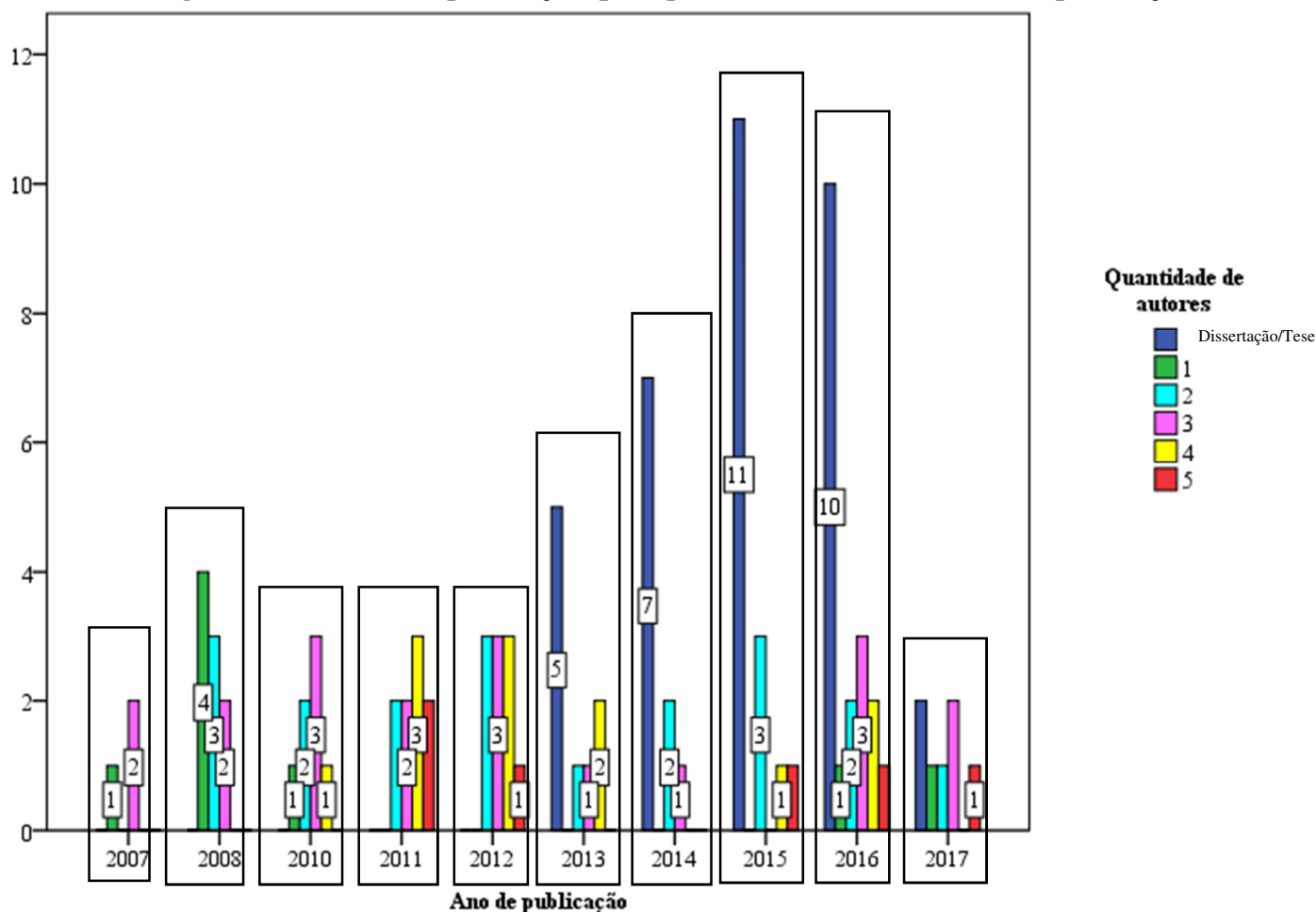
Figura 9 - Característica da autoria



Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 10 contém o levantamento da quantidade de publicações para cada número de autores, por ano. As colunas representam o número de autores participantes das publicações, no eixo x do gráfico estão relacionados os anos e no eixo y o número de publicações. Destaca-se que a maioria dos artigos foi realizada por dois ou três autores. Observa-se assim que há uma predominância nos artigos das autorias formadas por dois e três autores, ou seja, 59,38%. Foi percebido que 12,50% dos artigos foram realizados individualmente, sendo o total de 87,50% dos artigos elaborados de forma conjunta.

Figura 10 - Número de publicações pela quantidade de autores e ano de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

A seguir, foram listados os autores mais mencionados nas citações, sendo Williamson (1985) e Zylbersztajn e Farina (2001), as respectivas obras e a frequência em que foram evidenciadas como uma das três obras mais citadas em cada publicação, conforme Quadro 1. As publicações foram observadas pela pesquisadora a fim de que fossem encontradas as três citações que mais se repetiam. Essa análise foi realizada por meio de contagem e posteriormente foram verificadas as citações mais frequentes entre as publicações.

Quadro 1: Autores e Obras Mais Citados com Maior Frequência entre Publicações

Autor	Obra	Maior Frequência entre Publicações
Oliver Eaton Williamson	Williamson, O. E. The economic institutions of capitalism: firms, markets, relational contracting. New York: Free Press, 1985.	Quatro vezes
Decio Zylbersztajn Elizabeth Maria Mercier Querido Farina	Zylbersztajn, D.; Farina, E. M. M. Q. Diagnóstico sobre o sistema agroindustrial de cafés especiais e qualidade superior do Estado de Minas Gerais: relatório final PENSA/FEA/USP. São Paulo: USP, 2001. 152 p.	Três vezes

Fonte: dados da pesquisa.

Foi observado que do total de publicações analisadas, dezoito publicações (18,18%) são provenientes de dezoito das Instituições de Ensino (54,55%) que tiveram apenas uma publicação participante da pesquisa. As outras oitenta e uma publicações (81,82%) estão relacionadas a quinze Instituições de Ensino (45,45%), que tiveram mais de uma publicação.

A Figura 11 contempla as Instituições de Ensino que tiveram mais de uma publicação participante da pesquisa. Foi possível destacar, que das noventa e nove publicações analisadas, trinta e três são oriundas da Universidade Federal de Lavras, treze da Universidade de São Paulo e as outras trinta e cinco (35,35%) advém das seguintes Instituições: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (3 publicações), Fundação Getúlio Vargas (4 publicações), Universidade Estadual Paulista (4 publicações), Universidade Municipal de São Caetano do Sul (4 publicações), Centro Universitário UNA (3 publicações), Escola Superior de Propaganda e Marketing (3 publicações).

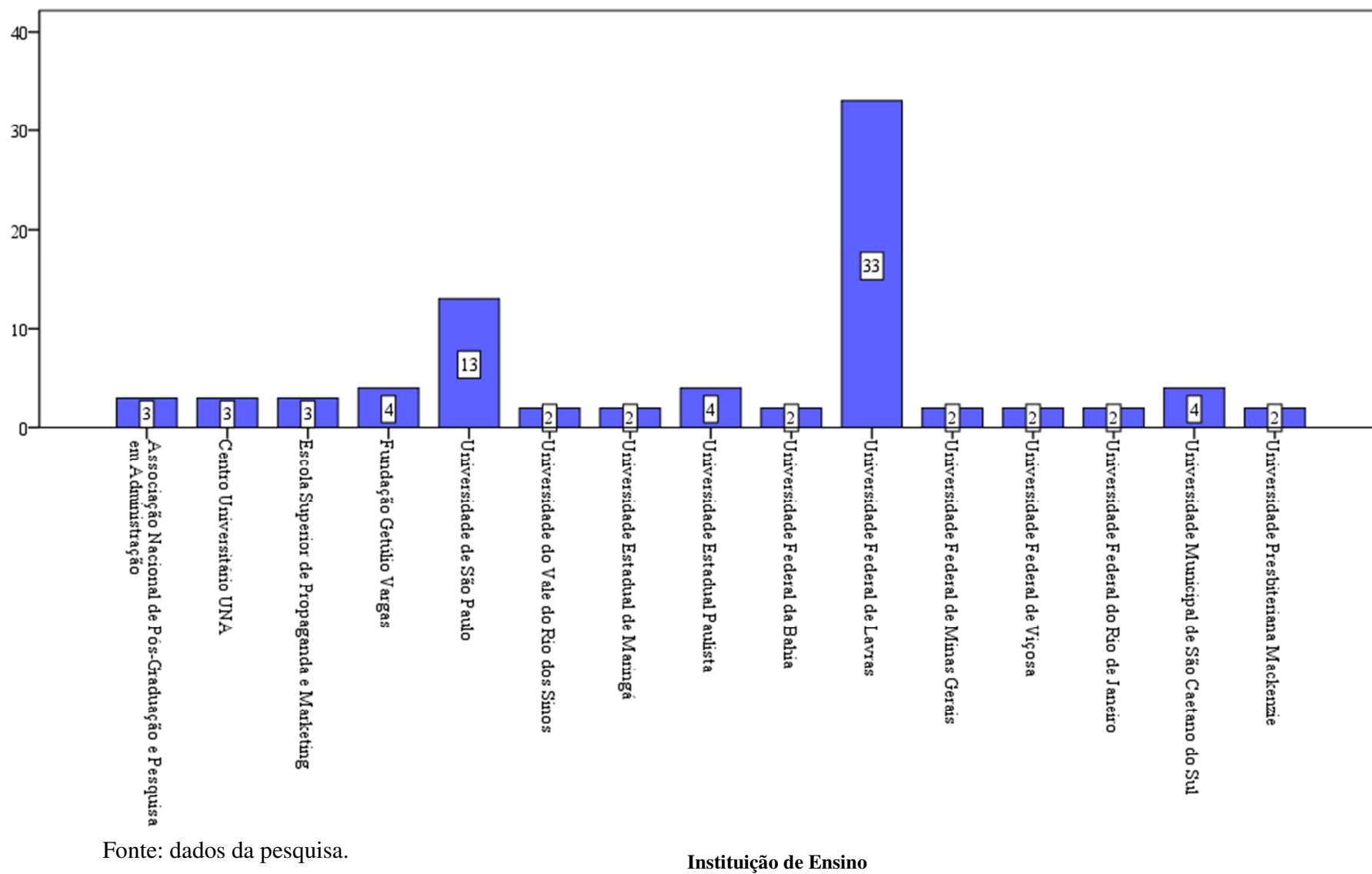
Adicionalmente, na Figura 12, pode ser observado além das Instituições mais frequentes, o ano de publicação das mesmas, verificando-se a predominância da participação da Universidade de Lavras, com destaque de duas publicações no ano de 2008 e 2013, três no ano de 2010, quatro publicações em 2011, 2012 e 2014, oito publicações no ano de 2015 e seis no ano de

2016, assim como da Universidade de São Paulo com uma publicação no ano de 2007, 2008, 2010, 2015 e 2016, duas publicações no ano de 2011, três publicações nos anos de 2013 e 2017.

A Figura 13 contém a quantidade de Programas de Pós-Graduação por ano e as noventa e nove publicações da amostra estão relacionadas a quarenta e sete Programas de Pós-graduação, destacando-se que vinte publicações são da área Administração e Economia - Universidade Federal de Lavras (20,20% do total de publicações) e que treze publicações são da área Administração - Universidade Federal de Lavras (13,13% do total de publicações). Nota-se que no ano de 2015, houve a concentração de seis publicações na área Administração - Universidade Federal de Lavras.

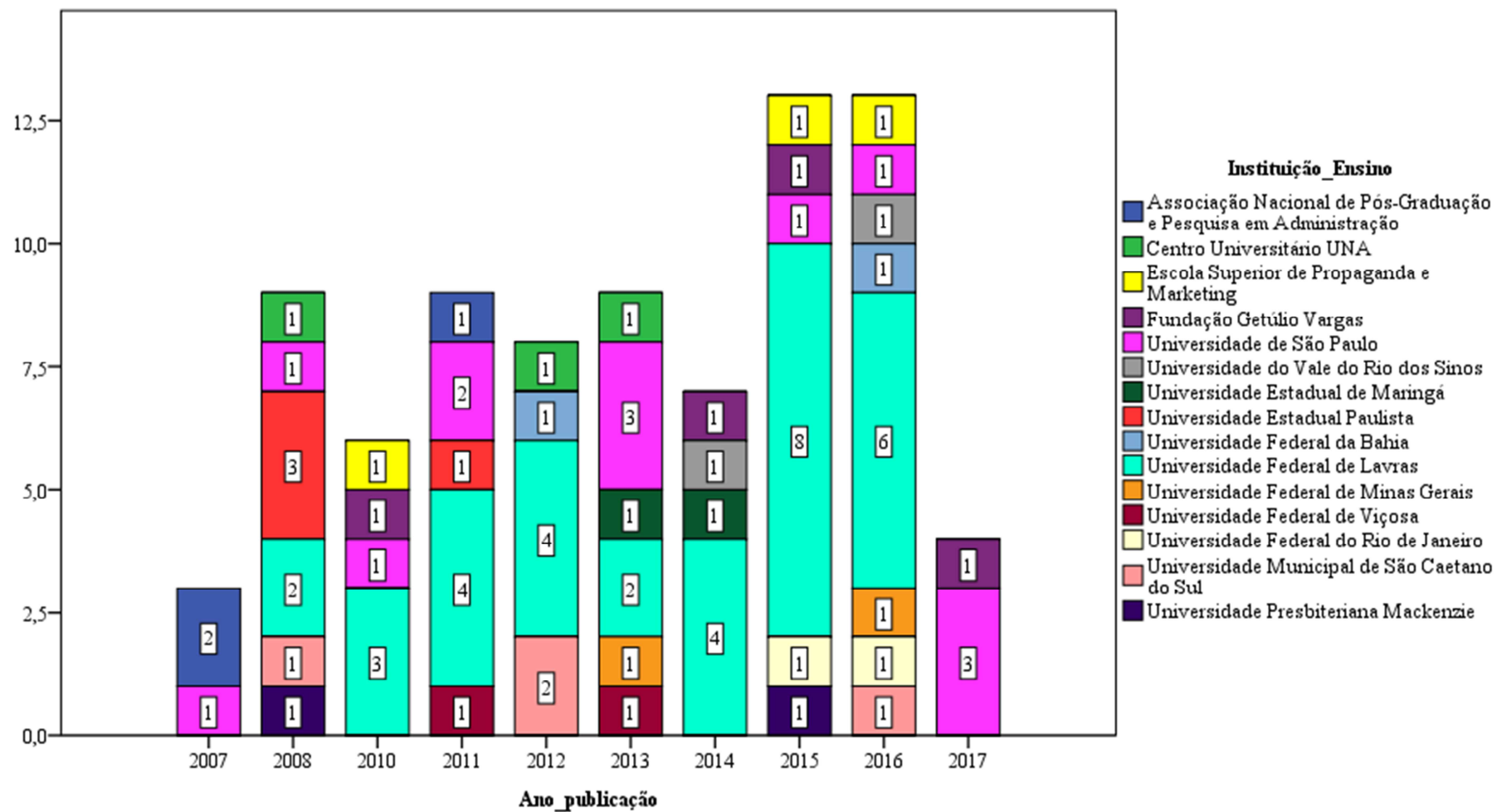
As publicações participantes da amostra foram obtidas de quarenta e oito veículos de publicação distintos, entre eles Periódicos e Programas de Pós-Graduação. Como mostrado na Figura 14, das noventa e nove publicações em estudo, vinte publicações foram oriundas do Periódico Organizações Rurais e Agroindustriais (20,20% do total de publicações) e nove publicações do Mestrado em Administração - Lavras (9,09% do total de publicações). Ressalta-se que foram frequentes também: Revista de Administração (5 publicações); Doutorado em Administração - Universidade Federal de Lavras (4 publicações); Gestão e Regionalidade (4 publicações); Interface (4 publicações); Revista de Gestão (4 publicações); e Revista de Administração Contemporânea (3 publicações).

Figura 11 - Instituições de Ensino mais frequentes



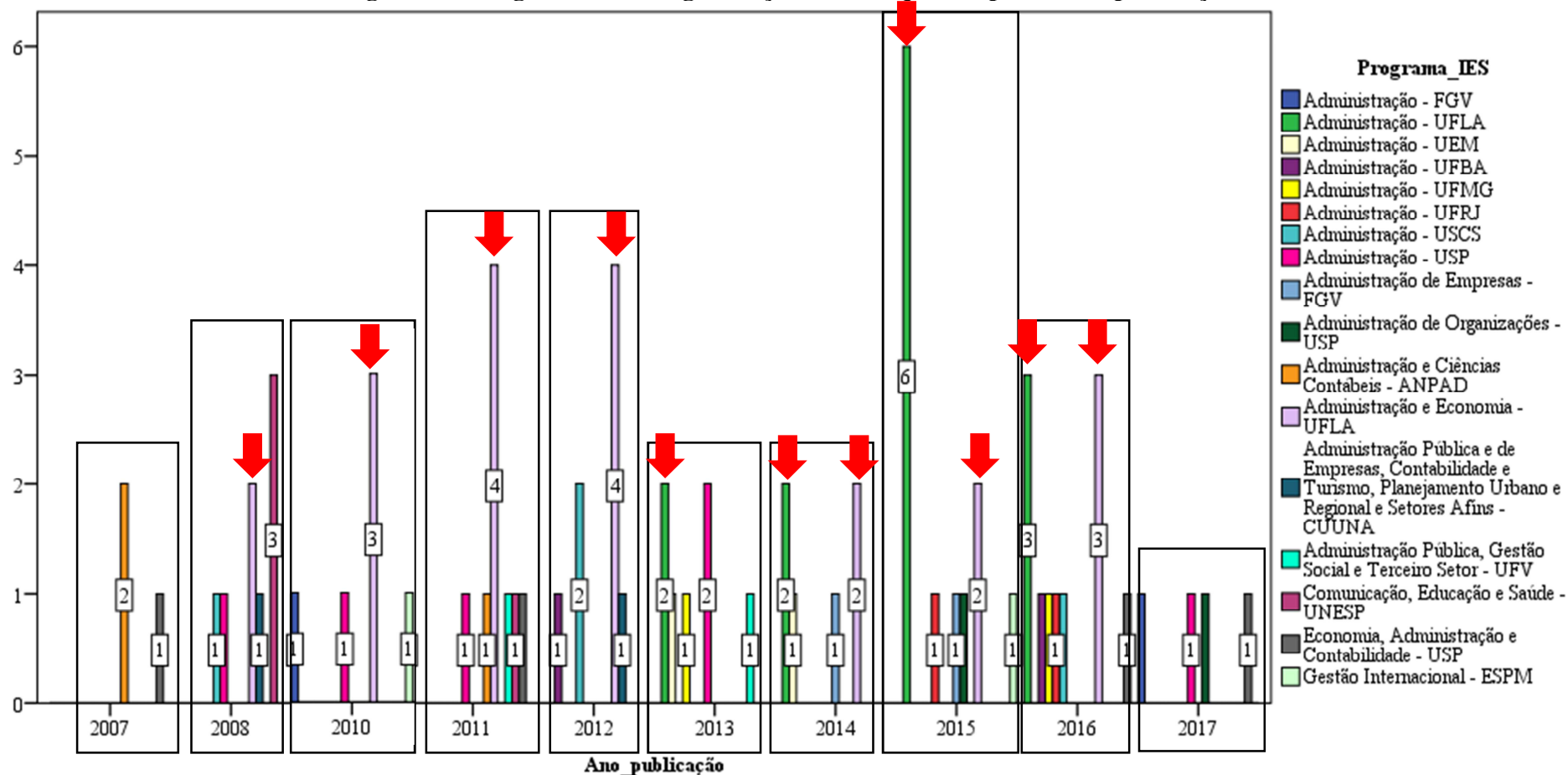
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 12 - Instituições de Ensino mais frequentes por ano de publicação



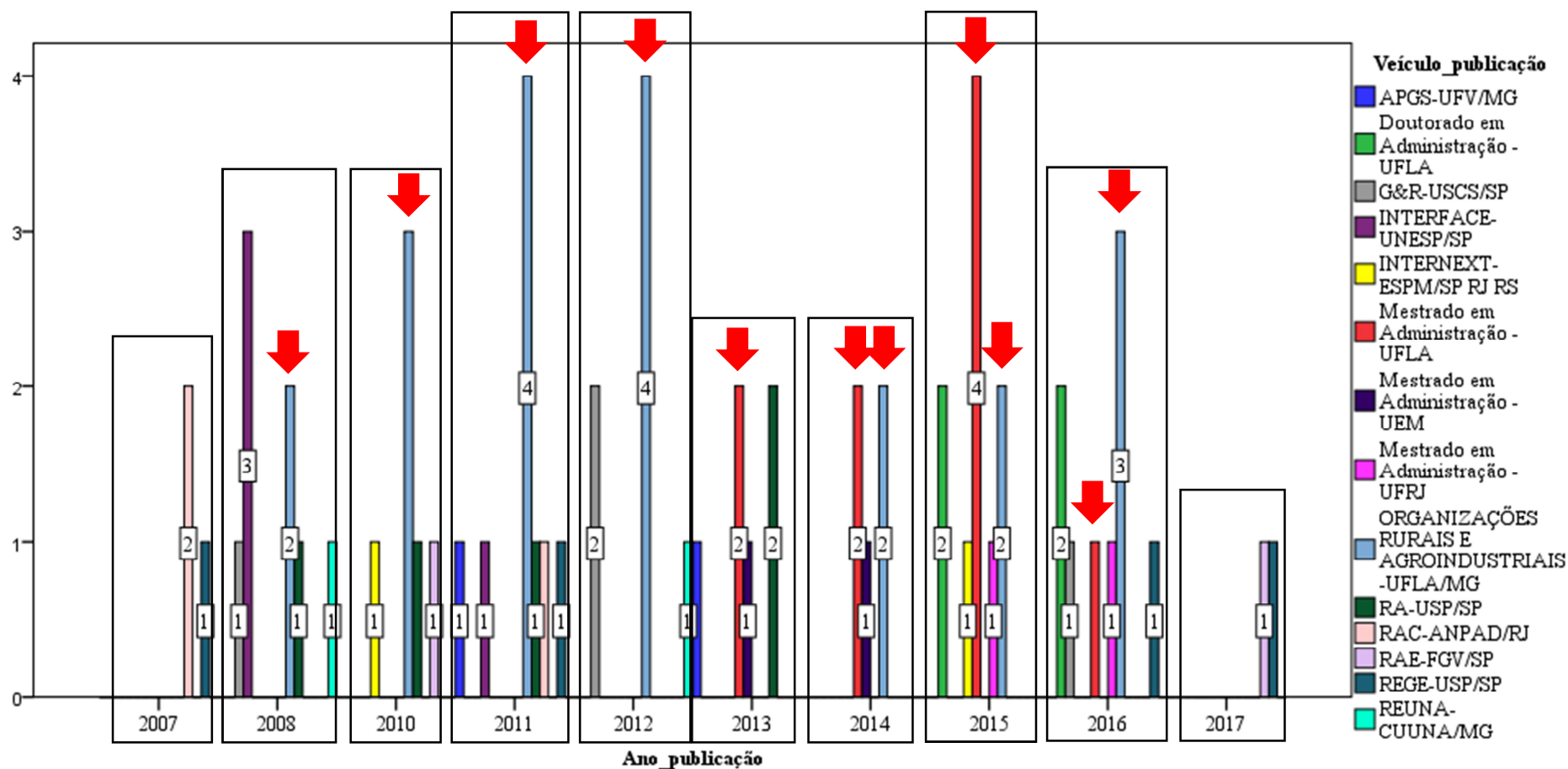
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 13 - Programas de Pós-graduação mais frequentes por ano de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 14 - Veículos de publicação mais frequentes por ano de publicação



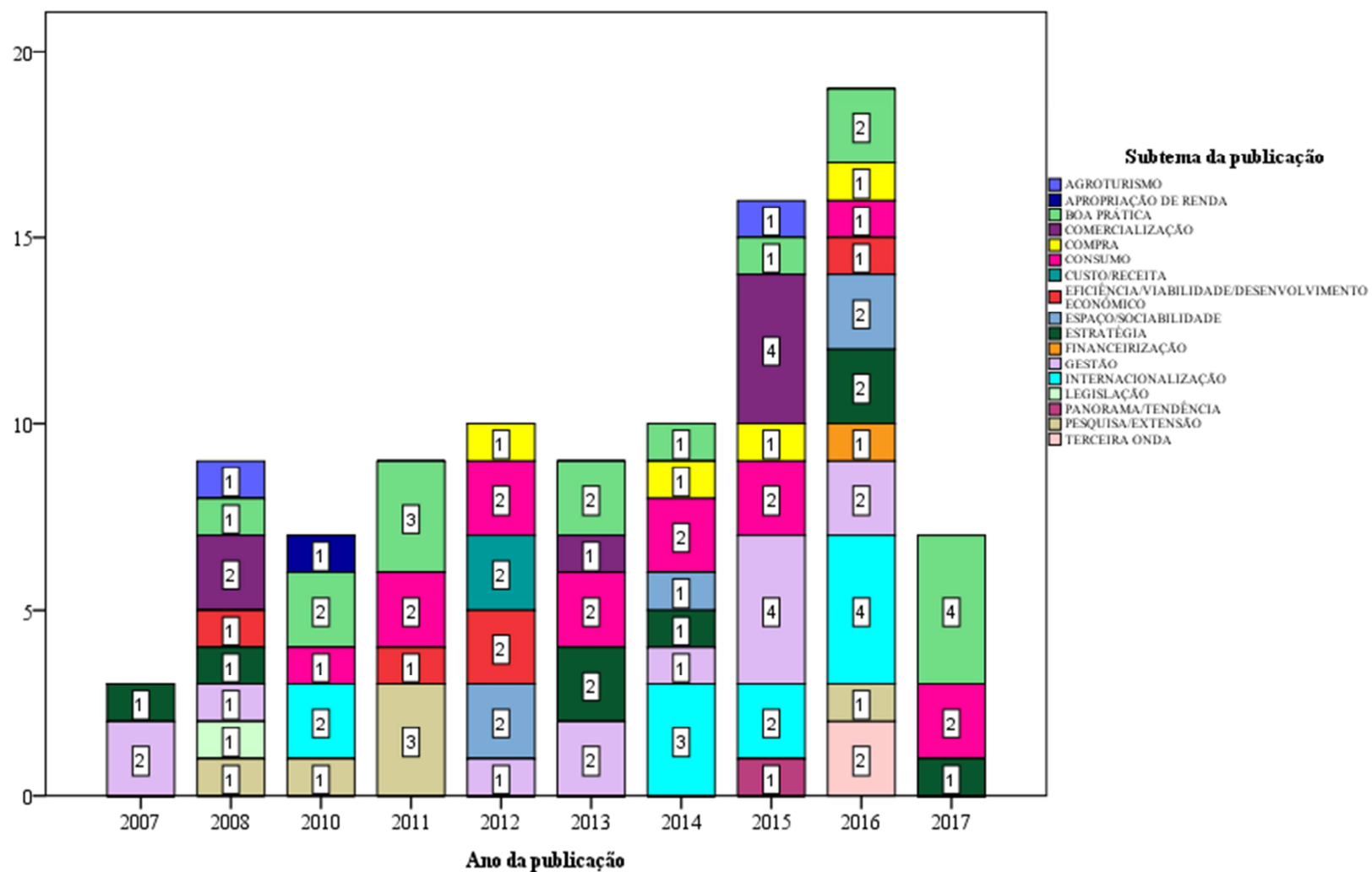
Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 15, foram elencados os subtemas mais abordados nas publicações em estudo, com a contagem do número de publicações para cada um deles e a verificação do panorama acadêmico de estudo de cada subtema no tempo. O subtema que mais foi estudado nas publicações em análise foi “boa prática” (16 publicações), seguido do “consumo” (14 publicações) e “gestão” (13 publicações). Destaca-se o subtema “boa prática” no ano de 2017, em que teve quatro publicações, evidenciando que assuntos como certificação, sustentabilidade e outros foram bastante abordados neste ano, especificamente, o que pode estar relacionado ao aumento nas exigências em relação à qualidade por parte dos consumidores nos últimos anos. Outros subtemas como “internacionalização” e “estratégia” também foram estudados, em onze e oito publicações, respectivamente.

Na Figura 16, verificam-se os subtemas e os tipos de publicação em que foram veiculados. Percebe-se que o subtema “boa prática” foi pesquisado em dez artigos, duas dissertações e quatro teses; o subtema “consumo” em sete artigos, cinco dissertações e duas teses; o subtema “gestão” em oito artigos, quatro dissertações e uma tese; o subtema “internacionalização” em seis artigos e cinco dissertações; e o subtema “estratégia” em cinco artigos e três dissertações. E na Figura 17 são mostrados apenas os subtemas mais citados por ano de publicação, sendo em ordem decrescente de participação: boa prática, consumo, gestão, internacionalização e estratégia.

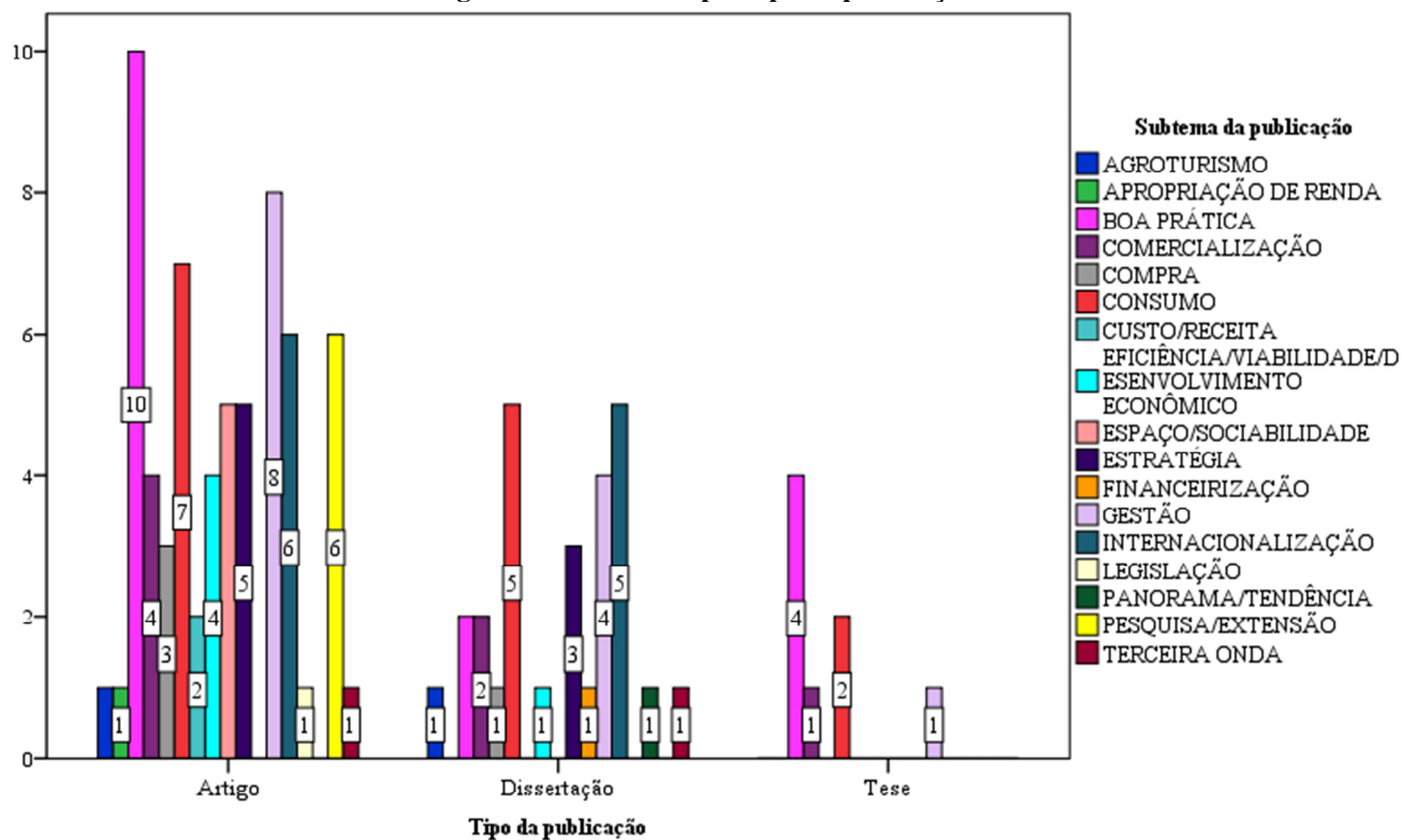
Na sequência, as publicações foram agrupadas em as esferas de análise (conforme Figuras 18 e 19), onde vinte e uma publicações foram agrupadas na esfera de análise “mercado”, quatorze publicações em “região”, doze publicações em “consumidor” e onze publicações em “indústria”. De acordo com a Figura 19, as esferas de análise mais frequentes foram abordadas nos seguintes tipos de publicações: o “mercado” foi estudado em dez artigos, oito dissertações e três teses; a “região” em dez artigos, três dissertações e uma tese; o “consumidor” em seis artigos, cinco dissertações e uma tese; e a “indústria” em dez artigos e uma dissertação.

Figura 15 - Subtemas por ano de publicação



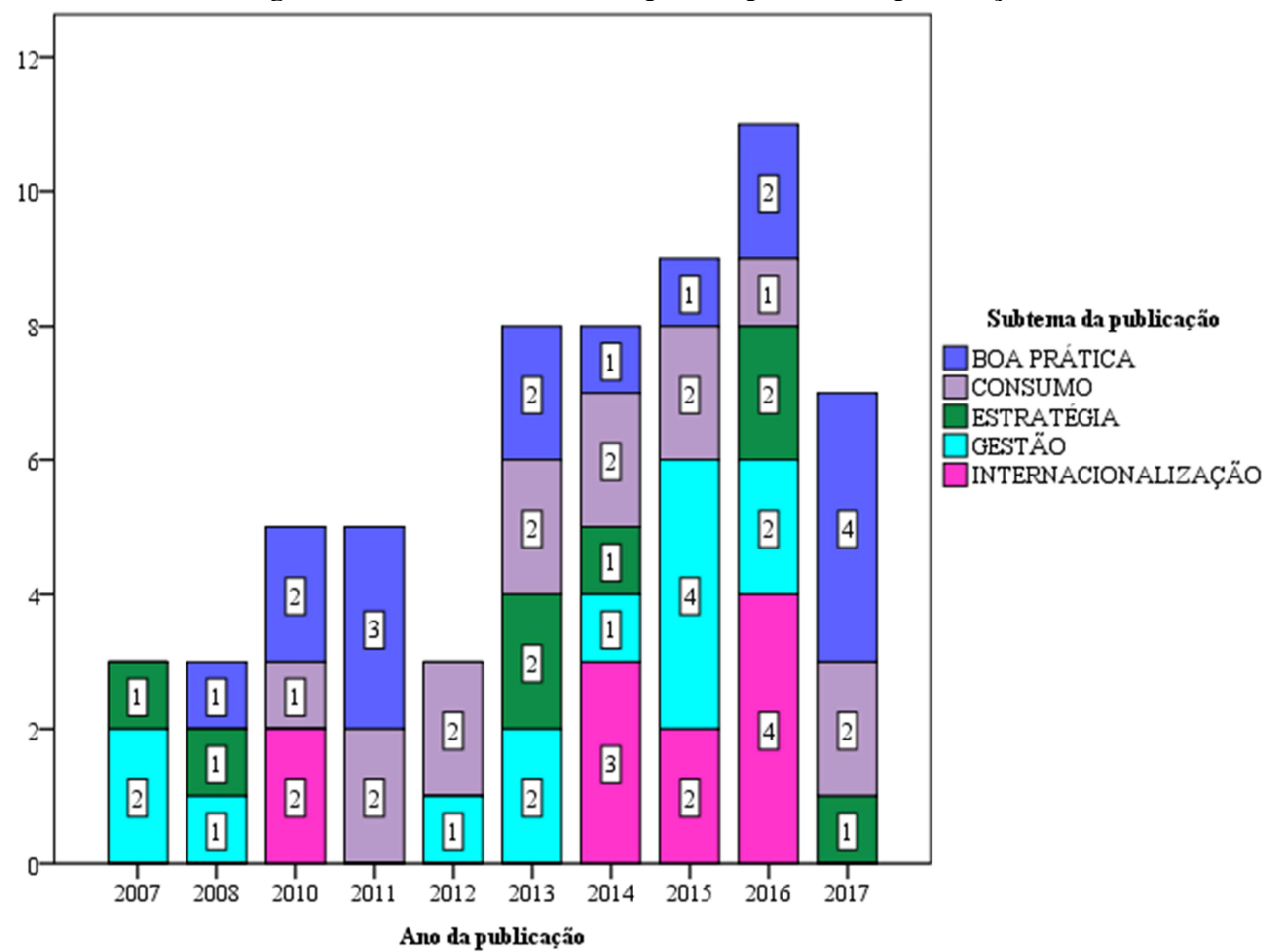
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 16 - Subtemas por tipo de publicação



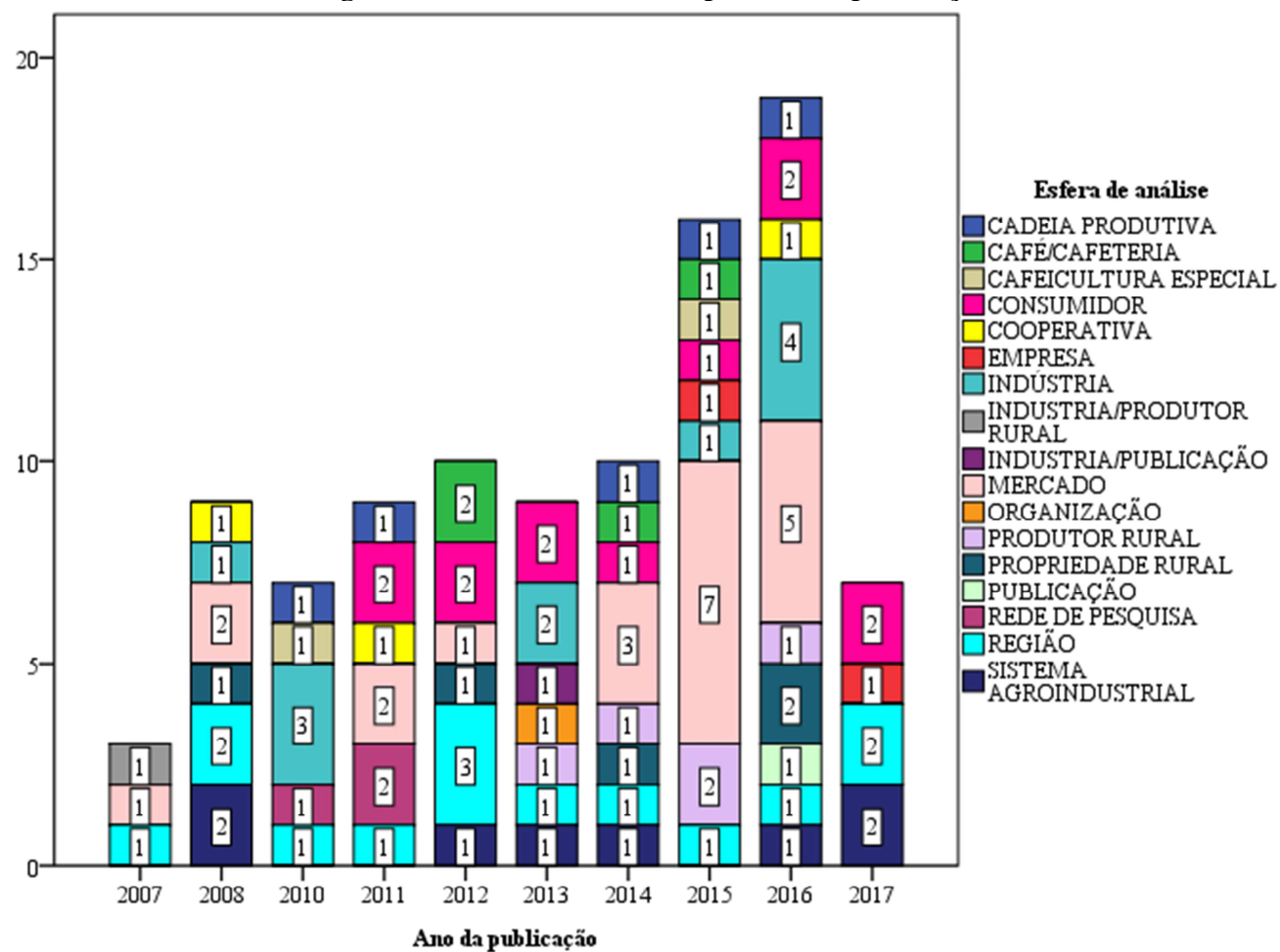
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 17 - Subtemas mais frequentes por ano de publicação



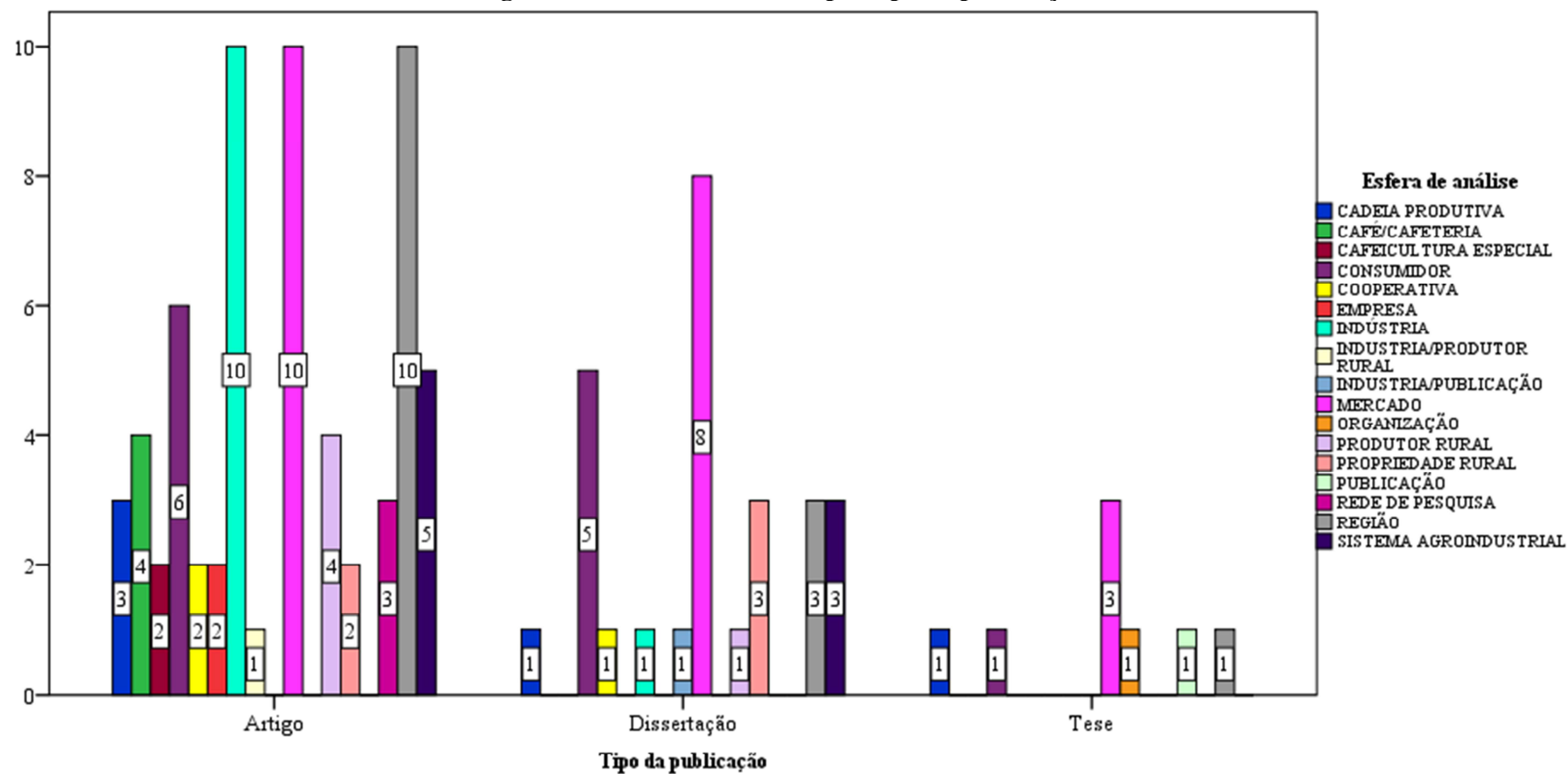
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 18 - Esferas de análise por ano de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 19 - Esferas de análise por tipo de publicação

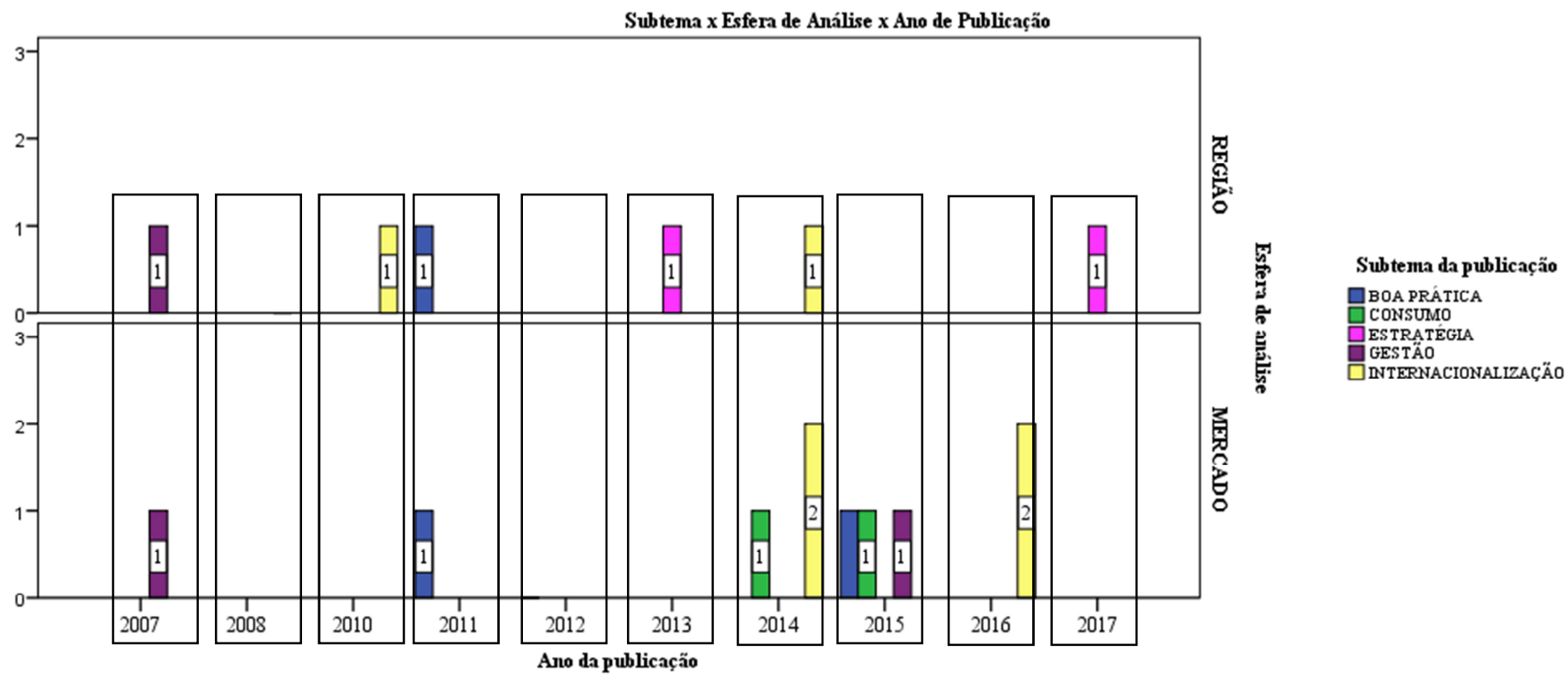


Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 20 contém um comparativo dos subtemas de pesquisa mais frequentes e das esferas de análise que foram mais abordadas, com o ano de publicação da pesquisa, apresentando a quantidade de publicações, a fim de verificar os períodos em que os mesmos foram estudados. O subtema “boa prática” foi abordado, no ano de 2011, em uma publicação com esfera de análise “região” e em 2011 e 2015, em uma publicação em cada ano com esfera de análise “mercado”; o subtema “consumo” foi desenvolvido na esfera de análise “mercado”, nos anos de 2014 e 2015, em uma publicação em cada ano; nos anos de 2013 e 2017, o subtema “estratégia” foi estudado na esfera de análise “região” em uma publicação em cada um desses referidos anos; o subtema “gestão” foi analisado em 2007 em uma publicação com a esfera de análise “região” e outra com a esfera de análise “mercado” e em 2015 em uma publicação com esfera de análise “mercado”; o subtema “internacionalização” obteve destaque em relação a abordagem das esferas “região” e “mercado”, sendo evidenciado o total de seis publicações, ou seja, referente a esfera de análise “região” observou-se uma publicação no ano de 2010 e uma publicação no ano de 2014 e sobre a esfera de análise “mercado” verificou-se duas publicações no ano de 2014 e duas publicações no ano de 2016.

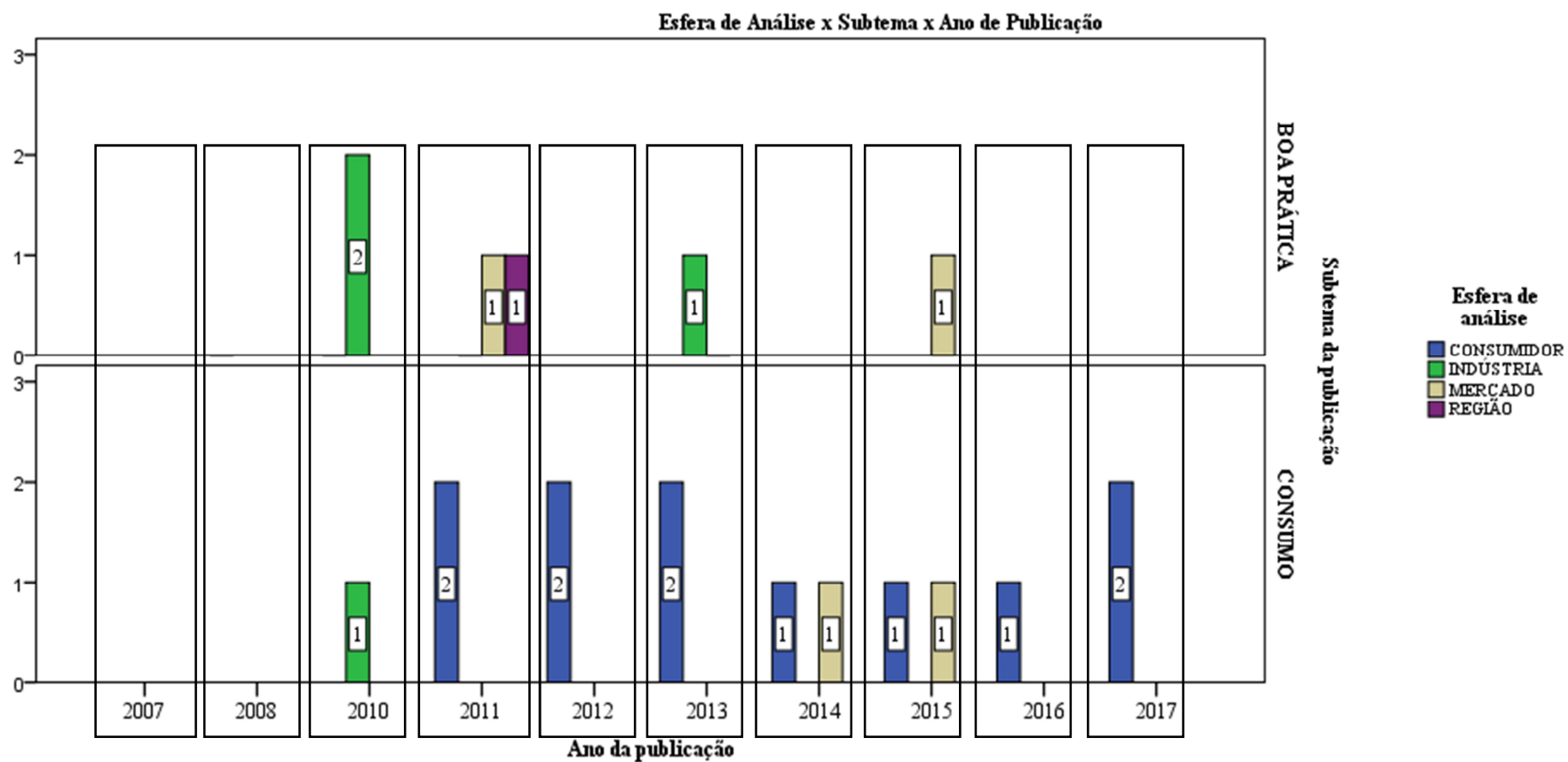
Realizando um levantamento sobre as esferas de análise mais abordadas e os subtemas mais frequentes, conforme Figura 21, pode-se verificar que o subtema “boa prática” foi estudado na esfera de análise “indústria” em duas publicações no ano de 2010 e uma publicação no ano de 2013, foi também desenvolvido na esfera de análise “mercado” em uma publicação em 2011 e em outra em 2015, e ainda na esfera de análise “região” em uma publicação no ano de 2011. O subtema “consumo” foi abordado na esfera de análise “indústria”, em uma publicação no ano de 2010, assim como foi estudado na esfera de análise “consumidor” em duas publicações nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2017 (em cada ano) e uma publicação nos anos de 2014, 2015 e 2016 (em cada ano) e também foi desenvolvido na esfera de análise “mercado” em uma publicação no ano de 2014 e em outra no ano de 2015. Ressalta-se que o subtema “consumo” foi abordado na esfera de análise “consumidor” em onze publicações em estudo.

Figura 20 - Subtemas e Esferas de análise mais frequentes por ano de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

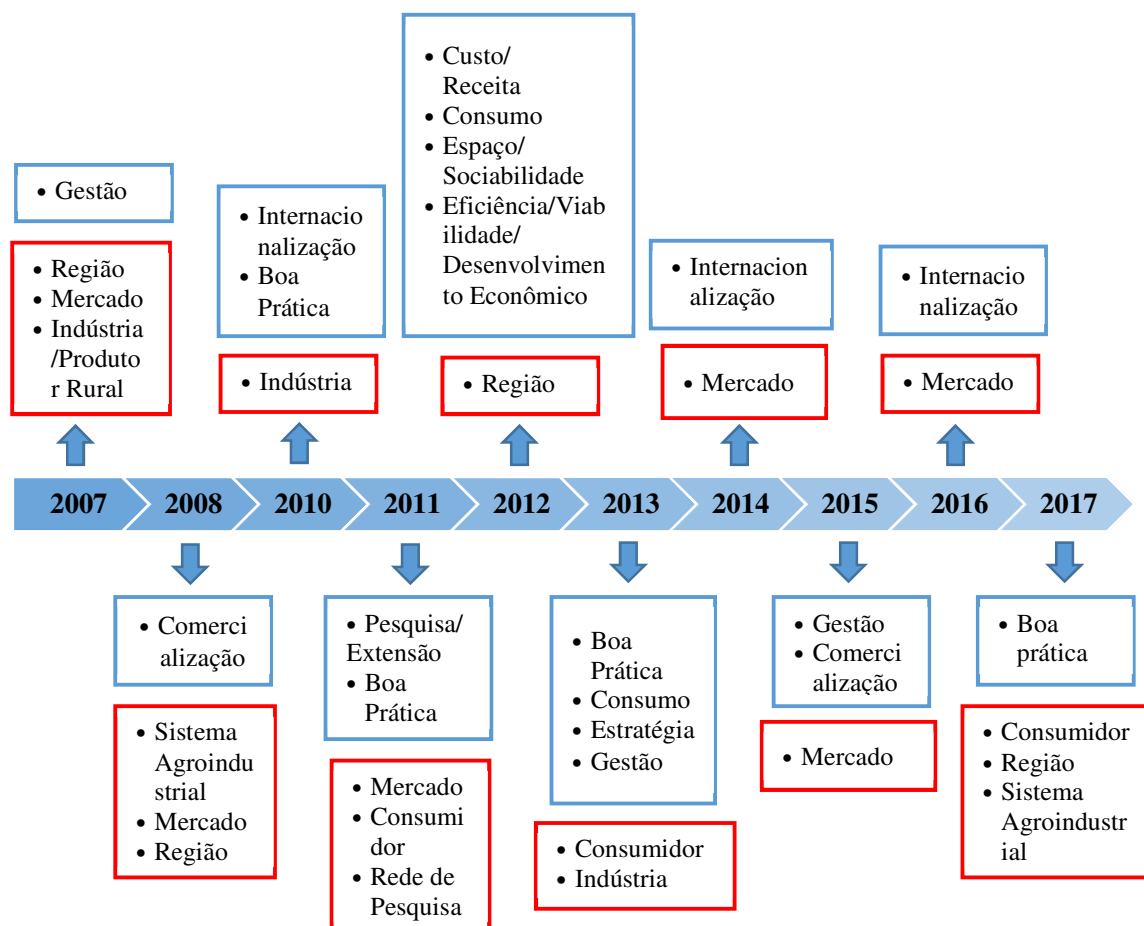
Figura 21 - Esferas de análise e Subtemas mais frequentes por ano de publicação



Fonte: dados da pesquisa.

Por fim, foi possível sintetizar as informações, conforme apresentado na Figura 22:

Figura 22 - Subtemas e esferas de análise mais abordados nas publicações em análise



Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 22 apresenta uma linha do tempo com os subtemas e as esferas de análise mais frequentes nas publicações em estudo, nos quadros em azul verificam-se os subtemas e nos quadros em vermelho as esferas de análise. Ressalta-se que as considerações foram feitas com base nos dados da pesquisa, ou seja, referem-se apenas à análise das publicações observadas.

Assim, algumas pontuações acerca da pesquisa podem ser realizadas, tais como: observa-se nos anos iniciais da análise (2007-2008) que os subtemas mais discutidos foram relacionados a aspectos gerenciais, posteriormente (2010-2012) percebe-se o desenvolvimento de subtemas referentes a boa prática, internacionalização, pesquisa, bem como custo/receita, consumo, desempenho, espaço e sociedade. Em 2013 observa-se subtemas sobre boa prática e consumo, assim como também subtemas gerenciais como estratégia e gestão. Nos anos de 2014-2015,

continua-se estudando sobre internacionalização, gestão e comercialização. Em 2016 e 2017 prosseguem os estudos sobre internacionalização e boa prática.

Observa-se que, em geral, as esferas de análise foram estudadas nas publicações selecionadas de forma distribuída, durante o período analisado. Ressalta-se que algumas esferas de análise foram citadas apenas uma vez e que de acordo com o critério de maior frequência nas publicações analisadas, receberam destaque: mercado (2007, 2008, 2014, 2015 e 2016), região (2007, 2008, 2012 e 2017), consumidor (2011, 2013 e 2017) e indústria (2010 e 2013).

2.5 Conclusão

A presente pesquisa teve como objetivo analisar qual foi a produção científica brasileira sobre a cadeia produtiva do café, nos anos de 2007 a 2017, por meio de revisão sistemática e bibliometria sobre o tema e, assim, foi possível evidenciar características das publicações e de suas autorias, bem como, um panorama sobre os seus subtemas e esferas de análise, no decorrer do tempo. Foram analisadas noventa e nove publicações, sendo artigos, dissertações e teses.

Com a realização da bibliometria, foi possível verificar que, sobre a cadeia produtiva do café, os subtemas mais frequentes nas publicações foram referentes a boa prática, consumo aspectos gerenciais e internacionalização e, que, as esferas de análise mais estudadas foram: mercado, região, consumidor e indústria. Ressalta-se que estudos sobre assuntos relacionados à área gerencial estão entre os frequentes, com subtemas como gestão e estratégia.

Aponta-se que os subtemas mais estudados são os assuntos mais discutidos no meio acadêmico e que possivelmente recebem destaque também nas atividades referentes ao campo, sendo considerados relevantes para as práticas relacionadas à cafeicultura. O subtema mais pesquisado foi “boa prática” relacionada à administração do café, podendo ser citadas algumas práticas estudadas como a certificação, a cafeicultura especial, a tecnologia, a qualidade e a sustentabilidade. Percebe-se que essa tem sido uma questão muito estudada pelos pesquisadores e tem recebido amplas discussões entre proprietários rurais e profissionais da área técnica e gerencial ligados à cafeicultura.

O subtema “consumo” foi bastante debatido, uma vez que a produção visa atender as demandas e as exigências dos consumidores. Foram estudados diversos aspectos, como podem ser citados, por exemplo: marca, critérios de escolha, mudanças nas práticas de consumo, valores pessoais e atributo do produto. Alguns fatores ligados ao consumo de cafés especiais, café

solúvel, café expresso e outros também tem sido amplamente pesquisados. No Brasil há um alto consumo de café, para tanto faz-se importante a elaboração de pesquisas que visem o melhor entendimento do mesmo.

Sobre o subtema “gestão” evidenciou-se que alguns tipos como a gestão de riscos, a gestão da cadeia de suprimentos e a gestão interinstitucional foram abordados, assim como também assuntos relacionados à logística, à governança, à coordenação, à associação, à competitividade, à inovação e à qualidade, indicando que esses são assuntos importantes para o tema em análise. A gestão efetiva da cadeia produtiva do café faz-se necessária para que haja o crescimento do setor e o desenvolvimento das propriedades cafeicultoras, em que os diversos processos referentes à produção de café, recebam gerenciamento em suas etapas: planejar, executar, acompanhar e controlar.

A “internacionalização” foi um subtema que também obteve destaque, tendo alguns assuntos tratados, tais como: internacionalização de pequenas empresas e de fazendas, marca, mercado e operações de exportação. Referente a esse subtema, foram mencionados a atuação de cafeterias, indústrias e do desenvolvimento local, assim como a competitividade das atividades relacionadas ao café solúvel. Tendo em vista a atualidade do subtema “internacionalização”, esse tem sido bastante discutido entre os profissionais envolvidos com a cafeicultura, como as práticas que viabilizam e consolidam tal processo.

Por fim, o subtema “estratégia” esteve entre os mais analisados nas publicações em estudo, sendo discutidas estratégias de hedge, de marketing, de internacionalização e outras, assim como aspectos estratégicos sobre a diferenciação do café, a cafeicultura orgânica, a cafeicultura especial e a vantagem competitiva. Estratégias gerenciais têm sido ferramentas importantes em busca de criação de valor e de diferenciais tanto na produção, quanto em relação à apresentação e à comercialização do café. Tem em vista atender um mercado consumidor cada vez mais exigente e com demanda de inovações, o desenvolvimento de estratégias pode ser o meio para o alcance do sucesso nos negócios.

Sobre as esferas de análise, assinala-se que o “mercado”, a “região”, o “consumidor” e a “indústria” foram bastante estudados nas publicações participantes desta pesquisa, especificamente o “mercado” foi muito abordado nos textos, uma vez que este viabiliza a compra e venda do produto café, fornecendo a estrutura para que o mesmo seja comercializado; a “região”, sobre a qual tem-se intensificado questões e surgido pesquisas na cafeicultura acerca de

Indicação Geográfica, desenvolvimento local e regional, potencial produtivo e peculiaridade de atributos da produção; o “consumidor”, já que o Brasil está entre os países em que mais se consomem café, fazendo-se importante estudar os consumidores, seus gostos e exigências; e a “indústria”, que viabiliza processos agroindústrias, possibilitando a industrialização do café e suas inovações, haja vista que a tecnologia tem proporcionado avanços para a produção e comercialização do café.

Sobre as três leis da bibliometria, indica-se que no presente estudo, a Lei de Lotka não foi comprovada, ao evidenciar uma baixa frequência de autores nas citações; a Lei de Zipf foi confirmada, com o destaque para a frequência de algumas palavras-chave, indicando assuntos que têm sido bastante discutidos sobre o tema em estudo; e também foi possível demonstrar que a Lei Bradford, foi parcialmente constatada, ao observar certa heterogeneidade da frequência das instituições, programas e veículos de publicação e já outros que tiveram alta produtividade, identificando um certo núcleo de dispersão do assunto.

Assim, aponta-se que tem havido um considerável interesse pelo tema, com o aumento de estudos ao longo dos anos, com certa constância de subtemas e esferas de análise de pesquisa, que vão consolidando no decorrer do tempo, o conhecimento sobre a cadeia produtiva do café no Brasil. Ainda, é relevante ponderar que a Denominação de Origem - tema do segundo artigo desta dissertação - está diretamente relacionada à regionalidade, sendo que a esfera de análise “região” foi uma das mais estudadas nas publicações analisadas.

Foi possível evidenciar que este estudo poderá auxiliar como suporte para o desenvolvimento de novas pesquisas e discussões de assuntos, trazendo contribuições teóricas acerca do levantamento bibliométrico dos diversos subtemas e esferas de análise apresentados nas publicações analisadas, assim como pelo amplo referencial elencado, o que permite que forneça subsídios a futuros estudos. Da mesma forma, pode oferecer embasamento teórico e aspectos gerenciais às atividades práticas sobre a administração da cadeia produtiva do café.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, G. L. Análise econométrica da competitividade entre Brasil e Colômbia no mercado de café arábica. 2015. 90 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2979809>. Acesso em: 31 ago. 2017.

ANDRADE, F. T.; CASTRO JÚNIOR, L. G.; COSTA, C. H. G. Avaliação da cafeicultura pela abordagem do custeio variável em propriedades nas principais regiões produtoras do Brasil. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 14, n. 3, p. 356-366, 2012.

ANDRADE, H. C. C. Agregação de valor pelo agroturismo: um estudo na cadeia produtiva do café em Araponga - MG. 2015. 222 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2986655>. Acesso em: 31 ago. 2017.

ARAÚJO, U. P. et al. A percepção e as estratégias de ação do pesquisador de café em sua rede colaborativa. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 670-688, 2011.
<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400007>

ARAÚJO, U. P. et al. Capital social em um consórcio de pesquisa. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 411-423, 2010.
<https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000400006>

ARAÚJO, U. P.; ANTONIALLI, L. M.; GUERRINI, F. M. Dinâmica em redes aplicada à pesquisa do café no Brasil. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 2, p. 257-269, 2011.

AREVALO, J. L. S.; ARRUDA, D. O.; CARVALHO, J. P. Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 18, n. 1, p. 62-78, 2016.

BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 248p.

BARA, J. G. Conhecendo os valores pessoais do produtor rural de café na compra de insumos agrícolas. 2015. 109 f. (Mestrado em Administração de Organizações) - Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2417111>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BARABACH, G.; SILVA, C. E. L. A importância dos mercados futuro e a termo na comercialização do café arábica: uma análise a partir do modelo de Markowitz. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 8, n. 2, p. 4-25, 2015.

BARBARESO, J. O. Drawback de café robusta: solução para os problemas de competitividade enfrentados pela indústria brasileira de café solúvel? 2015. 86 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2980160>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BARRA, G. M. J. et al. O papel das associações de interesse privado no mercado cafeeiro brasileiro. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 17-31, 2007.

BARRA, G. M. J.; LADEIRA, M. B. Modelo de maturidade para processos de certificação no sistema agroindustrial do café. **Revista de Gestão**, v. 24, n. 2, p. 134-148, 2017.
<https://doi.org/10.1016/j.rege.2017.03.004>

BARRA, G. M. J.; LADEIRA, M. B. Teorias institucionais aplicadas aos estudos de sistemas agroindustriais no contexto do agronegócio café: uma análise conceitual. **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 159-171, 2016.
<https://doi.org/10.1016/j.rege.2015.12.005>

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 419p.

BERNARDO, M. R. Análise da eficiência do uso de contratos futuros para gestão de risco de preço de commodities de países emergentes. 2015. 63 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2837032>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BRAGA, G. M. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, p. 155-177, 1974.

BRAGA JUNIOR, W.; ROMANIELLO, M. M. Direito ambiental: percepção dos agentes envolvidos na destinação final das embalagens de agrotóxicos, de acordo com a Lei no 9.974/00, na região cafeeira do município de Lavras, no Sul de Minas Gerais. **Gestão & Regionalidade**, v. 24, n. 69, 2008.

BRONZERI, M. S.; BULGACOV, S. Estratégias na cadeia produtiva do café no norte pioneiro do Paraná: competição, colaboração e conteúdo estratégico. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 1, p. 77-91, 2014.

CALDEIRA, L. G. Posicionamento e imagem de marca no mercado de café verde. 2015. 236 f. (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2987321>. Acesso em: 31 ago. 2017.

CARVALHO, J. N. Desempenho das exportações de café solúvel do Brasil. 2014. 92 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2127097>. Acesso em: 31 ago. 2017.

CARVALHO, J. P. Campo organizacional e adoção de Indicação Geográfica (IG): um estudo sobre a produção de cafés especiais no Brasil. 2017. 224 f. (Doutorado em Administração de Organizações) - Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5007451>. Acesso em: 13 maio 2017.

CÉSAR, A. S.; MORI, C.; BATALHA, M. O. Inovações tecnológicas de embalagens nas indústrias de alimentos: estudo de caso da adoção de embalagem ativa em empresas de torrefação de café. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 355-378, 2010.

CHAIN, C. P. et al. Aglomerações produtivas na indústria do café em Minas Gerais. **Gestão & Regionalidade**, v. 32, n. 94, p. 84-100, 2016.
<https://doi.org/10.13037/gr.vol32n94.2890>

_____. Concentração espacial na indústria do café em Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 18, n. 2, p.111-124, 2016.

COOK, D. J.; MULROW, C. D.; HAYNES, R. B. Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. **Annals of Internal Medicine**, American College of Physicians, v. 126, n. 5, p. 389-391, 1997.

COSTA, C. H. G. et al. Fatores condicionantes da gestão de riscos de cafeicultores do sul de Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 17, n. 1, p. 40-55, 2015.

COTI-ZELATI, P. E.; MOORI, R. G. O papel da colaboração no desempenho da gestão da cadeia de suprimentos: um estudo sobre o café orgânico. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 17, n. 2, p. 195-208, 2015.

CRUZ, C. W. Café Fazenda Ninho da Água: um estudo de caso sobre a internacionalização de uma fazenda produtora de café especial. 2016. 171 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3872708>. Acesso em: 31 ago. 2017.

DIAS, B. O. S. V. Café com leite e tecnologia: casos de aprendizagem nas organizações. 2013. 125 f. (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1184293>. Acesso em: 31 ago. 2017.

DUARTE, S. L. et al. Variáveis dos custos de produção versus preço de venda da cultura do café no segundo ano da lavoura. **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 675-690, 2011.
<https://doi.org/10.5700/rege447>

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. M. D. Produção de significações do espaço e sociabilidade em um Café Artesanal de Salvador. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 51-74, 2014.

FANTINEL, L. D.; FISCHER, T. M. D. Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 6, n. 15, p. 280-307, 2012.
<https://doi.org/10.21171/ges.v6i15.1553>

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

FERREIRA, M. F. Critérios de escolha para a compra e consumo de café: um estudo com universitários da cidade de Varginha-MG. 2014. 81 f. (Mestrado Profissional em Administração) - Faculdade Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo. Disponível em: <
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2276477>. Acesso em: 31 ago. 2017.

FHER, L. C. F. A. et al. Análise das variáveis de custos do café arábica nas principais regiões produtoras do Brasil. **Reuna**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 97-115, 2012.

FLEURY, A. C. C.; FLEURY, M. T. L. Estratégias competitivas e competências essenciais: perspectivas para a internacionalização da indústria no Brasil. **Gestão & Produção**, São Carlos, v.10, n.2, p.129-144, 2003.
<https://doi.org/10.1590/S0104-530X2003000200002>

FOSCACHES, C.; SAES, M. S. M.; VACARI, G. F. J. Formas plurais na aquisição da matéria-prima: uma análise do setor de torrefação e moagem de café no Brasil. **Organização & Sociedade**, Salvador, v. 23, n. 78, p. 507-520, 2016.
<https://doi.org/10.1590/1984-9230788>

FRANCK, A. G. S. et al. Análise da competitividade do mercado exportador brasileiro de café. **Desafio Online**, Campo Grande, v. 4, n. 3, p. 1-21, 2016.

FREIRE, A. H. et al. Eficiência econômica da cafeicultura no sul de Minas Gerais: uma abordagem pela análise envoltória de dados. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 14, n. 1, p. 60-75, 2012.

FREITAS, M. L. G. O que o kaffee de lá tem que o café daqui não tem: um estudo comparativo entre os sistemas agroindustriais do café alemão e brasileiro. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 59-81, 2008.
<https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000500004>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GONZALEZ, R. K.; CUNHA, S. K. Trajetória de capacidade tecnológica da Cia. Iguazu de café solúvel. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 4-28, 2013.

<https://doi.org/10.5773/rai.v10i2.612>

GREENHALG, T. How to read a paper: papers that summarise other papers (systematic reviews and meta-analyses). **BMJ**, v. 315, p. 670-675, 1997.

<https://doi.org/10.1136/bmj.315.7109.672>

GUIMARÃES, E. R. Terceira onda do café: base conceitual e aplicações. 2016. 135 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3588268>. Acesso em: 31 ago. 2017.

GUIMARÃES, E. R.; CASTRO JÚNIOR, L. G.; ANDRADE, H. C. C. A terceira onda do café em Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 18, n. 3, p. 214-277, 2016.

JARDIM, G. F.; SAES, M. S. M.; MESQUITA, L. F. Estruturas de governança interna e a capacidade de inovação em pequenas firmas brasileiras de torrefação e moagem de café. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 239-253, 2013.

<https://doi.org/10.5700/rausp1085>

JORDÃO, R. V. D. Práticas de gestão do conhecimento na internacionalização de pequenas empresas: um estudo comparativo de casos na indústria de café. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 171-186, 2016.

LANNA, G. B. M.; TEIXEIRA, E. C.; REIS, R. P. Determinantes da adoção da tecnologia de despolpamento na cafeicultura: estudo de uma região produtora da Zona da Mata de Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 3, p. 352-362, 2012.

LEME, P. H. M. V. A construção do mercado de cafés certificados e sustentáveis da Utz Certified no Brasil: as práticas e os arranjos de mercado. 2015. 273 f. (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3451835>. Acesso em: 31 ago. 2017.

LEME, P. H. M. V.; MACHADO, R. T. M. Os pilares da qualidade: o processo de implementação do Programa de Qualidade do Café (PQC). **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 12, n. 2, p. 234-248, 2011.

LIMA JUNIOR, P. O. Inteligência competitiva na cafeicultura: mineração textual em notícias publicadas na web. 2016. 221 f. (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4907238>. Acesso em: 06 nov. 2017.

LIMA, A. L. R.; REIS, R. P.; ALVES, R. C. Fronteira de produção e eficiência econômica da cafeicultura mineira. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 14, n. 2, p. 268-285, 2012.

MACHADO JUNIOR, C. et al. As leis da bibliometria em diferentes bases de dados científicos. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 18, n. 44, p. 111-123, abril 2016. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2016v18n44p111>

MAFRA, F. L. N. et al. Motivações e estratégias de inserção no contexto da cafeicultura orgânica: um estudo no Sul de Minas Gerais. **Administração Pública e Gestão Social**, Viçosa, v. 5, n. 2, p. 80-87, 2013.

MARINHO, R. C. Trajetória e perspectivas econômicas de Muriaé - MG: o papel dos atores locais na articulação do desenvolvimento econômico. 2016. 123 f. (Mestrado Profissional em Administração) - Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3675120>. Acesso em: 1 set. 2017.

MARTINS, R. S.; XAVIER, W. S.; SPROESSER, R. L. Custos de transação nas operações de exportação de café na região sul de Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 12, n. 3, p. 411-422, 2011.

MATIELLO, J. B. et al. **Cultura de café no Brasil**: manual de recomendações. MAPA/PROCAFÉ, 2010. 542p.

MATIELLO, J. B. **O café**: do cultivo ao consumo. São Paulo: Globo, 1991. 320p.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 321p.

MESQUITA, J. M. C.; LARA, J. E.; SOUKI, G. Q. Impactos da estabilização monetária e da estratégia competitiva da indústria, sobre o consumo de café torrado no Brasil. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 12, n. 3, p. 435-444, 2011.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Café no Brasil**. Revisado em março 2017. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/cafe/cafeicultura-brasileira>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MIRANDA, B. V.; SAES, M. S. M. Coordenação e qualidade no Sistema Fairtrade: o exemplo do café. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 14, n. 3, p. 367-379, 2012.

MÓL, A. L. R. Séries de tempo com erros não lineares: uma avaliação da persistência e assimetria na volatilidade de derivativos de café e boi gordo na BM&F. **Interface**, Natal, v. 5, n. 2, p. 54-69, 2008.

_____. Value-at-Risk da base em operações vendidas de hedge nos contratos futuros de café arábica na BM&F. **Interface**, Natal, v. 5, n. 1, p. 91-108, 2011.

MOORI, R. G. et al. O efeito do tipo de produto e das capacidades logísticas sobre o ciclo do pedido. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 141-169, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.0112014.47436>

MOORI, R. G.; BIDO, D. S.; OLIVEIRA, L. H. Variáveis relevantes do consumidor do café solúvel sob o enfoque da diferenciação. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 1, p. 124-138, 2011.

MOREIRA, C. F.; FERNANDES, E. A. N.; VIAN, C. E. F. Características da certificação na cafeicultura brasileira. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 3, p. 344-351, 2012.

MOURA, E. F. As estratégias de internacionalização das cooperativas agropecuárias de café da Região do Cerrado Mineiro. 2016. 212 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3689736>. Acesso em: 31 ago. 2017.

NAGAI, D. K.; PIGATTO, G. A. S.; QUEIROZ, T. R. Fontes e redes de informação na produção cafeeira do Cerrado Mineiro, MG. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 655-670, 2016. [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(09\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(09))

NICOLELI, M. Rotulagem como mecanismo de compartilhamento de informações com agentes da cadeia produtiva do café. 2016. 180 f. (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4903322>. Acesso em: 30 ago. 2017.

NOGUEIRA, C. M. Estratégias de posicionamento no ramo de cafés especiais. 2013. 106 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1171263>. Acesso em: 06 nov. 2017.

OLIVEIRA, G. M. Desverticalização da colheita mecanizada na cafeicultura. 2017. 134 f. (Mestrado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4995913>. Acesso em: 13 maio 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, R. M. A comercialização e sustentabilidade do café arábica típica orgânico de Taquaritinga do Norte-PE. 2015. 157 f. (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2422270>. Acesso em: 31 ago. 2017.

OLIVEIRA, L. Capacidades diferenciadoras como vantagem competitiva nas empresas torrefadoras de café. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 85-100, 2008.

OLIVEIRA, M. C. J. Análise sensorial por meio da sinestesia em diferentes alimentos e para consumidores de diferentes nacionalidades. 2016. 91 f. (Mestrado em Administração) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3609047>. Acesso em: 31 ago. 2017.

OLIVEIRA, R. F.; ARAÚJO, U. P.; SANTOS, A. C. Efeito do fair trade na cooperativa de agricultores familiares de café de Poço Fundo, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 10, n. 2, p. 211-225, 2008.

OLIVEIRA, W. M. O processo de sucessão em empreendimentos agrícolas: um estudo sobre a continuidade das fazendas de café em Minas Gerais. 2016. 160 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3675004>. Acesso em: 31 ago. 2017.

PENTEADO, R. C. Financeirização do mercado de commodities agrícolas: reflexões sobre especulação financeira e segurança alimentar. 2016. 115 f. (Mestrado em Administração) - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3683798>. Acesso em: 1 set. 2017.

PEREIRA, V. F.; MENDONÇA, T. G.; REIS, B. S. Análise comparativa da viabilidade econômica dos sistemas de produção convencional e integrado de café. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 10, n. 3, p. 405-419, 2008.

PESSÔA, D. J.; SOUZA, M. J. S. A marca como instrumento agregante de valor para o produto brasileiro no exterior: o caso do café gourmet. **Internext**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 84-111, 2010.

PIMENTA, M. L. et al. Sabor e bem-estar: uma relação entre atributos de produto e valores pessoais de consumidores de marcas regionais de café. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 9, n. 3, p. 122-144, 2012.

PIMENTA, M. L. et al. Valores pessoais e percepção de atributos em marcas regionais de café na cidade de Lavras. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 39-52, 2011.

PIRES, S. R. **I Gestão da cadeia de suprimentos** (supply chain management): conceitos, estratégias, práticas e casos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 309p.

PORTO, P.; MELLO, R. C. Empreendedorismo internacional e effectuation: o caso do Café Yaguara Ecológico. **Internext**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 15-30, 2015.
<https://doi.org/10.18568/1980-4865.10315-30>

PRADO, A. S. Boas práticas agrícolas e certificação na cafeicultura. 2014. 128 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2121366>. Acesso em: 31 ago. 2017.

QUINTÃO, R. T. The rite of passage from regular to connoisseur consumer: the role of the taste transformation ritual in the specialty coffee context. 2015. 180 f. (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2015. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2400623>. Acesso em: 31 ago. 2017.

QUINTÃO, R. T.; BRITO, E. P. Z.; BELK, R. W. Connoisseurship Consumption Community and Its Dynamics. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 19, n. 63, p. 48-64, 2017.
<https://doi.org/10.7819/rbgn.v0i0.2982>

QUINTÃO, R. T.; BRITO, E. P. Z.; BELK, R. W. The taste transformation ritual in the specialty coffee market. **Revista de Administração de Empresas**, v. 57, n. 5, p. 483-494, 2017.
<https://doi.org/10.1590/s0034-759020170506>

RANK BRASIL. Maior safra de café da história do Brasil (2012/2013). 2014. Disponível em:
<http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0Ic9/Maior_Safra_De_Cafe_Da_Historia_Do_Brasil>. Acesso em: 24 out. 2017.

RATI, F. R. S. N. O café brasileiro: um panorama do setor e suas tendências para 2020. 2015. 138 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2978211>. Acesso em: 31 ago. 2017.

RISSO, G. A. Transação e mensuração em sistemas Fairtrade no Paraná: um estudo das estruturas de governança. 2014. 169 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1725386>. Acesso em: 1 set. 2017.

ROCHA, A. F.; MENDES, A. C. A. Certificação de café: análise da validação dos benefícios propostos pela FLO aos agentes envolvidos na obtenção do selo Fairtrade em uma cooperativa de cafeicultores de Minas Gerais. **Administração Pública e Gestão Social**, Viçosa, v. 3, n. 4, p. 421-441, 2012.

ROMANIELLO, M. M. et al. Avaliação do Programa de Gestão Inter-Institucional Circuito Sul Mineiro de Cafeicultura na região sul do estado de Minas Gerais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 1, p. 119-137, 2007.

<https://doi.org/10.1590/S1415-65552007000100007>

ROMANIELLO, M. M.; GUIMARÃES, P. T. G. Interação pesquisa-extensão: uma análise da comunicação entre os atores sociais no processo de difusão e transferência de inovações tecnológicas para o agronegócio café. **Interface**, Natal, v. 5, n. 2, p. 80-96, 2008.

ROMANIELLO, M. M.; REZENDE, T. M. Dinâmica da cadeia produtiva do café: um estudo sobre a gestão interinstitucional do consórcio brasileiro de pesquisa e desenvolvimento do café. **Interface**, Natal, v. 8, n. 1, p. 86-110, 2011.

ROMEU, M. C. Análise dos impactos dos especuladores nos retornos dos preços futuros das principais commodities agrícolas exportadas pelo Brasil. 2014. 67 f. (Mestrado Profissional em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=473611>. Acesso em: 1 set. 2017.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2013. 180p.

SÁ, F. B. O comportamento do consumidor de café: um estudo no município de Belo Horizonte. 2013. 145 f. (Mestrado Profissional em Administração) - Centro Universitario Una, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1210458>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SAES, M. S. M.; FARINA, E. M. M. Q. **O agribusiness do café no Brasil**. São Paulo: Milkbizz, 1999. 230p.

SAES, M. S. M. A distribuição de quase-renda e a estratégia de diferenciação no café. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 2, p. 151-171, 2007.

<https://doi.org/10.1590/S1415-65552007000200009>

SAES, M. S. M. Rent appropriation among rural entrepreneurs: three experiences in coffee production in Brazil. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 313-327, 2010.

[https://doi.org/10.1016/S0080-2107\(16\)30464-2](https://doi.org/10.1016/S0080-2107(16)30464-2)

SAMPAIO, D. O. et al. O consumidor de café expresso em Minas Gerais: diferenças, hábitos e preferências. **Gestão & Regionalidade (Online)**, v. 28, n. 84, p. 49-60, 2012.

SANTOS, G. C. Análise bibliométrica dos artigos publicados como estudos bibliométricos na história do Congresso Brasileiro de Custos. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 4-13, 2015.

SERRATE, H. W.; FANTINEL, L. D. Representações de espaço e sociabilidades organizacionais em dois cafés na grande Vitória. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 81-98, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304p.

SILVA, C. E. M. Modelos de valor presente como instrumentos para estimativa de preços de contratos de boi gordo, café arábica, milho e dólar norte-americano no Brasil. 2014. 253 f. (Doutorado em Administração de Empresas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2554885>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SILVA, E. C.; GUIMARÃES, E. R. A “terceira onda” do consumo do café. **Bureau de Inteligência Competitiva do Café**, Lavras, 2012.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. 138p.

SILVA, W. A. C.; PINHEIRO, R. W.; MUYLDER, C. F. Atributos determinantes para compra de defensivos agrícolas: um estudo sobre o cafeicultor na região de Patrocínio - MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 1, p. 14-32, 2014.

SILVEIRA, R. L. F. et al. Excesso de confiança em relação aos preços de venda: um estudo entre cafeicultores. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 399-408, 2013. <https://doi.org/10.5700/rausp1095>

SOARES, G. M. et al. As fazendas dos barões do café no Brasil: patrimônio histórico rural e turismo. **Reuna**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 41-53, 2010.

SOARES, T. C.; JACOMETTI, M. Estratégias que agregam valor nos segmentos do agronegócio no Brasil: um estudo descritivo. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.8, n.3, p. 92-120, 2015. <https://doi.org/10.19177/reen.v8e3201592-120>

SOUZA, W. A. R. et al. Avaliação de eficiência de estratégias de hedge para o risco de preço do café do Brasil com o uso de contratos da BM&FBOVESPA. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 10, n. 5, p. 908-928, 2017. <https://doi.org/10.5902/1983465913003>

SPINAK, E. Indicadores cientímetricos. **Ciência e Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0100-19651998000200006>

STRUECKER, D. R.; HOFFMANN, M. G. Participação social nos serviços públicos: caracterização do estado da arte por meio da bibliometria e da revisão sistemática. **Revista de Gestão**, São Paulo, p. 371-380, 2017.

SWIATKIEWICZ, O. Delta Cafés (Portugal): sustainable business development. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 6, n. 3, p. 34-53, 2017.

TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, Great Britain, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

[https://doi.org/10.1016/0306-4573\(92\)90087-G](https://doi.org/10.1016/0306-4573(92)90087-G)

TEIXEIRA, A. P. P. Do coador de pano à cápsula: mudanças nas práticas de consumo de café no Brasil nos últimos 50 anos. 2014. undefined f. (Mestrado em Administração) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1441286>. Acesso em: 31 ago. 2017.

TONIN, J. M.; COELHO, A. B. Testando modelos de precificação de opções: análise das opções de compra sobre contratos futuros de café arábica na BM&FBOVESPA. **Revista de Economia e Administração**, v. 11, n. 2, p. 211-234, 2012.

<https://doi.org/10.11132/rea.2012.606>

TONOLI, G. C. M. S. Desenvolvimento econômico local: o café das montanhas capixabas no mercado internacional. 2014. 65 f. (Mestrado Profissional em Administração de Empresas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1510584>. Acesso em: 31 ago. 2017.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, 2002.

<https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000200016>

VIANA, L. C. Valores pessoais dos consumidores de cafés especiais. 2013. 150 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1168986>. Acesso em: 30 ago. 2017.

VIEIRA, R. C. M. T.; TEIXEIRA FILHO, A. R.; OLIVEIRA, A. J.; LOPES, M. R. (Orgs.). **Cadeias produtivas no Brasil: análise da competitividade**. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2001. 468p.

WINKLER, C. A. G. Estruturas de governança e apropriação de renda no sistema agroindustrial do café. 2013. 138 f. (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=152546>. Acesso em: 31 ago. 2017.

YAMAMOTO, D. A certificação ABIC como estratégia de marketing no processo de compra pelo consumidor de Paracatu/MG. 2016. 74 f. (Mestrado Profissional em Administração) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4278887>. Acesso em: 30 ago. 2017.

ZANELLA, T. P.; LAGO, S. M. S. A produção científica brasileira sobre a sustentabilidade no agronegócio: um recorte temporal entre 2005 e 2015. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 18, n. 4, p. 356-370, 2016.

3 SEGUNDO ARTIGO - A DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DO CAFÉ DA REGIÃO DO CERRADO MINEIRO E AS CAPACIDADES NECESSÁRIAS PARA A SUA CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

3.1 Introdução

A agropecuária possui características muito peculiares a ela, fazendo com que as decisões a serem tomadas a respeito de sua gestão sejam também influenciadas por tais especificidades, além dos princípios básicos de gestão é necessário considerar fatores relacionados a não previsibilidade do processo de produção agropecuária, como os processos biológicos e as condições climáticas; outra questão é que a terra, o recurso mais importante da produção, tem uma oferta fixa; assinala-se também o fato de o setor ter uma predominância de operações em pequena escala, sendo o setor da economia que mais apresenta essa característica; e por fim, apresenta em geral, uma concorrência considerada perfeita, em que a maior parte dos produtos agropecuários é considerada semelhante em propriedades rurais diferentes, os fornecedores e compradores estão sujeitos à oferta e à demanda disponíveis e aos preços praticados no mercado, com exceção dos nichos de mercado ou de fornecedor único (KAY; EDWARDS; DUFF, 2014).

De acordo com Comin et al. (2017, p. 231) “o setor de agronegócios brasileiro enfrentou várias transformações e precisou inovar para adaptar-se às exigências do mercado consumidor, em especial quando se menciona a cadeia produtiva agroalimentar inserida nesse contexto”. Os autores acrescentam que mais do que inovações de tecnologias e processos, houve também a necessidade de inovações relacionadas à qualificação profissional das pessoas, especialmente dos gestores. Segundo Dall’Acqua (2003) transformações atuais na estrutura produtiva foram influenciadas pela modernização das técnicas de informação e conhecimento, por mudanças conjunturais e pela globalização, assim gerando fatores como internacionalização da produção, descentralização industrial e a especialização do comércio e serviços.

A cafeicultura da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba tem grande importância para Minas Gerais e para o Brasil, apresentando características específicas relacionadas à região, dentre alguns fatores destacam-se a relevância da agricultura familiar e também as adaptações e inovações tecnológicas utilizadas que viabilizam produtividade e qualidade do café do Cerrado Mineiro (ORTEGA; JESUS, 2012). Segundo Boaventura et al. (2018, p. 255) “a cadeia de valor do café começa a partir da produção de grãos para as diferentes formas de preparo e consumo

dessa bebida popular. (...) Ao longo de décadas, o café tornou-se uma bebida muito mais complexa, que deve ser apreciada com atenção a todos os detalhes”.

Tendo esta região como foco, propõem-se estudar com o presente artigo a seguinte questão: *dada a configuração da cadeia produtiva do café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, como foi criado e implementado o processo de Denominação de Origem do café da Região do Cerrado Mineiro e quais foram as capacidades dinâmicas necessárias?*

O objetivo da pesquisa, em conformidade com a questão proposta, foi caracterizar a cadeia produtiva do café no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e analisar como foi feito o processo para a Denominação de Origem do café da Região do Cerrado Mineiro, identificando quais foram as capacidades dinâmicas necessárias, tendo por base a classificação de capacidades dinâmicas do tipo adaptativo, absoritivo e inovativo.

Do ponto de vista de contribuição prática, esta pesquisa se justifica ao colaborar com a análise do processo de Denominação de Origem na criação de valor e de vantagem competitiva para as organizações envolvidas na cadeia produtiva do café, assim como também devido à importância da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba para a produção cafeeira brasileira, visto que a referida região possui um alto potencial produtivo. Para o enfoque teórico, espera-se contribuir com o debate sobre o uso da Teoria das Capacidades Dinâmicas no estudo de cadeias produtivas e, mais especificamente, da relevância da Denominação de Origem como impulso para a adaptação, absorção e inovação.

Realizou-se a pesquisa com vistas a contribuir com o desenvolvimento da cadeia produtiva do café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, assim observou-se uma importante agente da cadeia produtiva que é a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro. Para tanto, verificou-se a sua implantação, a forma em que está organizada e suas ações na região e no mercado internacional.

O presente artigo foi composto por esta introdução; referencial teórico sobre Denominação de Origem e abordagem das capacidades dinâmicas, sob o enfoque da hierarquia das capacidades dinâmicas, capacidade absoritiva, capacidade adaptativa e capacidade inovativa; procedimentos metodológicos; apresentação e análise dos resultados; e conclusão.

3.2 Referencial Teórico

Conforme Kay, Edwards e Duff (2014), assinala-se como funções básicas da gestão, o planejamento, que consiste em escolher ações a partir das metas estabelecidas, considerando os recursos disponíveis; a implementação, que se referem a recursos e procedimentos necessários para realização; o controle, que está relacionado ao monitoramento, registro e comparação de resultados; e o ajuste, caso seja necessário proceder alguma alteração. Assim, nas propriedades rurais, observa-se dois tipos de gestão, a gestão estratégica e a gestão tática, a primeira envolve indicar a missão do negócio, elaborar as metas, verificar os recursos internos, analisar o ambiente externo, selecionar estratégias para que alcancem os objetivos, implementá-las e proceder melhorias, já a gestão tática compreende questões acerca da produção da lavoura ou da forma de comercialização, por exemplo (KAY; EDWARDS; DUFF, 2014).

Segundo Bethlem (2009, p. 31) “a empresa transforma insumos em produto ou serviço pelo processo de elaboração que escolheu. O processo estratégico geral vai dedicar-se a tomar decisões sobre que insumos e processos de elaboração utilizar para aumentar a eficácia, a eficiência e o lucro”. Conforme Kay, Edwards e Duff (2014), para se conseguir uma gestão de sucesso é preciso que os gestores não tomem decisões somente com base em ações passadas, é importante que sejam consideradas alterações das condições relacionadas ao meio ambiente, à economia e à tecnologia, o setor rural está suscetível às mudanças referentes ao clima, às políticas públicas, às importações e exportações e outras, uma vez que impactam os processos de oferta e demanda das commodities.

3.2.1 Denominação de Origem

Algumas regiões agrícolas têm se destacado por produzir produtos com características próprias de suas regionalidades, obtendo uma qualidade específica e, por meio de uma organização administrativa, tem constituído uma Denominação de Origem. De acordo com Castillo e Frederico (2010, p. 20), “assim, a ‘região competitiva agrícola’ pode ser entendida como um compartimento produtivo do espaço geográfico atrelado à produção agrícola moderna”.

Segundo o INPI (2018), a Indicação Geográfica é utilizada quando aspecto ou qualidade de produtos ou serviços estão relacionados a um determinado local, assim como para reconhecer a origem de produtos ou serviços de uma localidade, sendo verificada em duas modalidades: Denominação de Origem e Indicação de Procedência.

A indicação de procedência refere-se ao nome do local que se tornou conhecido por produzir, extrair ou fabricar determinado produto ou prestar determinado serviço e a denominação de origem refere-se ao nome do local, que passou a designar produtos ou serviços, cujas qualidades ou características podem ser atribuídas a sua origem geográfica (INPI, 2015).

A Denominação de Origem assinala a parte do território em que o produto foi produzido, indicando os aspectos naturais, a identidade das culturas e as características peculiares de uma região, que proporcionam uma qualidade específica ao produto, assim promovem a elaboração de uma estrutura administrativa a fim de obter posicionamento competitivo (CASTILLO; FREDERICO, 2010). Referentes às regiões produtoras brasileiras, menciona-se que recebem destaque em relação à competitividade as regiões produtoras de commodities agrícolas, uma vez que há um grande volume de exportação, bem como, empresas transnacionais e sistemas técnicos que possibilitam a produção e ações funcionais específicas das localidades (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Neste sentido, regiões que participam desse processo de Denominação de Origem, têm tido oportunidades estratégicas relacionadas à especificidade de suas regiões e às características de seus produtos, como também devido à qualidade dos mesmos. Assim, as regiões têm implementado diversas estratégias para criação de valor e de vantagens competitivas em seus negócios, sobretudo por meio do desenvolvimento de capacidades dinâmicas, com vistas ao aperfeiçoamento do conhecimento e da prática e, além disso, à busca por inovações.

3.2.2 Abordagem das capacidades dinâmicas

O conceito de estratégia envolve a relação entre empresa e seu ambiente externo, em que a empresa busca estratégias que maximizem os resultados dessa interação, além disso, também influenciam vigorosamente fatores internos da empresa, a finalidade das estratégias é indicar ações que permitam conseguir a realização de objetivos (OLIVEIRA, 2013). Como observado por Paim et. al (2009, p. 54), “a estratégia de uma organização produtiva pode ser vista como uma perspectiva de longo prazo, que serve para orientar o trabalho gerencial e operacional cotidiano”.

A administração estratégica é considerada como um processo que objetiva contribuir para que a organização esteja integrada ao ambiente a que pertence, pode ser realizada por meio das seguintes etapas: avaliar o ambiente, definir diretrizes, elaborar e executar a estratégia, e

controlar as ações estratégicas (CERTO, et al. 2010). Para Saes e Farina (1999, p. 19), “a capacidade de ação estratégica e os investimentos em inovação de processo e de produto, marketing e recursos humanos determinam a competitividade futura, uma vez que estão associados à preservação, renovação e melhoria das vantagens competitivas dinâmicas”.

Tratando-se do ramo do agronegócio, de acordo com Vieira et al. (2001, p. 11):

As mudanças por que passa a economia brasileira, induzidas pela integração do País numa economia global e pela mudança na forma de intervenção do governo na economia, têm exigido, do setor agroindustrial, grande esforço de adaptação. O desafio que ora se apresenta é uma adequação do setor agroalimentar e respectivas cadeias produtivas às mudanças, visando à eficiência na produção e na distribuição de alimentos e matéria-prima, em condições de competitividade nos principais mercados nacional e internacional (VIEIRA et al., 2001, p. 11).

No contexto da competitividade, a abordagem clássica, tem como fundamentos a “análise da indústria” ou do “posicionamento estratégico”, em que Porter é o principal escritor, é uma abordagem de fora da empresa para dentro da mesma, em que a estratégica organizacional deve ser baseada nas tendências e oportunidades (FLEURY; FLEURY, 2003). O posicionamento estratégico, pode ser composto por cinco forças, que abrange compradores, fornecedores, novos concorrentes, substitutos e intensidade da concorrência, constituindo assim estratégias, adicionalmente considera-se a ideia de “cadeia de valor”, “estratégia competitiva” e “estratégia corporativa”, assinalando que as atividades da empresa são fonte de vantagem competitiva (PORTER, 1999). De acordo com Saes e Farina (1999, p. 19), a partir de um critério operacional, é possível definir a competitividade como “a capacidade de sobreviver e, de preferência, crescer em mercados correntes ou novos mercados”.

A Teoria do Posicionamento Estratégico (a qual tem como base a Teoria da Organização Industrial) e a Teoria Baseada em Recursos - VBR (sua sigla em inglês), em suas definições, abordam uma perspectiva estática da concorrência, de equilíbrio da economia e de previsibilidade de mercados, a Teoria de Posicionamento Estratégico, aponta que fatores exógenos à organização (*outside-in*), possibilitam vantagem competitiva à empresa, as quais são influenciadas pelos aspectos estruturais da indústria, e pelo dinamismo do mercado e da concorrência, já a Teoria Baseada em Recursos, assinala que a vantagem competitiva provém de fatores endógenos à organização (*inside-out*), em que são considerados recursos e competências específicas da organização (LEITE; PORSSE, 2003).

Segundo Fleury e Fleury (2003), sobre a VBR, argumenta-se que a atuação das empresas são distintas umas das outras, devido a cada uma delas apresentar um conjunto peculiar de recursos, no que tange a ativos, competências e determinadas capacidades. Uma abordagem alternativa, baseada na VBR, “considera que toda empresa possui um portfólio de recursos: físicos, financeiros, intangíveis (marca, imagem), organizacionais (cultura organizacional, sistemas administrativos) e recursos humanos. É a partir desse portfólio que a empresa pode criar vantagens competitivas” (FLEURY; FLEURY, 2003, p. 131). Assim os autores mencionam que é uma abordagem de dentro da empresa para fora dela.

Destacaram, ainda, Leite e Porsse (2003), a Teoria de Processos de Mercado e a Teoria das Capacidades Dinâmicas, cujas teorias possuem fundamentos relacionados à percepção dinâmica do mercado, à incerteza e à inovação. Acrescentando os autores que as competências organizacionais, em seu processo de elaboração e alavancagem, são consideradas dinâmicas, pois envolvem diversas interações entre pessoas, empresas, fornecedores e consumidores; sistêmicas, em que os ativos são organizados de forma estratégica para obtenção de resultado; cognitivas, visando identificar as competências relevantes para a empresa; e holísticas.

A característica holística pode ser observada na Teoria da Competição Baseada em Competências (a qual compõe a Teoria das Capacidades Dinâmicas) que apresenta “medida de desempenho da firma que vai além dos indicadores de retorno financeiro e rentabilidade, apresentando uma visão de empresa como sistema multidimensional, ao mesmo tempo quantitativo e qualitativo, tangível e intangível: humano, social e econômico” (LEITE; PORSSE, 2003, p. 129).

As capacidades dinâmicas são consideradas fonte de vantagem competitiva, evidencia-se perspectivas estratégicas, o termo "capacidades" diz respeito à gestão estratégica de adaptação, integração e reconfiguração das habilidades, recursos e funcionalidades, internas e externas, da organização, que podem mudar o ambiente, já o termo “dinâmico” está relacionado à alteração do ambiente, em que a organização demanda estratégias, devido ao mercado, a inovações ou a concorrência (TEECE; PISANO, 1994). Furlan, Angnes e Morozini (2018) destacam que sobre a influência das capacidades dinâmicas em processos de melhoria de processos e produtos, nota-se que o ambiente dinâmico é o maior propulsor, entre outros recursos internos e externos.

As capacidades dinâmicas buscam ampliar a perspectiva da teoria da Visão Baseada em Recursos, com o propósito de trazer contribuições a ambientes dinâmicos e sujeitos a mudanças,

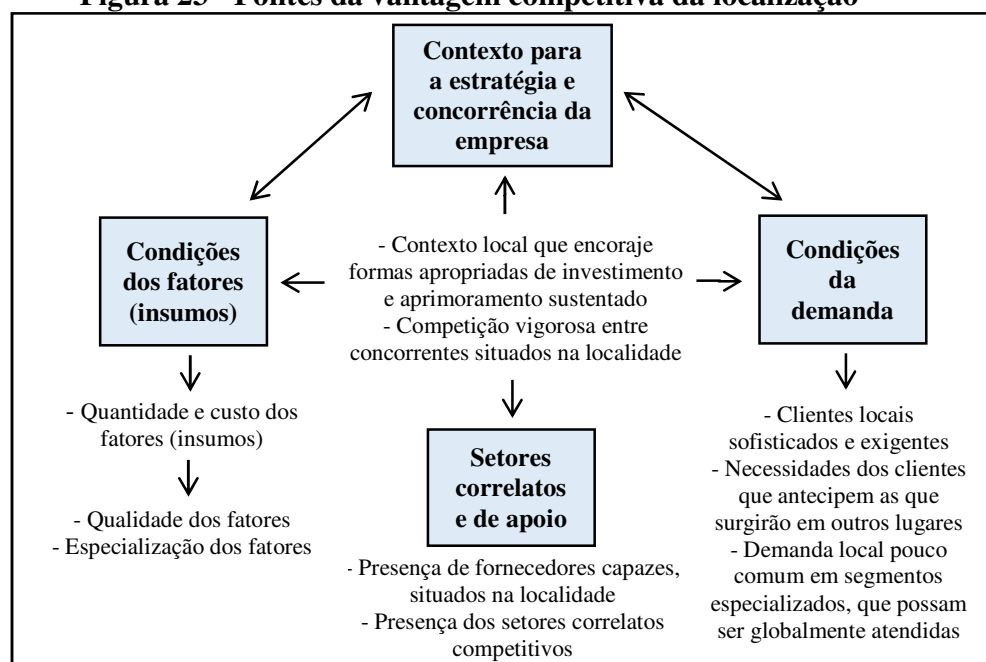
são utilizadas para viabilizar ou inibir variáveis referentes à empresa, mas nem sempre proporciona, de forma direta, melhoria no desempenho das empresas (AMBROSINI; BOWMAN, 2009). Os autores citados afirmam ainda que, a maneira em que as empresas podem desenvolver, sustentar e mudar suas vantagens competitivas, são muito discutidas no meio acadêmico e prático, apontaram que diversos assuntos relacionados a mudanças organizacionais como inovação, aprendizagem e outros, são pesquisados, destaca-se o diferencial das capacidades dinâmicas, que buscam compreender como as empresas mudam seus recursos valiosos no decorrer do tempo, podendo ocorrer com constância.

Wang e Ahmed (2007) definiram capacidades dinâmicas como a habilidade da empresa em possibilitar contínua orientação comportamental, cujo objetivo é que a empresa seja capaz de integrar, reconfigurar, renovar e recriar suas capacidades e recursos em meio a um ambiente com mudanças, bem como, principalmente, conseguir atualização e reconstrução das suas capacidades essenciais, com vistas a proporcionar a obtenção de vantagens competitivas e a mantê-las. Assinala também que as capacidades dinâmicas estão relacionadas a agregar elementos processos, como know-how ou liderança.

As frequentes mudanças tecnológicas e institucionais, típicas de um mundo cada vez mais transitório e da rápida mudança, fazem com que as organizações tenham que lidar cada vez mais com a reconfiguração de seu arcabouço de recursos, competências e habilidades em busca do aumento de seus desempenhos, necessitando desenvolver suas capacidades dinâmicas [...] (BARBOSA; ROMANI-DIAS; ROSA, 2018, p. 67).

Por meio de uma percepção ampla e dinâmica da competição, conforme abordado por Michael Porter, verifica-se que a vantagem competitiva é impactada pela localização, uma vez que a localização é um fator significativo para a produtividade, de acordo com Figura 23 (DALL'ACQUA, 2003).

Figura 23 - Fontes da vantagem competitiva da localização



Fonte: Adaptado de Porter (1999, p. 224).

Fazem parte de um sistema a estrutura de produção, que são as cadeias produtivas, a estrutura de distribuição de renda e a estrutura de consumo, o vigor do desenvolvimento regional está relacionado à concentração das atividades produtivas, principalmente de bens intermediários para o mercado regional, destaca-se a importância desses bens para as transações entre setores (DALL'ACQUA, 2003). O autor assinala ainda que os circuitos regionais de produção são considerados a interligação entre as estruturas produtivas, de renda e de consumo, na região, que participa de um sistema de produção de bens finais, as transformações na estrutura produtiva ou nos circuitos regionais de produção, podem impulsionar o desenvolvimento econômico e as inovações tecnológicas viabilizar a produtividade.

3.2.1.1 Hierarquia das capacidades

No contexto das capacidades dinâmicas é possível encontrar diversificação de conceitos, no entanto, evidenciam-se similaridades, podendo ser apontado que as capacidades estão relacionadas às mudanças rápidas no ambiente; processos, rotinas, habilidades, capacidades, recursos e ativos; capacidade de integrar, combinar, construir, reconfigurar e modificar recursos; posicionamento de caminho e dependência; e vantagem competitiva (FROEHLICH;

BITENCOURT; BOSSLE, 2017). Alguns autores apontam questionamentos à diversificação na exposição de definições relacionados à teoria das capacidades dinâmicas (ZAHRA; SAPIENZA; DAVIDSON, 2006).

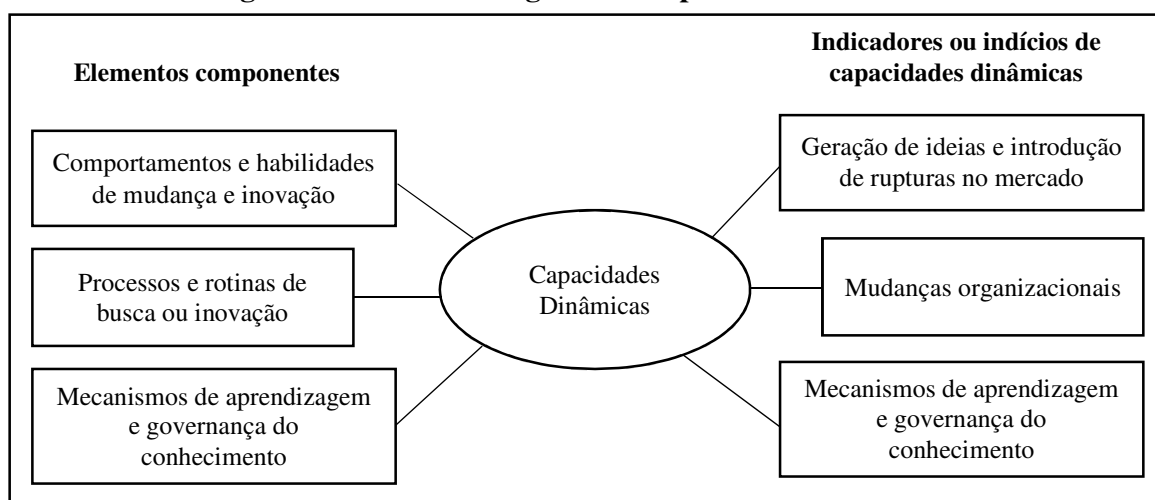
De acordo com Takahashi, Bulgacov e Giacomini (2017, p. 380):

(...) em mercados moderadamente dinâmicos, CDs são encontradas em rotinas complicadas, detalhadas e processos analíticos para produzir principalmente resultados previsíveis, ao passo que em ambientes altamente dinâmicos elas são simples, experienciais e instáveis, voltadas à rápida criação do conhecimento para produzir resultados adaptativos, mas imprevisíveis. Em ambientes estáveis ou menos dinâmicos, as mudanças são mais lentas e previsíveis. Portanto, CDs não transformam capacidades operacionais, mas suportam sua mudança adaptativa por meio de pequenas melhorias incrementais (TAKAHASHI; BULGACOV; GIACOMINI, 2017, p. 380).

Segundo Ambrosini, Bowman e Collier (2009), o conceito de capacidades dinâmicas abrange fundamentos de como as empresas mantém seus recursos em meio a mudanças, apontam que existem ambientes internos e externos às organizações e ambientes estáveis ou dinâmicos, acrescenta os autores que o conceito de capacidades dinâmicas foi desenvolvido a partir da Visão Baseada em Recursos (VBR). Tal visão trata de uma perspectiva em que os recursos que impulsionam o crescimento estão em ambientes estáveis, tendo como princípios que a organização possui recursos que são valiosos, raros, não podem ser imitados e nem substituídos (BARNEY, 1991).

De acordo com Silva e Meirelles e Camargo (2014) há diversas definições sobre o conceito de capacidades dinâmicas, em resumo, pode ser considerado que as capacidades são baseadas em decisões e que possibilitam a criação, extensão, modificação ou reconfiguração das principais capacidades da organização, recursos e competências, utilizando componentes como: comportamentos e habilidades; rotinas e processos; e mecanismos de aprendizagem e governança do conhecimento, conforme Figura 24.

Figura 24 - Modelo integrado de capacidades dinâmicas



Fonte: Silva e Meirelles e Camargo (2014, p. 58).

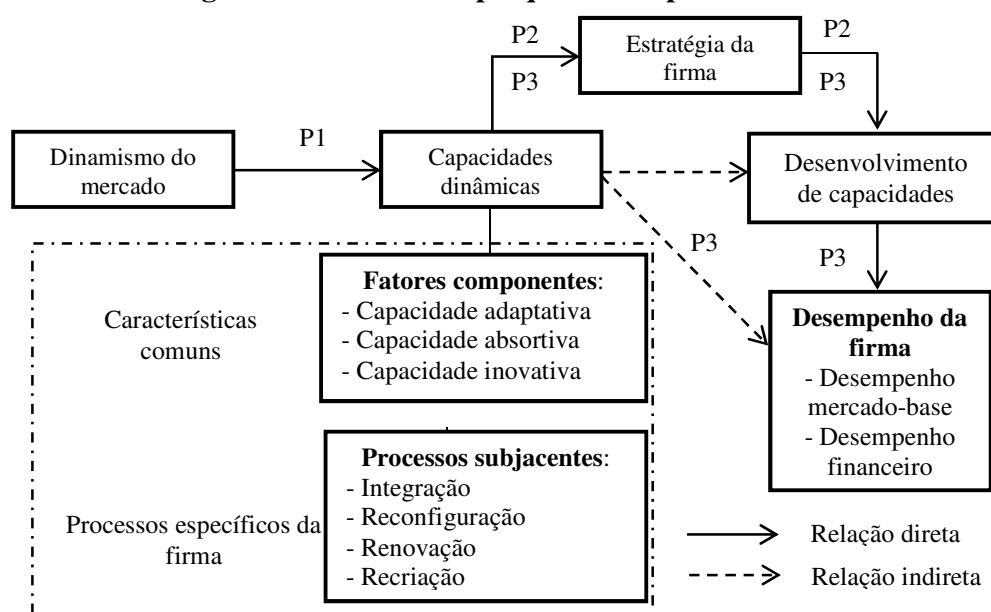
A partir de estudos sobre a hierarquia das capacidades dinâmicas, a fim de ampliar conceitos, os autores Ambrosini, Bowman e Collier (2009), sugeriram, três níveis diferentes de capacidades dinâmicas, sendo os níveis propostos: capacidades dinâmicas incrementais, as quais referem-se à melhoria contínua dos recursos considerados básicos para a empresa; capacidades dinâmicas de renovação, são as que proporcionam atualização, adaptação e expansão da base de recursos, ambas podem ser utilizadas em ambientes estáveis; e capacidades dinâmicas regenerativas que provocam alterações no conjunto de capacidades dinâmicas e não na base de recursos, como por exemplo mudança na liderança ou no ambiente externo.

Sobre as capacidades dinâmicas incrementais e as capacidades dinâmicas de renovação, pode ser citado Eisenhardt e Martin (2000) e em relação às capacidades dinâmicas regenerativas pode ser mencionado Winter (2003). Eisenhardt e Martin (2000) mencionaram em seu estudo, duas concepções sobre as capacidades dinâmicas, sob uma visão tradicional e uma reconceituação, apontam-se algumas características da visão tradicional como: rotinas geram aprendizagem, há heterogeneidade por empresa, previsibilidade de resultados; sobre a reconceituação os processos estratégicos alteram a base de recursos, há comunicação, os resultados podem ser previsíveis ou não; argumentaram que as capacidades dinâmicas envolvem processos organizacionais e estratégicos, que contribuem com a criação de valor.

Segundo Wang e Ahmed (2007), referente à hierarquia das capacidades dinâmicas podem ser considerados recursos e capacidades como elemento “*zero-order*”, mas os recursos valiosos,

raros, difíceis de imitar e de substituir (com sua sigla em inglês VRIN), não se destacam em vantagem competitiva em ambiente dinâmico; as capacidades comuns como elemento “*first-order*”, quando aplicada aos recursos com objetivos, podem viabilizar melhoria no desempenho da empresa, podem gerar desempenho; as capacidades principais, aquelas que estão integradas à estratégia da empresa são entendidas como “*second-order*”; sendo a “*third-order*” as capacidades dinâmicas que impulsionam as empresas a renovar, reconfigurar e recriar recursos, capacidades e capacidades principais, empresas atuantes em ambientes que mudam. Muitos estudos foram realizados sobre as capacidades dinâmicas, os autores Wang e Ahmed (2007) destacaram fatores que compõem as capacidades dinâmicas, identificando assim três capacidades: as capacidades adaptativas, as capacidades absorptivas e as capacidades inovativas, de acordo com Figura 25.

Figura 25 - Modelo de pesquisa de capacidades dinâmicas



Fonte: Wang e Ahmed (2007, p. 39).

3.2.1.1.1 Capacidade absorptiva

Segundo Moré, Vargas e Gonçalo (2014, p. 35) “a capacidade absorptiva pode ser definida como uma capacidade dinâmica, sendo um conjunto de rotinas e processos organizacionais pelo qual as empresas adquirem, assimilam, transformam e exploram o conhecimento”. Acrescentam os autores que a capacidade absorptiva está bem relacionada à aprendizagem organizacional, ou seja, às capacidades de aprendizagem, assim visa possibilitar que os conhecimentos externos e

internos possam trazer novas oportunidades à organização, por meio do desenvolvimento de novos conhecimentos a serem aplicados em produtos e serviços, com vistas a obter eficiência e eficácia nas organizações.

A capacidade de absorção, também é um tipo de capacidade dinâmica, a qual é compreendida como a habilidade da empresa em absorver conhecimentos externos para serem utilizados juntamente com os conhecimentos internos (WANG; AHMED, 2007). De acordo com Garrido et al. (2017, p. 561) “a capacidade absorptiva representa a capacidade das empresas para identificar e assimilar informações valiosas e transformá-las para fins comerciais”.

Garrido et al. (2017) desenvolveram pesquisa, buscando verificar a função da capacidade absorptiva e da internacionalização para compreender a capacidade inovativa de empresas brasileiras do segmento industrial de tecnologia da informação, evidenciaram que a relação entre o desempenho passado e a capacidade inovativa são intermediadas por capacidades absorptivas (realizada e potencial), bem como a relação entre a capacidade absorptiva potencial e a capacidade inovativa são mediadas pela internacionalização, observou-se que as empresas podem obter benefícios por meio da internacionalização e o aprimoramento de capacidades absorptivas.

Em estudo realizado, foi observado que a prática dos conhecimentos externos, podem proporcionar aumento de produtividade e de rentabilidade para os produtores rurais, apoiando em relação ao atendimento às exigências do mercado e de consumidores (FURLAN; ANGNES; MOROZINI, 2018), verificando assim a aplicabilidade da capacidade de absorção e seus efeitos positivos.

3.2.1.1.2 Capacidade adaptativa

A capacidade adaptativa é um tipo de capacidade dinâmica, que pode ser identificada como a habilidade da empresa em adaptar e organizar seus recursos e suas capacidades às modificações do ambiente, destaca-se a importância da flexibilidade, e ainda, é possível verificar que essa capacidade visa o alinhamento da empresa e fatores externos (WANG; AHMED, 2007). Pesquisas têm sido realizadas e demonstraram que a gestão e a adaptação das competências essenciais são relevantes para empresas que operam em um ambiente dinâmico, tendo conseguido resultados favoráveis, tem ocorrido que empresas bem sucedidas e com disponibilidade de recursos, mas que não se adaptaram a mudanças não tem obtido sustentação em seu desempenho, assim ressalta-se que as capacidades dinâmicas proporcionam vantagem competitiva à empresa, a

liderança é um fator estratégico importante, no processo de aproveitamento de oportunidades pelas empresas, na utilização de recursos e habilidades para viabilização de diferenciais aos clientes (HARRELD; O'REILLY III; TUSHMAN, 2007). Em relação ao acesso a recursos, “a aprendizagem e o aperfeiçoamento de processos de negócios desempenham um papel central na renovação permanente dos recursos mais críticos para o sucesso da empresa” (CARDOSO; KATO, 2015, p. 205).

3.2.1.1.3 Capacidade inovativa

De acordo com Wang e Ahmed (2007), outro tipo de capacidade dinâmica é a capacidade inovativa, sobre a qual entende-se como a habilidade de inovar em produtos e mercados, proporcionando vantagem competitiva à empresa em relação ao mercado. Para Froehlich, Bitencourt e Bossle (2017), as capacidades dinâmicas buscam compreender de quais maneiras podem ser desenvolvidas vantagens competitivas e ter competitividade em ambientes que se modificam com celeridade. Um tipo de capacidade estratégica organizacional, assinalada pelos autores, é a capacidade de inovação, em que as inovações e as estratégias organizacionais devem estar alinhadas, a fim de contribuir com a agregação de valor aos envolvidos, sendo empresa, consumidores e outros.

Alves et al. (2017) afirmaram que ao longo do tempo a gestão estratégica tem tido mudanças em suas abordagens, destacando a importância das empresas em ter harmonia entre suas capacidades relacionadas à tecnologia e aquelas que se referem a organização, com vistas a possibilitar seus negócios. Assim, no intuito de apontar e delinear as capacidades dinâmicas que incentivam à inovação, os autores propuseram um modelo de capacidade de inovação, em que as empresas são consideradas, de forma pioneira, como um conjunto tecnológico de produtos e processos atuando num modelo de negócios, para operar com obtenção de lucro, ou seja, podendo ser definida como capacidades, conhecimentos e recursos que podem ser organizados para solucionar problemas.

Em estudo realizado por Danneels (2002), com intuito de examinar de que forma a dinâmica de inovação do produto pode colaborar com a inovação de empresas de tecnologia, por meio do desenvolvimento de competências, foi assinalado que competências referentes à relação entre tecnologias e consumidores são importantes para o desenvolvimento de novos produtos,

assim como a aprendizagem organizacional. O termo competência foi utilizado pelo autor como a habilidade para utilizar recursos materiais e não materiais.

Por meio da análise da influência do conhecimento sobre as capacidades dinâmicas, Panizzon et al. (2015) buscou identificar a relação entre as capacidades dinâmicas e a inovação, sob o enfoque do desempenho, apontaram que o conceito de capacidades dinâmicas foi desenvolvido a partir do aprimoramento do conceito da Visão Baseada em Recursos (VBR) e do conceito de Visão Baseada em Conhecimento (VBC), posteriormente originando o conceito de capacidades dinâmicas baseadas no conhecimento. Referente às capacidades dinâmicas com ligação à inovação, os autores evidenciaram a partir da análise de estudos, que a maneira de operacionalizá-las foi distinta e assim propuseram um modelo teórico de unificação das capacidades dinâmicas baseadas em conhecimento e tipos de inovação, o qual pode ser base para pesquisas futuras.

Neste sentido, pondera-se que “a inovação é um importante ativo intangível. Ele gera vantagens competitivas sustentáveis que permitem erguer barreiras contra algumas das ameaças competitivas” (TEH; KAYO; KIMURA, 2008, p. 88).

3.3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o papel estratégico da Denominação de Origem na região e as capacidades dinâmicas necessárias para sua obtenção. Para isso, utilizou-se como base de análise a teoria das Capacidades Dinâmicas. A pesquisa realizada teve as seguintes características: aplicada, descritiva e qualitativa. Entende-se por pesquisa aplicada, quando os resultados do estudo são de ordem prática (FARIAS FILHO; ARRUDA FILHO, 2013). Para esses autores, o estudo descritivo pretende descrever atributos de um fenômeno ou população, ou ainda descrever as relações encontradas entre variáveis observadas, usando em geral para isso, instrumentos padronizados de coleta de dados, como por exemplo, questionários ou observação sistemática, esse tipo de pesquisa objetiva comumente proporcionar respostas a questionamentos em relação a: o que, quem, quando, onde e quanto. A abordagem qualitativa faz uso de estratégias de investigação, técnicas de coleta, verificação e interpretação de dados, adota-se, de forma geral, mais de uma fonte de dados, como entrevistas, documentos, observações e materiais audiovisuais (CRESWELL, 2010).

O procedimento técnico de pesquisa foi o estudo de caso, sendo a Região do Cerrado Mineiro o caso em si, com as organizações que a compõem, destaca-se que o número de produtores tem aumentado no decorrer dos anos, em 2016 foram 833 produtores, em 2017 foram 883 produtores e em 2018 são 912 produtores. O estudo de caso ocorre “quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento. É mais usado na construção de hipóteses e na reformulação de problema. Na maioria das vezes não permite generalização dos resultados” (FARIAS FILHO; ARRUDA FILHO, 2013).

Para a coleta de dados, foram utilizadas a pesquisa documental e entrevistas, com análise de conteúdo. A pesquisa documental, para Farias Filho e Arruda Filho (2013, p. 65) ocorre “quando elaborada a partir de material que não recebeu tratamento analítico ou que pode ser reelaborado. Trata-se de material de “primeira mão”, que pode ser tratado analiticamente pelo pesquisador”. Nas entrevistas qualitativas, o pesquisador entrevista os participantes pessoalmente ou por telefone, individualmente ou em grupo focal (CRESWELL, 2010). Segundo Severino (2007, p. 124) a entrevista é uma “técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados”. A análise de conteúdo trata e analisa discursos, sejam escritos, verbais ou outros (SEVERINO, 2007).

Os documentos foram obtidos, basicamente, no mês de junho e julho de 2018 e consistem em: material divulgado no site da marca “Região do Cerrado Mineiro” - Denominação de Origem, que traz o histórico e os objetivos da Denominação de Origem, bem como outros diversos elementos como informações sobre *terroir*, marca, planos de desenvolvimento, mapas das fazendas e vídeos; material sobre o sistema de controle da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro e Federação dos Cafeicultores do Cerrado; material com apresentação institucional sobre a Federação dos Cafeicultores do Cerrado; folder sobre a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro. Para as entrevistas foram elaborados dois roteiros, sendo o primeiro para obter resposta junto a representante da Federação e outro para respostas de produtores indicados no primeiro formulário por representante da Federação, obtendo respostas de três participantes, sendo eles uma representante da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, uma representante de produtor rural e um produtor rural. O Quadro 2 apresenta o perfil dos entrevistados:

Quadro 2 – Perfil dos Entrevistados

Entrevistado	Gênero	Cargo	Instrumento de coleta de dados
Entrevistada 1	Feminino	Representante da Federação	Roteiro 1
Entrevistada 2	Feminino	Representante de Produtor Rural	Roteiro 2
Entrevistado 3	Masculino	Produtor Rural	Roteiro 2

Fonte: dados da pesquisa.

A técnica de análise definida para analisar os dados coletados com as entrevistas e documentos foi a análise de conteúdo, com a definição de categorias de análise feita a posteriori. Conforme Bardin (2011), a análise de conteúdo, advinda de uma pesquisa qualitativa, prevê que pode tanto auxiliar estudos quantitativos ou qualitativos, as categorias podem ser definidas a priori ou a posteriori. Dessa forma, o procedimento feito foi a realização da leitura flutuante para encontrar categorias, baseadas nos dados coletados em campo e com auxílio do referencial teórico e, posterior descrição e análise de cada categoria identificada. Assim, depois de procedido a leitura, as quatro categorias que emergiram dos dados foram:

- a) Criação da marca;
- b) Denominação de Origem;
- c) Capacidade adaptativa para adequação da produção para o padrão internacional;
- d) Capacidade absorativa de conhecimento, incorporação de técnicas novas e de rastreabilidade

3.4 Apresentação e Análise dos Resultados

Os dados apresentados primeiramente foram relacionados à cadeia produtiva do café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, suas características e localização, assim como informações sobre a Indicação de Procedência e Denominação de Origem e, em seguida, foram apontadas categorias identificadas com base na análise dos dados e suas evidenciações, representando os principais pontos apresentados pelos participantes da pesquisa.

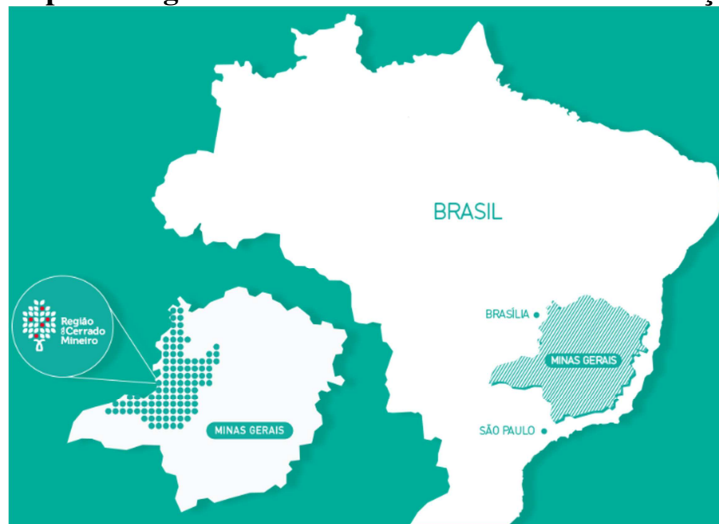
3.4.1 Cadeia produtiva do café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

A cadeia produtiva do café está estruturada com diversos agentes, como os produtores, as cooperativas, associações, os membros exportadores, os torrefadores, podendo assumir variados caminhos, passando o café pela torrefação ou sendo exportado in natura. De acordo com

representante da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, a exportação da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro é em sua maior parte do grão verde, ou seja, o grão cru, atuando também no mercado nacional e há outros agentes como a Fundação, que capta recursos e faz parte do sistema e o Sebraetec, tendo os agentes a capacidade de gerar recursos e networking, com apoio a projetos de melhoria de produção. Faz-se importante também a necessidade de identidade e de visibilidade, assim como o controle de indicadores, como por exemplo, o mercado internacional.

De acordo com a Região do Cerrado Mineiro - RCM (2017), as atividades cafeeiras do Cerrado Mineiro estão localizadas nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas, conforme Figura 26. A Região do Cerrado Mineiro é uma origem produtora de cafés da referida região, tendo formada uma Denominação de Origem chamada Região do Cerrado Mineiro, “uma Denominação de Origem é um território demarcado por produzir um produto que possui características únicas e que não podem ser encontradas em nenhum outro lugar” (RCM, 2017).

Figura 26 - Mapa da Região do Cerrado Mineiro e da Denominação de Origem



Fonte: Região do Cerrado Mineiro (2017).

A Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro abrange 55 municípios e é reconhecida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), órgão responsável pelo reconhecimento de Denominações de Origem brasileiras, sendo a Federação dos Cafeicultores do Cerrado, a entidade controladora da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, sem

fins lucrativos, composta por 6 Associações de Produtores, 9 Cooperativas e 1 Fundação, cujas funções da Federação são, no âmbito da Região do Cerrado Mineiro, representar a origem, os produtores e os produtos, controlar a origem e a qualidade dos produtos e promover os produtores, os produtos e a região (RCM, 2017).

Segundo a RCM (2017), com vistas a produzir um café com identidade, qualidade e certificação de origem, a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, possui processos de produção oficial, em relação à localização da fazenda, espécie e altitude da plantação, qualidade, rastreabilidade, boas práticas, legislação, filiação à Federação, utilização de sacaria oficial da Região do Cerrado Mineiro, com Selo de Origem e Qualidade, assim busca produzir um café em seu *terroir* com características únicas, em sabor, aroma, corpo, acidez e finalização.

A Denominação de Origem tem um papel importante para a nova perspectiva do mercado cafeeiro, na qual tecnologias e informações têm atribuições importantes para o desenvolvimento do setor, em que o mercado consumidor de café, tem pretendido obter conhecimento sobre a produção do café, inclusive a origem dos produtos, os produtores e os processos, sendo importantes para o consumo, fatores como: a diferenciação, a exclusividade, a ética e o pertencimento (RCM, 2017).

O foco maior desta pesquisa foi o estudo da cadeia produtiva do café na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, localizada no estado de Minas Gerais, a oeste, composta pelas cidades de Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Araguari, Ituiutaba, Araxá, Patrocínio e outras cidades, destaca-se que a referida mesorregião desenvolve uma economia importante para o estado.

Figura 27 - Marcos históricos sobre a Denominação de Origem



Fonte: Região do Cerrado Mineiro (2016).

A marca "Região do Cerrado Mineiro" utilizada atualmente no mercado nacional e internacional é um marco importante para a cafeicultura da Região do Cerrado Mineiro. Conforme Figura 27, em 1970, iniciava-se a cafeicultura na Região do Cerrado Mineiro, nos anos seguintes foram criadas as primeiras associações (1984) e o Caccer (1992), que se tornou posteriormente a Federação dos Cafeicultores do Cerrado, que é o órgão que atua no controle da Indicação de Procedência. Em 1993 houve a criação da marca "Café do Cerrado" e as cooperativas foram inseridas no sistema. Em 2005, obtiveram a conquista da Indicação de Procedência Região do Cerrado Mineiro, que identifica que produtos ou serviços referem-se a um determinado local.

Assim, no ano de 2011, ocorreu a mudança da marca "Café do Cerrado" para "Região do Cerrado Mineiro", marca esta que passou a levar a identificação da região. Foi criado, em 2013, o Prêmio Região do Cerrado Mineiro e nesse ano, conseguiram também a almejada Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro. Foram conquistadas tanto a Indicação de Procedência, quanto a Denominação de Origem, segundo a representante da Federação, optaram por dar mais ênfase na Denominação de Origem, para que houvesse mais facilidade de comunicação. Nos anos de 2014 e 2015 foram realizados o Lançamento Internacional da Denominação de Origem em

Seattle Estados Unidos e o Lançamento do Plano de Desenvolvimento, Sustentabilidade e Promoção da Região do Cerrado Mineiro (2015-2020), respectivamente.

Com base, na leitura fluante do material pesquisado e das entrevistas realizadas, foi possível organizar as informações e emergiram quatro categorias dos dados, ou seja, os mesmos podem ser organizados para melhor entendimento em quatro grupos: criação da marca; denominação de origem, capacidade adaptativa e capacidade absorptiva, conforme Quadro 3, e que serão analisados individualmente, a seguir.

Quadro 3 – Categorias de Análise

Categorias	Definição	Descrição
Categoria 1	Criação da marca	Identidade; Regionalidade; Qualidade;
Categoria 2	Denominação de origem	Produção com ética, rastreabilidade e qualidade; Trajetória; Confiança;
Categoria 3	Capacidade adaptativa	Adaptação às demandas dos consumidores; Adaptação às exigências do mercado (tendências, concorrentes e fornecedores);
Categoria 4	Capacidade absorptiva	Absorção de conhecimento e técnicas por meio de treinamentos; Absorção de tecnologias;

Fonte: dados da pesquisa.

A Categoria 1 - “criação da marca” representa as informações relativas à criação da marca Café do Cerrado e sua alteração, com passagem para o nome da marca “Região do Cerrado Mineiro”. Está relacionada à identificação, à regionalidade e à qualidade. A marca é encontrada nas sacarias e no selo de Origem e Qualidade, levando a Certificação de Origem e Qualidade da Região do Cerrado Mineiro. Segundo a Entrevistada 1:

Em 2011, foi uma data muito importante, onde a gente fez uma reestruturação da marca [...] com isso, a gente passou do foco do produto café, pra região como um todo [...] começou comunicar Região do Cerrado Mineiro. Em 2013 [...] a gente teve a conquista, da Denominação de Origem, Região do Cerrado Mineiro, a DO. Então, os nossos cafés levam a comunicação que pertencem a Denominação de Origem, o que comprova isto é o selo de origem (Entrevistada 1).

Segundo Teh, Kayo e Kimura (2008), a marca oferece vantagem competitiva, sendo utilizada para fidelização do cliente, para auxiliar nas negociações com os fornecedores e concorrentes, na criação de valor para as empresas, no crescimento das vendas e assim influencia

o valor de mercado da empresa. No Quadro 4 podem ser verificados algumas informações dos entrevistados, relacionadas à Categoria 1.

Quadro 4 – Criação da Marca

	Entrevistado 1 (Representante da Federação)	Entrevistado 2 (Representante de Produtor Rural)	Entrevistado 3 (Produtor Rural)
Categoria 1 (Criação da marca)	“Em 1983, foi criada a marca Café do Cerrado”. “Então, em 2011, terminou essa reestruturação e a gente começou a comunicar Região do Cerrado Mineiro”.	Tem sido convidado para representar a região em muitos eventos, recebendo premiações nacionais e internacionais, proporcionados pelo trabalho, dedicação, inovações e tecnologias.	O café do Cerrado Mineiro que antes era vendido e levado para outros países, tendo nome e origem alterados, e às vezes até tendo prejuízos em relação à qualidade, houve então a criação do Selo de Origem e Qualidade do café, de maneira a identificar o café produzido no cerrado. Com elaboração de um aplicativo com QR Code, que permite a rastreabilidade, ou seja, a garantia do acompanhamento da origem e qualidade, tendo informações sobre a altitude, o produtor do café e a localidade.

Fonte: dados da pesquisa.

A Categoria 2 - “Denominação de Origem” é uma modalidade da Indicação Geográfica, assim como a Indicação de Procedência, utilizada para atribuir à região as características de produtos ou serviços, fazendo com que fique evidenciado que o café possui características específicas, devido às peculiaridades de determinada localidade (Cerrado Mineiro). A Denominação de Origem foi promovida devido ao apoio da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, e outros agentes, buscando produzir com ética, rastreabilidade e qualidade, inspirando confiança. O sistema organizacional é composto por 9 cooperativas e 7 associações e 1 Federação, tendo também a participação de exportadores e armazéns credenciados. É possível observar toda a trajetória percorrida para obtenção da Denominação de Origem, conforme Figura 27, já apresentada. Segundo a Entrevistada 1: “A Região do Cerrado Mineiro, ela tem a IP, que é a Indicação de Procedência e a Denominação de Origem que é a DO”. E, de acordo com a Entrevistada 2: “Participam de concursos para avaliação do produto e tem sido produtivo”.

Faz-se importante que as cooperativas auxiliem os produtores no reconhecimento e aplicação de conhecimentos, propiciando a eles treinamentos apropriados ao perfil do produtor (FURLAN; ANGNES; MOROZINI, 2018). Nesse intuito, pode ser mencionado o papel importante que desempenha a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro e seus agentes, como cooperativas, associações e a Federação dos Cafeicultores do Cerrado, junto às propriedades rurais. A seguir, no Quadro 5, foram sintetizadas as informações dos entrevistados sobre a Categoria 2:

Quadro 5 – Denominação de Origem

	Entrevistado 1 (Representante da Federação)	Entrevistado 2 (Representante de Produtor Rural)	Entrevistado 3 (Produtor Rural)
Categoria 2 (Denominação de origem)	“[...] a nossa Denominação de Origem foi lançada em 2014 na feira da SCA, lançamento internacional. Esse ano a gente também participou da SCA, com estande, levando a nossa Denominação de Origem, principalmente pra exportadores e importadores”.	Compartilhar conhecimento e almejar o desenvolvimento de outros é fundamental para valorizar a região. A fazenda está em uma região privilegiada, devido a altitude e a condições meteorológicas, proporcionando cafés de alta qualidade, fazendo-se necessária a diferenciação. Investe-se em tecnologia, no aprimoramento de manejos e em testar fermentações controladas para apuração da bebida.	Surgiu através de consultores, cooperativas e órgãos responsáveis.

Fonte: dados da pesquisa.

A Categoria 3 - “capacidade adaptativa” diz respeito à necessidade que produtores e outros agentes agroindustriais precisam de se adaptar às exigências e às tendências do mercado, assim como atender satisfatoriamente o cliente. Para isso faz-se necessário adaptarem-se a novos procedimentos e técnicas ou a novas tecnologias. Com vistas a sustentar os três pilares: conectar, desenvolver e integrar, a Federação busca o desenvolvimento de capacidades que viabilizem esses atributos. Como menciona a Entrevistada 1: “Porque as nossas estratégias são baseadas em três pilares, que é CONECTAR, DESENVOLVER e INTEGRAR”. E destaca o Entrevistado 3: O Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba tem recebido destaque e se tornado referência na produção de café, com intuito de obter melhorias em variedades mais produtivas e resistentes a doenças,

aprimorar em tecnologias, conseguir parcerias com as cooperativas e associações que compartilham conhecimentos com os produtores (Entrevistado 3).

A capacidade adaptativa é a habilidade que a organização tem de se adaptar, de forma a utilizar bem seus recursos considerando fatores externos, ou seja, a dinâmica do ambiente (WANG; AHMED, 2007). Alguns argumentos dos pesquisados, sobre a Categoria 3, foram descritos no Quadro 6.

Quadro 6 – Capacidade Adaptativa

	Entrevistado 1 (Representante da Federação)	Entrevistado 2 (Representante de Produtor Rural)	Entrevistado 3 (Produtor Rural)
Categoria 3 (Capacidade adaptativa)	“[...] aumento de participação em evento, participação em feira, é a região ganhando maior notoriedade, os nossos produtores entendendo mais a importância de se produzir um café com qualidade, de levar a Denominação de Origem também nos seus cafés, então isso tudo vai agregando valor, vai sendo conquistado ano após ano. As nossas cooperativas vão se engajando mais, mais produtores vão entendendo o que que é toda essa estrutura e vão querendo participar”.	Desde então até os dias atuais, uma inimaginável revolução aconteceu no campo e ainda acontece no paladar do consumidor cafeeiro mundial.	A estratégia de expor aos produtores o comportamento do mercado mundial de cafés, mencionando que os consumidores estão mais exigentes, em busca de qualidade e segurança. Tendo o produtor que produzir, integrar, desenvolver e conectar.

Fonte: dados da pesquisa.

A Categoria 4 - “capacidade absorptiva” traz as informações relacionadas à absorção de conhecimento, de técnicas, de tecnologias, sobre a capacidade de absorver melhorias para o desenvolvimento da marca, do produtor rural, do cliente, da Federação e agentes. Segundo a Entrevistada 1:

[...] os nossos produtores principalmente com esse perfil pioneiro, eles sempre se uniram, eles sempre pensaram em levar uma marca dos seus cafés que eram diferentes por serem cultivados aqui, ai foram atrás de materiais que comprovassem que os cafés produzidos aqui tem uma característica diferenciada” (Entrevistada 1).

No Quadro 7 foram elencados argumentos dos entrevistados referentes a Categoria 4.

Quadro 7 – Capacidade Absortiva

	Entrevistado 1 (Representante da Federação)	Entrevistado 2 (Representante de Produtor Rural)	Entrevistado 3 (Produtor Rural)
Categoria 4 (Capacidade absorptiva)	“É com projetos, com participação no evento das nossas associações, buscando levar tecnologia, levar informação aos produtores, montar projetos para atender a demanda que eles encontram nessas atividades do dia a dia”.	Modernas máquinas evoluíram os processos de plantio, manejo, colheita e pós-colheita, trazendo mais rapidez e maior produtividade. A mecanização trouxe benefícios únicos para o café que vai para a xícara do consumidor. São mais variedades plantadas, novos tipos de bebida e uma evolução natural na qualidade do produto final.	O foco da produção que antes era quantidade e não qualidade, teve alterações, os produtores recebem auxílio do Sebrae, Fundacer, cooperativas e associações filiadas à Federação, por meio de treinamentos teóricos e práticos, pós colheita, com destaque em cafés especiais, obtendo assim o Selo de Origem e Qualidade, da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, valorização do café produzido e comercialização no mercado interno e externo.

Fonte: dados da pesquisa.

Furlan, Angnes e Morozini (2018) constataram que a organização cooperativa tem atuação importante em relação ao recebimento de informações e conhecimentos que auxiliam no desempenho dos agricultores de uma organização agroindustrial no interior do Paraná, bem como à fundação de pesquisa, que proporciona novos aprendizados a esses produtores, ressaltando a relevância da confiança entre produtores, cooperativa e fundação. Evidenciaram também que assuntos sobre as capacidades absorptivas devem ser tratados de maneira eficaz nas propriedades rurais, haja vistas que a recepção e a aplicação de conhecimentos e informações por parte dos produtores rurais são elementares para o processo de melhoria de suas propriedades.

Engelman e Schreiber (2018) argumentaram que a capacidade absorptiva, sob o aspecto de conhecimentos externos, pode gerar vantagens significativas e que conhecimentos internos também podem proporcionar resultados positivos por meio da capacidade absorptiva, levando inclusive a mecanismos de inovação e desenvolvimento da organização. Portanto, a atenção e busca por aperfeiçoamento e crescimento relacionados a conhecimentos gerados internamente, podem possibilitar, por vezes, processos que visem à inovação, sendo um ponto considerável na análise do desenvolvimento de capacidades inovativas no âmbito das propriedades rurais, em princípio pouco evidenciada nesta pesquisa.

É importante mencionar, como oportunidades para desenvolvimento de crescimento e de capacidade absorptiva, que os produtores que participam do projeto Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, têm a possibilidade de participar de outros projetos como: Projeto Cluster de Qualidade, cujo objetivo é auxiliar produtores a melhorar a qualidade dos cafés produzidos, com consultorias e treinamentos; Projeto Casa Brasil; Projeto Cafés Autorais; Projeto Unidades Demonstrativas, que busca validar, difundir e recomendar cultivares de café desenvolvidas por programa de melhoramento para produção e qualidade superior de bebida; V Prêmio Região do Cerrado Mineiro, com objetivo de premiar os produtores que produziram os melhores cafés e comemorar a colheita; Participação em Encontros; Participação na World Of Coffee; Participação em Semana Internacional do Café; Participação em Campanhas; e tem ainda outras ações e projetos.

A Denominação de Origem como geradora de vantagem competitiva da localização, atua nas condições dos fatores utilizados para a produção do café, uma vez que proporciona treinamentos e capacitações e busca avanços tecnológicos que auxiliem no processo produtivo, com vistas à especialização; adota estratégias que visam aprimorar o potencial de negócios das propriedades rurais e do produto café, a fim de proceder de forma estratégica e competitiva frente a fornecedores, concorrentes e setores relacionados; exerce atribuição de apoio aos proprietários rurais de café, auxiliando-os a atenderem as demandas dos consumidores, buscando ética, rastreabilidade e qualidade da produção cafeeira, cujo café tenha sabor próprio levando às características peculiares da região e responda às exigências de clientes nacionais e também internacionais, de acordo com a Figura 23, mencionada anteriormente.

3.5 Conclusão

A produção de café no Cerrado Mineiro está localizada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e no Noroeste de Minas, sendo a área de produção estimada em 210 mil hectares, situada em 55 municípios, o surgimento da Região do Cerrado Mineiro e da sua Denominação de Origem ocorreu devido à unidade e também à diversidade da região, com características como pioneirismo e empreendedorismo, em que a Denominação de Origem, reconhecida pela INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial), produz um café com características peculiares, diferentes de qualquer outra região, que reproduz a identidade da região e uma qualidade diferenciada, conforme informações do site Região do Cerrado Mineiro (RCM, 2017).

Evidencia-se que a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, por meio da Federação dos Cafeicultores do Cerrado busca produzir café com ética, rastreabilidade e de alta qualidade, cujo objetivo é integrar a região, desenvolver a região e conectar a região e os produtores, junto aos torrefadores. A Federação assume o papel de representar a origem, os produtores e os produtos da Região do Cerrado Mineiro; controlar a origem e a qualidade dos produtos que usam a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro; e promover a região, os produtores e os produtos com a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro.

O sistema organizacional da Denominação de Origem é composto pela Federação dos Cafeicultores do Cerrado, pelas cooperativas (8), pelas associações (7), pelos armazéns credenciados e exportadores. As fazendas produtoras que participarem da Denominação de Origem devem pertencer à área delimitada Cerrado Mineiro; ter altitude mínima de 800 metros; a espécie oficial é a *Coffea arábica*; o produtor deve ser cooperado ou associado a cooperativas/associações filiadas à Federação dos Cafeicultores do Cerrado e não estar em atraso com as obrigações junto à Federação; Lotes de Produção com qualidade mínima de 80 pontos, de acordo com a metodologia SCAA (Associação Americana de Cafés Especiais); assinar o Termo de responsabilidade de boas práticas e respeito as leis brasileiras; devem depositar os lotes de café nas cooperativas filiadas ou em armazéns credenciados; deve utilizar a sacaria oficial da Região do Cerrado Mineiro, com o Selo de Origem.

A Origem e Qualidade dos Cafés são atestadas pelo órgão Federação dos Cafeicultores do Cerrado, com a Certificação de Origem e Qualidade, que identifica que o produto certificado é do território Região do Cerrado Mineiro; o selo de origem e a sacaria padrão, que o selo costurado na Sacaria, atesta que o café verde, pertence à Denominação de Origem; Certificado de Qualidade e Origem Região do Cerrado Mineiro, que assegura a autenticidade e a qualidade do café, documento emitido pela Federação; o Laudo de Classificação Física e Sensorial, utilizado na avaliação feita pelo Q-Grader da Federação, menciona as notas obtidas pelo café; Selo Industrializado, que comprova ao consumidor, a autenticidade e qualidade a partir do café torrado.

Foi possível perceber que os produtores estão respondendo ao mercado, à medida que ocorrem exigências dos consumidores, os produtores têm buscado atender às demandas. Assim que a capacidade adaptativa é desenvolvida, tem sido presente também na rotina de trabalho dos cafeicultores a capacidade absorptiva, ocorrendo que eles tenham mais facilidade em adaptar-se ao

mercado e suas demandas, sejam de fornecedores ou consumidores. Portanto, observa-se a presença da capacidade de absorver novas práticas, novos conhecimentos, a fim de aprimorar procedimentos e técnicas em prol da qualidade de sua produção de café. Dessa maneira, podem surgir também oportunidades para que a capacidade inovativa possa ser mais empregada, no sentido de tentar se antecipar ao mercado consumidor e aos concorrentes. Dessa forma, menciona-se que as capacidades adaptativa e absorptiva têm sido desenvolvidas neste processo de resposta às demandas do mercado e da Denominação da Origem, e a capacidade inovativa parece ser ainda pouco explorada e desenvolvida.

Deve se mencionar que parte dos dados foi relacionada a alguns produtores e que os mesmos são bastante envolvidos com a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, os quais foram produtores indicados pela Federação. Neste sentido, pondera-se que pode haver uma limitação de estudo, além do número não expressivo de produtores participantes da pesquisa, pode ter ocorrido um viés mais positivo, otimista dos fatos. Argumenta-se que os produtores foram indicados pela Federação, uma vez que estavam engajadas com o projeto. Apesar de não ter sido possível falar com uma gama maior de produtores, haja vista que aproximadamente 800 produtores participam do projeto, o foco da pesquisa foi produtores que já tenha tido resultados.

Como indicações de estudos futuros podem ser mencionados a realização de uma replicação da presente pesquisa com um grande número de produtores rurais, por meio da aplicação de questionários, e também, desenvolver estudo a fim de verificar e acompanhar a aplicabilidade de capacidades inovativas nas propriedades rurais ligadas à Denominação de Origem.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. et al. Innovation and dynamic capabilities of the firm: defining an assessment model. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 57, n. 3, p. 232-244, 2017. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020170304>

AMBROSINI, V.; BOWMAN, C. What are dynamic capabilities and are they a useful construct in strategic management? **International Journal of Management Reviews**, v. 11, issue 1, p. 29-49, 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2370.2008.00251.x>

AMBROSINI, V.; BOWMAN, C.; COLLIER, N. Dynamic capabilities: an exploration of how firms renew their resource base. **British Journal of Management**, v. 20, n. s1, p. 1-41, 2009.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2008.00610.x>

BARBOSA, A. S.; ROMANI-DIAS, M.; ROSA, R. A. Tensões organizacionais como impulsionadoras de capacidades dinâmicas em organizações híbridas. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 17, n. 1, p. 62-75, 2018.
<https://doi.org/10.5585/riae.v17i1.2557>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.

BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
<https://doi.org/10.1177/014920639101700108>

BETHLEM, A. **Estratégia empresarial: conceitos, processo e administração estratégica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 396p.

BOAVENTURA, P. S. M. et al. Cocriação de valor na cadeia do café especial: o movimento da terceira onda do café. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 254-266, 2018.
<https://doi.org/10.1590/s0034-759020180306>

CARDOSO, A. L. J.; KATO, H. T. Análise das publicações sobre capacidades dinâmicas entre 1992 e 2012: discussões sobre a evolução conceitual e as contribuições dos autores de maior notoriedade na área. **Revista de Administração Mackenzie**. ed. esp. São Paulo: Mackenzie, v. 16, n. 3, p. 201-237, 2015.
<https://doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n3p201-237>

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. *Mercator*, v. 9, n. 18, p. 17-26, 2010.
<https://doi.org/10.4215/RM2010.0918.0002>

CERTO, S. C. et. al. **Administração estratégica: planejamento e implantação de estratégias**. 3. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010. 321p.

COMIN, L. C. et al. Competências gerenciais: uma perspectiva dos gestores das empresas do agronegócio. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 228-243, 2017.
<https://doi.org/10.21714/2236-417X2017v7n1p228>

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296p.

DALL'ACQUA, C. T. B. **Competitividade e participação: cadeias produtivas e a definição dos espaços geoeconômico, global e local**. São Paulo: Annablume, 2003. 175p.

DANNEELS, E. The dynamics of product innovation and firm competences. **Strategic Management Journal**, 23, p. 1095-1121, 2002.

<https://doi.org/10.1002/smj.275>

EISENHARDT, K. M.; MARTIN, J. A. Dynamic capabilities: what are they? **Strategic Management Journal**, v. 21, p. 1105-1121, 2000.

[https://doi.org/10.1002/1097-0266\(200010/11\)21:10/11<1105::AID-SMJ133>3.0.CO;2-E](https://doi.org/10.1002/1097-0266(200010/11)21:10/11<1105::AID-SMJ133>3.0.CO;2-E)

ENGELMAN, R.; SCHREIBER, D. A relação entre capital intelectual, capacidade absorptiva e inovação: proposta de um framework. **Desenvolvimento em Questão**, Unijuí, ano 16, n. 43, p. 77-112, 2018.

FARIAS FILHO, M. D.; ARRUDA FILHO, E. J. M. **Planejamento da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2013. 157p.

FLEURY, A. C. C.; FLEURY, M. T. L. Estratégias competitivas e competências essenciais: perspectivas para a internacionalização da indústria no Brasil. **Gestão & Produção**, São Carlos, v.10, n.2, p.129-144, 2003.

<https://doi.org/10.1590/S0104-530X2003000200002>

FROEHLICH, C.; BITENCOURT, C. C.; BOSSLE, M. B. The use of dynamic capabilities to boost innovation in a Brazilian Chemical Company. **Revista de Administração**, São Paulo, p. 479-491, 2017.

FURLAN, M.; ANGNES, J. S.; MOROZINI, J. F. Capacidade absorptiva em propriedades rurais de agricultores associados a uma cooperativa agroindustrial. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, nº 2, Rio de Janeiro, 2018.

GARRIDO, I. L. et al. Mantendo-se inovadoras: o papel do desempenho passado, da capacidade absorptiva e da internacionalização. **Brazilian Business Review**, Vitória, p. 559-574, 2017.

HARRELD, J. B.; O'REILLY, C. A.; TUSHMAN, M. L. Dynamic capabilities at IBM: driving strategy into action. **California Management Review**, v. 49, n. 4, p. 21-43, 2007.

<https://doi.org/10.2307/41166404>

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL. 2018. Guia básico de indicação geográfica. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL. 2015. Indicação geográfica no Brasil. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica/indicacao-geografica-no-brasil>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

KAY, R. D.; EDWARDS, W. M.; DUFFY, P. A. **Gestão de propriedades rurais**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. 452p.

LEITE, J. B. D.; PORSSE, M. C. S. Competição baseada em competências e aprendizagem organizacional: em busca da vantagem competitiva. **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, p. 121-141, 2003.

MORÉ, R. P. O.; VARGAS, S. M. L.; GONÇALO, C. R. Interfaces da capacidade absorptiva numa perspectiva organizacional: interfaces of absorptive capacity in an organizational perspective. **Revista Inova Ação**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 30-52, 2014.

OLIVEIRA, D. P. R. Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas. 31. ed. São Paulo: Atlas, 2013. 343p.

ORTEGA, A. C.; JESUS, C. M. **Café e território**: a cafeicultura no Cerrado Mineiro. Campinas: Alínea, 2012. 246p.

PAIM, R. et al. **Gestão de processos**: pensar, agir e aprender. Porto Alegre: Bookman, 2009. 328p.

PANIZZON, M. et al. Capacidades dinâmicas baseadas em conhecimento e tipos de inovação: proposição de um framework de análise. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v.12, n.1, p.271-302, 2015.

<https://doi.org/10.11606/rai.v12i1.100325>

PORTER, M. E. **Competição** (on competition): estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 515p.

REGIÃO DO CERRADO MINEIRO. Região do Cerrado Mineiro: denominação de origem. Disponível em: <<http://www.cafedocerrado.org/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

REGIÃO DO CERRADO MINEIRO. Café produzido com atitude: ético, rastreável e de alta qualidade. 2016.

SAES, M. S. M.; FARINA, E. M. M. Q. **O agribusiness do café no Brasil**. São Paulo: Milkbizz, 1999. 230p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304p.

SILVA e MEIRELLES, D. S.; CAMARGO, A. A. B. Capacidades dinâmicas: o que são e como identificá-las? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, p. 41-64, 2014.

TAKAHASHI, A. R. W.; BULGACOV, S.; GIACOMINI, M. M. Capacidades dinâmicas, capacidades operacionais (educacional-marketing) e desempenho. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 19, n. 65, p. 375-393, 2017.

TEECE, D.; PISANO, G. The dynamic capabilities of firms: an introduction. **International Institute for Applied Systems Analysis**. Laxenburg/Austria, A-2361, p. 1-28, 1994.

TEH, C. C.; KAYO, E. K.; KIMURA, H. Marcas, patentes e criação de valor. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 9, n. 1, p. 86-106, 2008.

<https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000100005>

VIEIRA, R. C. M. T.; TEIXEIRA FILHO, A. R.; OLIVEIRA, A. J.; LOPES, M. R. (Orgs.). **Cadeias produtivas no Brasil: análise da competitividade**. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2001. 468p.

WANG, C. L.; AHMED, P. K. Dynamic capabilities: a review and research agenda. **International Journal of Management Reviews**, v. 9, i. 1, p. 31-51, 2007.

WINTER, S. G. Understanding dynamic capabilities. **Department of Management The Wharton School University of Philadelphia**, p. 1-9, 2002.

ZAHRA, S. A.; SAPIENZA, H. J.; DAVIDSSON, P. Entrepreneurship and dynamic capabilities: a review, model and research agenda. **Journal of Management Studies**, 43(4), p. 917-955, 2006.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2006.00616.x>

CONCLUSÃO GERAL

A principal contribuição da pesquisa, de ambos os artigos realizados, foi o auxílio às discussões sobre a administração da cadeia produtiva do café, por meio do levantamento de dados realizado com pesquisa documental e/ou aplicação de formulário de perguntas, o qual foi elaborado para a presente pesquisa. No trabalho foram analisadas 99 publicações e houve a realização de um estudo de caso, sendo a pesquisa desenvolvida no formato de dois artigos, obtendo-se assim algumas ponderações de cunho teórico e outras referentes a aspectos mais práticos. Apontam-se como limitações do primeiro artigo o número de publicações estudadas, o período de análise 2007-2017 e o número de variáveis e do segundo o número de entrevistados, uma vez que obteve-se resposta de três participantes.

De forma específica, no primeiro artigo, os resultados da bibliometria apontaram que acerca das características das publicações estudadas, no período analisado, os subtemas mais discutidos sobre a cadeia produtiva do café foram os seguintes: boa prática, consumo, gestão, internacionalização e estratégia e referente às esferas de análise que mais tiveram estudos realizados, foram encontradas: mercado, região, consumidor e indústria.

Sobre o segundo artigo, foi possível evidenciar considerações como: a Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro busca atuar de forma efetiva no processo produtivo do café junto aos produtores que participam da Denominação, no intuito de obter produção de café com alta qualidade, que seja produzida com ética e que tenha a sua rastreabilidade garantida. Desempenhando assim um papel estratégico na região com a criação de vantagem competitiva, uma vez que realiza suporte com treinamentos, com uso de tecnologias e com auxílio no desenvolvimento de capacidades dinâmicas.

Sobretudo faz-se importante o desenvolvimento das localidades, no caso, estudou-se o café, que é um cultivo com impacto expressivo na economia de Minas Gerais e até mesmo do Brasil e também a questão da regionalidade da marca “Região do Cerrado Mineiro”, que tem conquistado mercados nacionais e internacionais e levado o nome e o *terroir* da região. Além disso, destaca-se a importância de estudos sobre a região, uma vez que o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba possui um alto potencial produtivo, com número de proprietários rurais e trabalhadores bastante significativo.

Contribuições teóricas podem ser apontadas no primeiro artigo, no que se trata da análise por meio da revisão sistemática e da bibliometria, visto que houve a elaboração de um protocolo

de execução da pesquisa e, além disso, a verificação para confirmação ou não das três leis da bibliometria. Ainda, obteve-se considerações que apontam os assuntos que tem sido mais discutidos no meio acadêmico e que possivelmente são temáticas essenciais para as práticas da cafeicultura. Por meio da bibliometria, é possível reunir publicações de um mesmo tema e, por conseguinte, de subtemas, fazer leituras focadas e ampliar o conhecimento sobre o que se estuda, da mesma maneira que permite ao leitor observar autores e diversas características das pesquisas. As esferas de análise mais frequentes promovem uma visão do cenário e até mesmo de perspectivas futuras sobre o tema analisado.

Referente ao segundo artigo argumenta-se no sentido de ter obtido novas discussões a respeito da Teoria das Capacidades Dinâmicas, especialmente sobre as Capacidades Absortivas, Adaptativas e Inovativas, uma vez que procurou-se identificar a existência e o desenvolvimento dessas capacidades. Outro aspecto muito importante foi em relação à implementação da Denominação de Origem, à atuação e ao desempenho estratégico.

Sobre as contribuições práticas, em relação ao primeiro artigo observa-se que foi possível elencar vários estudos e discussões que podem auxiliar no campo prático da cadeia produtiva do café, uma vez que por meio da bibliometria verifica-se muitos conteúdos e experiências que podem ser aplicados.

Em relação ao segundo artigo, realizou-se um estudo de caso, apresentando aspectos gerenciais da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, a forma como a mesma se organiza e atua, o qual pode subsidiar a participação de novos proprietários rurais e empreendedores na Denominação e proporcionar o crescimento dos participantes em relação à cadeia produtiva do café e ao mercado cafeicultor.

Produção Tecnológica

A Produção Tecnológica resultante da presente pesquisa foi à elaboração de um mapa-esquema para acompanhar a absorção e a adaptação de práticas dos cafeicultores participantes da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro. O objetivo dessa ferramenta é mapear e analisar o antes e o depois da rotina e dos procedimentos realizados pelos cafeicultores filiados à Federação dos Cafeicultores do Cerrado que aderiram ao Projeto de Denominação de Origem e uso do Selo de Origem. De forma específica o intuito é realizar diagnóstico do novo produtor, para ver se o mesmo está apto a participar e no caso de estar apto, proceder ao acompanhamento de como está sendo a evolução das práticas de qualidade e rastreabilidade de sua produção.

Foi feita a verificação junto à representante da Federação e eles ainda não desenvolveram nenhuma ferramenta semelhante. Assim, foi elaborado o mapa-esquema, apresentado na próxima página, com intuito de colaborar com a gestão do processo de Denominação de Origem e concessão de Selo de Origem aos produtores e ajudar a acompanhar as mudanças ocorridas com cada produtor e o seu processo de melhorias de práticas, com objetivo de garantia de qualidade e rastreabilidade da produção, de forma que seja possível identificar lacunas e oportunidades de aperfeiçoamento para que os produtores consigam atingir novos mercados e manter os atuais clientes, que buscam um diferencial em termos de qualidade do café.

O mapa/esquema é um formulário elaborado como produto tecnológico da presente dissertação, cujas vistas é auxiliar à Federação dos Cafeicultores do Cerrado e, por conseguinte, apoiar o crescimento e a efetivação das atividades da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro. A seguir, foram mencionadas algumas orientações sobre a utilização e o preenchimento do mapa/esquema:

a) para que serve: o formulário tem o intuito de acompanhar a atuação dos produtores rurais em suas propriedades rurais e a situação econômico/financeira de suas produções de café; assim para realização do mapeamento da situação inicial e anual das práticas do produtor rural de café;

b) quem deve preencher: o mapa/esquema deve ser preenchido por representante da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, devidamente capacitado;

c) como deve ser preenchido: a forma de preencher o documento é por meio de questionamentos aos produtores rurais, para coleta de dados;

d) quais informações devem compor o formulário: o formulário deve ser preenchido com os dados dos produtores que desejarem participar da Denominação de Origem Região do Cerrado Mineiro, sendo a "avaliação inicial" e também daqueles que já fazem parte da Denominação de Origem, com a "avaliação anual", ressalta-se que o novo produtor que desejar participar da Denominação de Origem deve preencher o formulário e efetivando sua filiação, após transcorridos períodos anuais, deve realizar novamente avaliações;

e) quando deve ser preenchido: o formulário deve ser utilizado em duas etapas, ou seja, em um momento inicial, para "avaliação inicial" e também para acompanhar periodicamente "avaliação anual", assim a cada ano deve ser feita avaliação, tanto produtores recém-filiados quanto os demais produtores, devem participar da avaliação anual de acompanhamento.

Figura 28 - Apresentação do Produto Tecnológico da Dissertação

MAPA/ESQUEMA - Avaliação de Acompanhamento - Parte 1

Nome do produtor/fazenda: _____

MAPA/ESQUEMA - Avaliação Inicial

Mapeamento da situação inicial das práticas do produtor- Data: ____/____/____

Mapeamento anual da situação das práticas do produtor- Data: ____/____/____

Qual é o processo de produção de café realizado na sua propriedade rural?

Ocorreu alguma alteração de procedimentos de produção?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Possui algum controle para qualidade da produção de café?

Como está sendo realizado o controle de qualidade da produção de café?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Quais tecnologias usa?

Foi realizada adesão a novas tecnologias? Quais?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Possui alguma certificação? Qual? Possui alguma prática sustentável? Qual?

Como está o processo de certificação?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Conhecimento sobre a dinâmica do mercado de cafés?

Houve mudança em relação à percepção da dinâmica do mercado de cafés?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Ficha de Controle - Parte 2

Ficha Controle - Data: ___/___/___ (Sacas - 60 kg)		Ficha Controle - Data: ___/___/___ (Sacas - 60 kg)	
Valor de venda por saca de café		Valor de venda por saca de café	
Custo de produção por saca de café		Custo de produção por saca de café	
Produção em sacas de café		Produção em sacas de café	
Produtividade (sacas por hectare)		Produtividade (sacas por hectare)	
Qualidade da bebida	Bebida: Peneira: Defeitos: Aroma:	Qualidade da bebida	Bebida: Peneira: Defeitos: Aroma:
Incidência de pragas e doenças		Incidência de pragas e doenças	

REFERÊNCIAS (GERAL)

BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 248p.

FEIJÓ, R. L. C. **Economia agrícola e desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 362p.

KAGEYAMA, A. A. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 240p.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Café no Brasil**. Revisado em março 2017. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/cafe/cafeicultura-brasileira>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ORTEGA, A. C.; JESUS, C. M. **Café e território**: a cafeicultura no Cerrado Mineiro. Campinas: Alínea, 2012. 246p.

SILVA, R. A. G. **Administração rural**: teoria e prática. 3. ed. Curitiba: Juruá, 2013. 230p.

APÊNDICES

Apêndice I - Lista dos artigos analisados na Pesquisa Bibliométrica – Artigo 1:

Artigos – Pesquisa Bibliométrica				
	Título	Autor(es)	Ano	Periódico
1	Modelo de maturidade para processos de certificação no Sistema Agroindustrial do café	Geraldo Magela Jardim Barra; Marcelo Bronzo Ladeira	2017	Revista de Gestão
2	Connoisseurship consumption community and its dynamics	Ronan Torres Quintão; Eliane Pereira Zamith Brito; Russel W. Belk	2017	Revista Brasileira de Gestão de Negócios
3	The taste transformation ritual in the specialty coffee market	Ronan Torres Quintão; Eliane Pereira Zamith Brito	2017	Revista de Administração de Empresas
4	Delta cafés (Portugal): sustainable business development	Olgierd Swiatkiewicz	2017	Revista de Gestão e Sustentabilidade
5	Avaliação de eficiência de estratégias de hedge para o risco de preço do café do Brasil com o uso de contratos da BM&FBOVESPA	Waldemar Antonio da Rocha de Souza; André Ricardo Reis Costa; Tristão Sócrates Baptista Cavalcante; Claudio Zancan; Pedro Valentim Marques	2017	Revista de Administração da UFSM
6	Aglomerações produtivas na indústria do café em Minas Gerais	Caio Peixoto Chain; Francisval de Melo Carvalho; Naiara Leite dos Santos Sant'Ana; Luiz Gonzaga de Castro Junior; Renato Elias Fontes	2016	Gestão e Regionalidade
7	Análise da competitividade do mercado exportador brasileiro de café	Alison Geovani Schwingel Franck; Mygre Lopes da Silva; Rodrigo Abbade da Silva; Daniel Arruda Coronel	2016	Desafio Online
8	A terceira onda do café em Minas Gerais	Elisa Reis Guimarães; Luiz Gonzaga de Castro Júnior; Helga Cristina Carvalho de Andrade	2016	Organizações Rurais e Agroindustriais
9	Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru	Jorge Luiz Sanches Arevalo; Dyego de Oliveira Arruda; Josué Pires de Carvalho	2016	Organizações Rurais e Agroindustriais
10	Concentração espacial na indústria do café em Minas Gerais	Caio Peixoto Chain; Luiz Gonzaga de Castro Júnior; Richardson Coimbra Borges; Francisval de Melo Carvalho	2016	Organizações Rurais e Agroindustriais
11	Fontes e redes de informação na produção cafeeira do cerrado mineiro, MG	Douglas Ken Nagai; Giuliana Aparecida Santini Pigatto; Timóteo Ramos Queiroz	2016	Interações
12	Formas plurais na aquisição da matéria-prima: uma análise do setor de torrefação e moagem de café no Brasil	Caroline Foscaches; Maria Sylvia Macchione Saes; Gabriela Feresin Jardim Vacari	2016	Revista Organização e Sociedade

13	Práticas de gestão do conhecimento na internacionalização de pequenas empresas: um estudo comparativo de casos na indústria de café	Ricardo Vinícius Dias Jordão	2016	Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos
14	Teorias institucionais aplicadas aos estudos de sistemas agroindustriais no contexto do agronegócio café: uma análise conceitual	Geraldo Magela Jardim Barra; Marcelo Bronzo Ladeira	2016	Revista de Gestão
15	A importância dos mercados futuro e a termo na comercialização do café arábica: uma análise a partir do modelo de Markowitz	Gil Barabach; Carlos Eduardo Lobo e Silva	2015	Revista Gestão Organizacional
16	Empreendedorismo internacional e effectuation: o caso do café Yaguara Ecológico	Paula Porto; Renato Cotta de Mello	2015	Revista Eletrônica de Negócios Internacionais
17	Fatores condicionantes da gestão de riscos de cafeicultores do sul de Minas Gerais	Cássio Henrique Garcia Costa; Luiz Gonzaga Castro Júnior; Cristina Lelis Leal Callegario; Fabrício Teixeira Andrade; Diego Humberto de Oliveira	2015	Organizações Rurais e Agroindustriais
18	O efeito do tipo de produto e das capacidades logísticas sobre o ciclo do pedido	Roberto Giro Moori; Ester Felix; Eliacy Cavalvanti Lelis; Adilson Caldeira	2015	Revista Eletrônica de Administração
19	O papel da colaboração no desempenho da gestão da cadeia de suprimentos: um estudo sobre o café orgânico	Paolo Edoardo Coti-Zelati; Roberto Giro Moori	2015	Organizações Rurais e Agroindustriais
20	Atributos determinantes para compra de defensivos agrícolas: um estudo sobre o cafeicultor na região de Patrocínio – MG	Wendel Alex Castro Silva; Ricardo William Pinheiro; Cristiana Fernandes Muylder	2014	Organizações Rurais e Agroindustriais
21	Estratégias na cadeia produtiva do café no norte pioneiro do Paraná: competição, colaboração e conteúdo estratégico	Márcia de Souza Bronzeri; Sérgio Bulgacov	2014	Organizações Rurais e Agroindustriais
22	Representações de espaço e sociabilidades organizacionais em dois cafés na grande Vitória	Helena Wanguestel Serrate; Letícia Dias Fantinel	2014	Revista Pensamento e Realidade
23	Estruturas de governança interna e a capacidade de inovação em pequenas firmas brasileiras de torrefação e moagem de café	Gabriela Feresin Jardim; Maria Sylvia Macchione Saes; Luiz Ferraz de Mesquita	2013	Revista de Administração
24	Excesso de confiança em relação aos preços de venda: um estudo entre cafeicultores	Rodrigo Lanna Franco da Silveira; Alexandre Gori Maia; Maria Sylvia Macchione Saes; José César Cruz Júnior	2013	Revista de Administração
25	Motivações e estratégias de inserção no contexto da cafeicultura orgânica: um estudo no sul de Minas Gerais	Flávia Luciana Naves Mafra; Thálita de Resende Cardoso; Luiz Antonio Staub Mafra; Mônica Carvalho Alves Cappelle	2013	Administração Pública e Gestão Social

26	Trajectoria de capacidade tecnológica da Cia. Iguçu de café solúvel	Rafael Kuramoto Gonzalez; Sieglinde Kindl da Cunha	2013	Revista de Administração e Inovação
27	Análise das variáveis de custos do café arábica nas principais regiões produtoras do Brasil	Lara Cristina Francisco de Almeida Fehr; Sérgio Lemos Duarte; Marcelo Tavares; Ernando Antônio dos Reis	2012	Revista UNA
28	Avaliação da cafeicultura pela abordagem do custeio variável em propriedades nas principais regiões produtoras do Brasil	Fabrizio Teixeira de Andrade; Luiz Gonzaga de Castro Júnior; Cássio Henrique Garcia Costa	2012	Organizações Rurais e Agroindustriais
29	Coordenação e qualidade no sistema Fairtrade: o exemplo do café	Bruno Varella Miranda; Maria Sylvia Macchione Saes	2012	Organizações Rurais e Agroindustriais
30	Eficiência econômica da cafeicultura no sul de Minas Gerais: uma abordagem pela análise envoltória de dados	Adriano Higino Freire; Ricardo Pereira Reis; Danielle Pedretti Moraes Lima; Renato Elias Fontes	2012	Organizações Rurais e Agroindustriais
31	Fronteira de produção e eficiência econômica da cafeicultura mineira	André Luis Ribeiro Lima; Ricardo Pereira Reis; Ricardo César Alves	2012	Organizações Rurais e Agroindustriais
32	O consumidor de café expresso em Minas Gerais: diferenças, hábitos e preferências	Danilo de Oliveira Sampaio; Alexandre Bragança Coelho; Marlusa Gosling; André Francisco Alcântara Fagundes; Caissa Veloso e Sousa	2012	Gestão e Regionalidade
33	Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades	Leticia Dias Fantinel; Tânia Maria Diederichs Fischer	2012	Gestão e Sociedade
34	Produção de significações do espaço e sociabilidade em um café artesanal de Salvador	Letícia Dias Fantinel; Neusa Rolita Cavedon; Tânia Maria Diederichs Fischer	2012	Revista Interdisciplinar de Gestão Social
35	Sabor e bem-estar: uma relação entre atributos de produto e valores pessoais de consumidores de marcas regionais de café	Márcio Lopes Pimenta; Éderson Luiz Piato; Luiz Henrique de Barros Vilas Boas; Stella Naomi Moriguchi	2012	Brazilian Business Review
36	Testando modelos de precificação de opções: análise das opções de compra sobre contratos futuros de café arábica na BM&FBOVESPA	Julyerme Matheus Tonin; Alexandre Bragança Coelho	2012	Revista de Economia e Administração
37	A percepção e as estratégias de ação do pesquisador de café em sua rede colaborativa	Uajará Pessoa Araújo; Luiz Marcelo Antonialli; Fábio Muller Guerrini; Renato Ferreira de Oliveira	2011	Revista de Administração Contemporânea
38	Características da certificação na cafeicultura brasileira	Cassio Franco Moreira; Elisabete A. de Nadai Fernandes; Carlos Eduardo de Freitas Vian; Fábio Sileno Tagliaferro; Christian Turra	2011	Organizações Rurais e Agroindustriais
39	Certificação de café: análise da validação dos benefícios propostos pela FLO aos agentes envolvidos na obtenção do selo Fairtrade em uma cooperativa de cafeicultores de	Aglaenne Flávia da Rocha; Alcindo Cipriano Argolo Mendes	2011	Administração Pública e Gestão Social

	Minas Gerais			
40	Determinantes da adoção da tecnologia de despolpamento na cafeicultura: estudo de uma região produtora da Zona da Mata de Minas Gerais	Giovani Blasi Martino Lanna; Erly Cardoso Teixeira; Ricardo Pereira Reis	2011	Organizações Rurais e Agroindustriais
41	Dinâmica da cadeia produtiva do café: um estudo sobre a gestão interinstitucional do consórcio brasileiro de pesquisa e desenvolvimento do café	Marcelo Márcio Romaniello; Thaís Mara Rezende	2011	Interface
42	Dinâmica em redes aplicada à pesquisa do café no Brasil	Uajará Pessoa Araújo; Luiz Marcelo Antonialli; Fábio Muller Guerrini; Almiralva Ferraz Gomes	2011	Organizações Rurais e Agroindustriais
43	Valores pessoais e percepção de atributos em marcas regionais de café na cidade de Lavras	Márcio Lopes Pimenta; Marcos Hideyuki Yokoyama; Luiz Henrique de Barros Vilas Boas; Stella Naomi Moriguchi; Juliana Flávia Palazzo Macedo	2011	Revista de Administração da UFSM
44	Variáveis dos custos de produção versus preço de venda da cultura do café no segundo ano da lavoura	Sérgio Lemos Duarte; Carlos Antônio Pereira; Marcelo Tavares; Ernando Antônio dos Reis	2011	Revista de Gestão
45	Variáveis relevantes do consumidor do café solúvel sob o enfoque da diferenciação	Roberto Giro Moori; Diógenes de Souza Bido; Luciel Henrique de Oliveira	2011	Organizações Rurais e Agroindustriais
46	A marca como instrumento agregante de valor para o produto brasileiro no exterior: o caso do café gourmet	Diego José Pessôa; Maria José Scassiotti de Souza	2010	Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM
47	Capital social em um consórcio de pesquisa	Uajara Pessoa Araújo; Luiz Marcelo Antonialli; Mozar J. de Brito; Fábio Müller Guerrini	2010	Revista de Administração de Empresas
48	Custos de transação nas operações de exportação de café na região Sul de Minas Gerais	Ricardo Silveira Martins; Wesley Silva Xavier; Renato Luiz Sproesser	2010	Organizações Rurais e Agroindustriais
49	Impactos da estabilização monetária e da estratégia competitiva da indústria sobre o consumo de café torrado no Brasil	José Marcos Carvalho de Mesquita; José Edson Lara; Gustavo Quiroga Souki	2010	Organizações Rurais e Agroindustriais
50	Inovações tecnológicas de embalagens nas indústrias de alimentos: estudo de caso da adoção de embalagem ativa em empresas de torrefação de café	Aldara da Silva César; Cláudia de Mori; Mário Otávio Batalha	2010	Revista Brasileira de Inovação
51	Os pilares da qualidade: o processo de implementação do Programa de Qualidade do Café (PQC)	Paulo Henrique Montagnana Vicente Leme; Rosa Teresa Moreira Machado	2010	Organizações Rurais e Agroindustriais
52	Rent appropriation among rural entrepreneurs: three experiences in coffee production in Brazil	Maria Sylvia Macchione Saes	2010	Revista de Administração

53	Análise comparativa da viabilidade econômica dos sistemas de produção convencional e integrado de café	Vanessa da Fonseca Pereira; Talles Girardi Mendonça; Brício dos Santos Reis	2008	Organizações Rurais e Agroindustriais
54	As fazendas dos barões do café no Brasil: patrimônio histórico rural e turismo	Geísa Martins Soares; Nelson Antonio Quadros Vieira Filho	2008	Reuna
55	Capacidades diferenciadoras como vantagem competitiva nas empresas torrefadoras de café	Letícia de Oliveira	2008	Revista de Administração da UFSM
56	Direito ambiental: percepção dos agentes envolvidos na destinação final das embalagens de agrotóxicos, de acordo com a Lei no 9.974/00, na região cafeeira do município de Lavras, no sul de Minas Gerais	Walter Braga Junior; Marcelo Márcio Romaniello	2008	Gestão e Regionalidade
57	Efeito do Fair trade na cooperativa de agricultores familiares de café de Poço Fundo, MG	Renato Ferreira de Oliveira; Uajará Pessoa Araújo; Antônio Carlos dos Santos	2008	Organizações Rurais e Agroindustriais
58	Interação pesquisaextensão: uma análise da comunicação entre os atores sociais no processo de difusão e transferência de inovações tecnológicas para o agronegócio café	Marcelo Márcio Romaniello; Paulo Tácito Gontijo Guimarães	2008	Interface
59	O que o kaffee de lá tem que o café daqui não tem: um estudo comparativo entre os sistemas agroindustriais do café alemão e brasileiro	Mara Luiza Gonçalves Freitas	2008	Revista de Administração Mackenzie
60	Séries de tempo com erros não lineares: uma avaliação da persistência e assimetria na volatilidade de derivativos de café e boi gordo na BM&F	Anderson Luiz Rezende Mól	2008	Interface
61	Value-at-risk da base em operações vendidas de hedge nos contratos futuros de café arábica na BM&F	Anderson Luiz Rezende Mól	2008	Interface
62	A distribuição de Quase-Renda e a estratégia de diferenciação no café	Maria Sylvia Macchione Saes	2007	Revista de Administração Contemporânea
63	Avaliação do programa de gestão inter-institucional circuito sul mineiro de cafeicultura na região sul do estado de Minas Gerais	Marcelo Márcio Romaniello; Robson Amâncio; Samuel Carvalho De Benedicto	2007	Revista de Administração Contemporânea
64	O papel das associações de interesse privado no mercado cafeeiro brasileiro	Geraldo Magela Jardim Barra; Virgílio César da Silva e Oliveira; Rosa Teresa Moreira Machado	2007	Revista de Gestão
Teses				
	Título	Autor	Ano	Programa de Pós-graduação
				Instituição

1	Campo organizacional e adoção de Indicação Geográfica (IG): um estudo sobre a produção de cafés especiais no Brasil	Josué Pires de Carvalho	2017	Doutorado em Administração de Organizações	Universidade de São Paulo
2	Desverticalização da colheita mecanizada na cafeicultura	Gustavo Magalhães de Oliveira	2017	Mestrado em Administração	Universidade de São Paulo
3	Inteligência competitiva na cafeicultura: mineração textual em notícias publicadas na web	Paulo de Oliveira Lima Junior	2016	Doutorado em Administração	Universidade Federal de Lavras
4	Rotulagem como mecanismo de compartilhamento de informações com agentes da cadeia produtiva do café	Marcello Nicoleli	2016	Doutorado em Administração	Universidade Federal de Lavras
5	A construção do mercado de cafés certificados e sustentáveis da Utz Certified no Brasil: as práticas e os arranjos de mercado	Paulo Henrique Montagnana Vicente Leme	2015	Doutorado em Administração	Universidade Federal de Lavras
6	Modelos de valor presente como instrumentos para estimativa de preços de contratos de boi gordo, café arábica, milho e dólar norte-americano no Brasil	Carlos Eduardo Mariano da Silva	2015	Doutorado em Administração de Empresas	Universidade Presbiteriana Mackenzie
7	Posicionamento e imagem de marca no mercado de café verde	Lucio Garcia Caldeira	2015	Doutorado em Administração	Universidade Federal de Lavras
8	The rite of passage from regular to connoisseur consumer: the role of the taste transformation ritual in the specialty coffee context	Ronan Torres Quintão	2015	Doutorado em Administração de Empresas	Fundação Getúlio Vargas
9	Café com Leite e Tecnologia: casos de aprendizagem nas organizações	Bernadete Oliveira Sidney Viana Dias	2013	Doutorado em Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
Dissertações					
	Título	Autor	Ano	Programa de Pós-graduação	Instituição
1	A certificação ABIC como estratégia de marketing no processo de compra pelo consumidor de Paracatu/MG	Douglas Yamamoto	2016	Mestrado Profissional em Administração	Universidade Metodista de Piracicaba
2	Análise sensorial por meio da sinestesia em diferentes alimentos e para consumidores de diferentes	Mirella Cais Jejcic de Oliveira	2016	Mestrado em Administração	Escola Superior de Propaganda e Marketing

	nacionalidades				
3	As estratégias de internacionalização das cooperativas agropecuárias de café da Região do Cerrado Mineiro	Erick de Freitas Moura	2016	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Uberlândia
4	Café fazenda Ninho da Águia: um estudo de caso sobre a internacionalização de uma fazenda produtora de café especial	Cesar Waddington Cruz	2016	Mestrado em Administração	Universidade Federal do Rio de Janeiro
5	Financeirização do mercado de commodities agrícolas: reflexões sobre especulação financeira e segurança alimentar	Raphael Camargo Penteadó	2016	Mestrado em Administração	Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
6	O processo de sucessão em empreendimentos agrícolas: um estudo sobre a continuidade das fazendas de café em Minas Gerais	Walber Machado de Oliveira	2016	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
7	Terceira onda do café: base conceitual e aplicações	Elisa Reis Guimarães	2016	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
8	Trajatória e perspectivas econômicas de muriaé - MG: o papel dos atores locais na articulação do desenvolvimento econômico	Raphael Campana Marinho	2016	Mestrado Profissional em Administração	Universidade Federal Fluminense
9	A comercialização e sustentabilidade do café arábica típica orgânico de Taquaritinga do Norte-PE	Roques Matias de Oliveira Junior	2015	Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural	Universidade Federal Rural de Pernambuco
10	Agregação de valor pelo agroturismo: um estudo na cadeia produtiva do café em Araponga – MG	Helga Cristina Carvalho de Andrade	2015	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
11	Análise da eficiência do uso de contratos futuros para gestão de risco de preço de commodities de países emergentes	Marcio Rodrigues Bernardo	2015	Mestrado em Administração	Universidade Federal do Rio de Janeiro
12	Análise econométrica da competitividade entre Brasil e Colômbia no mercado de café arábica	Guilherme Lara Alvarenga	2015	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
13	Conhecendo os valores pessoais do produtor rural de café na compra de insumos agrícolas	Janaina Gabliardi Bara	2015	Mestrado em Administração de Organizações	Universidade de São Paulo

14	Drawback de café robusta: solução para os problemas de competitividade enfrentados pela indústria brasileira de café solúvel?	Julio de Oliveira Barbareso	2015	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
15	O café brasileiro: um panorama do setor e suas tendências para 2020	Fernando Rezende Silva Neves Rati	2015	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
16	Análise dos impactos dos especuladores nos retornos dos preços futuros das principais commodities agrícolas exportadas pelo Brasil	Marina Campanelli Romeu	2014	Mestrado Profissional em Administração de Empresas	Fundação Getúlio Vargas
17	Boas práticas agrícolas e certificação na cafeicultura	Agda Silva Prado	2014	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
18	Critérios de escolha para a compra e consumo de café: um estudo com universitários da cidade de Varginha-MG	Marcos Fuzatto Ferreira	2014	Mestrado Profissional em Administração	Faculdade Pedro Leopoldo
19	Desempenho das exportações de café solúvel do Brasil	Jullyanna Nair de Carvalho	2014	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
20	Desenvolvimento econômico local: o café das montanhas capixabas no mercado internacional	Geraldine Cassia Moniz de Souza Tonoli	2014	Mestrado Profissional em Administração de Empresas	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
21	Do coador de pano à cápsula: mudanças nas práticas de consumo de café no Brasil nos últimos 50 anos	Ana Paula Pydd Teixeira	2014	Mestrado em Administração	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
22	Transação e mensuração em sistemas Fairtrade no Paraná: um estudo das estruturas de governança	Gustavo Antonie Risso	2014	Mestrado em Administração	Universidade Estadual de Maringá
23	Estratégias de posicionamento no ramo de cafés especiais	Caroline Mendonça Nogueira	2013	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras
24	Estruturas de governança e apropriação de renda no sistema agroindustrial do café	Carolina Andrea Gomez Winkler	2013	Mestrado em Administração	Universidade Estadual de Maringá
25	O comportamento do consumidor de café: um estudo no município de Belo Horizonte	Fabiano Bento de Sá	2013	Mestrado Profissional em Administração	Centro Universitário UNA
26	Valores pessoais dos consumidores de cafés especiais	Lilian Carolina Viana	2013	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Lavras

**Apêndice II - Formulário de perguntas utilizado em entrevista com responsável pela
Federação dos Cafeicultores do Cerrado - Artigo 2**

- 1) No seu ponto de vista, como está organizada a cadeia produtiva do café localizada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, quais são seus principais setores e agentes que atuam nessa cadeia produtiva?
- 2) Como surgiu a ideia de obter a Denominação de Origem “Região do Cerrado Mineiro”? Quais os objetivos?
- 3) Como é a relação entre Produtores Rurais, Cooperativas/Associações, Federação dos Cafeicultores do Cerrado e a Denominação de Origem?
- 4) Como a Denominação de Origem “Região do Cerrado Mineiro” atua, do ponto de vista estratégico, na referida região? Qual o seu papel em relação à cadeia produtiva como um todo?
- 5) Mais especificamente, quais estratégias têm sido utilizadas pelo setor cafeeiro com vistas ao crescimento? Qual a relação com a Denominação de Origem?
- 6) De que forma a Denominação de Origem auxilia no posicionamento dos Produtores Rurais/Cooperativas/Federação, diante de:
 - a) Tecnologias
 - b) Internacionalização
 - c) Produção de café especial
 - d) Produção regional
 - e) Outros
- 7) Quais os resultados/ganhos (estratégicos) para Produtores Rurais/Cooperativas/Federação e demais agentes da cadeia produtiva com a Denominação de Origem?
- 8) Se possível, comente sobre casos de sucesso com Propriedades Rurais ou Empresas e indique pessoas que possam contribuir com a pesquisa, com respostas ao formulário de perguntas.

Apêndice III - Formulário de perguntas utilizado em questionário com responsáveis de Propriedades Rurais - Artigo 2

- 1) No seu ponto de vista, como está organizada a cadeia produtiva do café localizada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, quais são seus principais setores e agentes que atuam nessa cadeia produtiva?
- 2) Como surgiu a ideia de obter a Denominação de Origem “Região do Cerrado Mineiro”? Quais os objetivos?
- 3) Como é a relação entre Produtores Rurais, Cooperativas/Associações, Federação dos Cafeicultores do Cerrado e a Denominação de Origem?
- 4) Como a Denominação de Origem “Região do Cerrado Mineiro” atua, do ponto de vista estratégico, na referida região? Qual o seu papel em relação à cadeia produtiva como um todo?
- 5) Mais especificamente, quais estratégias têm sido utilizadas pelo setor cafeeiro com vistas ao crescimento? Qual a relação com a Denominação de Origem?
- 6) De que forma a Denominação de Origem auxilia no posicionamento dos Produtores Rurais/Cooperativas/Federação, diante de:
 - a) Tecnologias
 - b) Internacionalização
 - c) Produção de café especial
 - d) Produção regional
 - e) Outros diferenciais do café
- 7) Quais os resultados/ganhos (estratégicos) para Produtores Rurais/Cooperativas/Federação e demais agentes da cadeia produtiva com a Denominação de Origem, como foi antes e depois da Denominação de Origem?